

Mo

PATRICK
MODIANO
UMA RUA DE ROMA

Prêmio Nobel de Literatura 2014

ROCCO EDITORE

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Patrick Modiano

UMA RUA DE ROMA

Tradução de
Herbert Daniel e Cláudio Mesquita

Posfácio de
Bernardo Ajzenberg

ROCCO ITALIA

Para Rudy.

Para meu pai.

SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

IX

X

XI

XII

XIII

XIV

XV

XVI

XVII

XVIII

XIX

XX

XXI

XXII

XXIII

XXIV

XXV

XXVI

XXVII

XXVIII

XXIX

XXX

XXXI

XXXII

XXXIII

XXXIV

XXXV

XXXVI

XXXVII

XXXVIII

XXXIX

XL

XLI

XLII

XLIII

XLIV

XLV

XLVI

XLVII

A poção mágica de Modiano por Bernardo Ajzenberg

Sobre o autor

Créditos

I

Não sou nada. Nada além duma silhueta clara, naquela tarde, na esplanada de um café. Esperava que a chuva parasse, um chubaréu que começara a cair no momento em que Hutte me deixava.

Algumas horas antes, tínhamo-nos encontrado pela última vez no escritório da Agência. Hutte estava, como de costume, atrás da sólida escrivaninha, mas usava o sobretudo, o que dava a nítida impressão de uma partida. Eu estava sentado diante dele, na poltrona reservada aos clientes. O abajur de opalina vazava uma luz intensa, que me ofuscava.

– Pois é, então, Guy... Acabou-se... – disse Hutte, com um suspiro.

Um dossiê vagava à toa sobre a escrivaninha. Talvez o do pequeno homem moreno de olhos assustados e rosto balofo, que nos encarregara de seguir sua mulher. Durante as tardes, ela ia se encontrar com outro pequeno homem moreno de rosto balofo num hotel clandestino da rua Vital, vizinha à avenida Paul-Doumer.

Hutte acariciava pensativamente a barba, uma barba grisalha, curta, mas que lhe escondia as bochechas. Seus grandes olhos claros encaravam o vazio. À esquerda da escrivaninha, a cadeira de vime, na qual me assentava nas horas de trabalho. Atrás de Hutte, prateleiras de madeira escura cobriam a metade da parede: aí se encontravam catálogos telefônicos e anuários de todos os tipos dos últimos cinquenta anos. Hutte dissera-me várias vezes que eram instrumentos de trabalho insubstituíveis, dos quais jamais se separaria. E que tais catálogos e anuários constituíam a mais preciosa e comovedora biblioteca que alguém pudesse ter, pois em suas páginas estavam registrados muitos seres, coisas e mundos desaparecidos, sobre os quais só aqueles volumes prestavam testemunho.

– Que é que você vai fazer com todos esses catálogos? – perguntei a Hutte, indicando com um largo movimento de braços as prateleiras.

– Vou deixá-los aqui, Guy. Vou conservar este apartamento alugado.

Lançou um rápido olhar em torno de si. Os dois batentes da porta que dava acesso ao pequeno cômodo vizinho estavam abertos e percebiam-se o sofá de veludo gasto, a lareira e o espelho no qual se refletiam as fileiras de listas e catálogos e o rosto de Hutte. Frequentemente nossos clientes esperavam neste cômodo. Um tapete persa cobria o assoalho. Na parede, perto da janela, estava pendurado um ícone.

– Em que está pensando, Guy?

– Em nada. Então, vai conservar o apartamento alugado?

– Sim. Voltarei às vezes a Paris, e a Agência será minha pousada.

Ele me ofereceu sua cigarreira.

– Acho menos triste conservar a Agência tal como era.

Havia já mais de oito anos que trabalhávamos juntos. Ele mesmo criara esta agência policial privada, em 1947, e trabalhara com muitas outras pessoas antes de mim. Nosso papel era fornecer aos clientes o que Hutte chamava de “informações mundanas”. Tudo se passava, como repetia com satisfação, entre “pessoas de bem”.

– Você acha que poderá viver em Nice?

– Claro.

– Não vai se aborrecer?

Soprou a fumaça do cigarro.

– É preciso algum dia se aposentar, Guy.

Levantou-se pesadamente. Hutte devia pesar mais de cem quilos e media um metro e noventa e cinco.

– Meu trem sai às vinte e cinquenta e cinco. Temos tempo de tomar um trago.

Foi à minha frente no corredor que leva ao vestíbulo. Este tem uma curiosa forma oval e as paredes bege descoradas. Uma pasta negra, tão cheia que não pudera ser fechada, estava posta no chão. Hutte pegou-a. Carregava-a, sustentando-a com a mão.

– Você não tem bagagem?

– Mandei tudo antes de mim.

Hutte abriu a porta de entrada, e eu apaguei a luz do vestíbulo. No corredor, Hutte hesitou um momento antes de fechar de novo a porta, e o estalido metálico deu-me uma pontada no coração. Marcava o fim de um longo período da minha vida.

– Dá fossa, hein, Guy? – disse-me Hutte, tirando do bolso do sobretudo um grande lenço com o qual enxugava a testa.

Na porta, permanecia a placa retangular de mármore negro, onde estava escrito em letras douradas e bordadas:

C. M. HUTTE

investigações particulares

– Deixo-a aí – disse-me Hutte.

Depois deu uma volta na chave.

Seguimos a avenida Niel até a praça Pereire. Anoitecia e, ainda que estivéssemos próximos do inverno, o ar estava morno. Na praça Pereire, sentamo-nos na esplanada do Café des Hortensias. Hutte gostava de lá, porque as cadeiras eram esculpidas “como antigamente”.

– E você, Guy, quais são seus planos, que vai fazer? – perguntou-me, após ter bebido um trago.

– Eu? Sigo uma pista.

– Uma pista?

– Sim. Uma pista de meu passado...

Eu dissera essa frase com um tom pomposo, que o fez sorrir.

– Sempre acreditei que um dia você reencontraria seu passado.

Desta vez falara gravemente, e isso me comoveu.

– Sabe, Guy, eu me pergunto se isso vale realmente a pena...

Silenciou-se. Em que refletia? No próprio passado?

– Vou lhe dar uma chave da Agência. Você pode passar por lá de tempos em tempos. Isso me agradaria.

Estendeu-me uma chave, que enfiei no bolso da minha calça.

– E telefone-me em Nice. Ponha-me ao corrente... a respeito do seu passado...

Levantou-se e apertou-me a mão.

– Quer que o acompanhe até o trem?

– Ah, não... não... É tão triste...

Saiu do café com passos apressados, evitando olhar para trás, e experimentei uma sensação de vazio. Esse homem fora muito importante para mim. Sem ele, sem sua ajuda, pergunto-me o que teria sido de mim, há dez anos, quando fui atingido subitamente por uma amnésia e tateava no nevoeiro. Ele ficara comovido com meu caso e, graças às suas inumeráveis relações, até me conseguira uma nova documentação.

– Tome – dissera-me, entregando-me um grande envelope contendo uma carteira de identidade e um passaporte. – Você se chama agora “Guy Roland”.

E esse detetive, que eu viera consultar para que usasse suas habilidades na procura de testemunhas ou traços do meu passado, acrescentara:

– Meu caro “Guy Roland”, de agora em diante, não olhe mais para trás e pense no presente e no futuro. Proponho que você trabalhe comigo...

Simpatizara comigo porque também ele – soube mais tarde – perdera os próprios rastros, e todo um pedaço da sua vida naufragara num repente, sem que tivesse subsistido qualquer fio condutor, qualquer ligação que ainda pudesse até-

lo ao passado. O que havia de comum entre este velho senhor atarracado que vejo se distanciar na noite com seu sobretudo gasto e sua enorme pasta negra, e o jogador de tênis de outros tempos, o belo e louro barão báltico Constantin von Hutte?

II

— **A**lô? Senhor Paul Sonachitzé?

– Ele mesmo.

– Aqui fala Guy Roland... O senhor sabe, o...

– Sim, claro que sei! Podemos nos ver?

– Como o senhor quiser...

– Pode ser, vejamos... esta noite às nove horas, na rua Anatole-de-la-Forge?...

Está bem para o senhor?

– De acordo.

– Espero o senhor. Até logo.

Desligou bruscamente, e o suor escorria nas minhas têmporas. Eu bebera um copo de conhaque, para tomar coragem. Por que uma coisa tão insignificante como discar um número de telefone me provoca tanta amargura e apreensão?

No bar da rua Anatole-de-la-Forge não havia nenhum freguês, e ele estava atrás do balcão, vestindo traje passeio.

– O senhor acertou na mosca – disse-me ele. – Tenho folga todas as noites de quarta.

Aproximou-se de mim e pôs seu braço sobre meus ombros.

– Pensei muito no senhor.

– Obrigado.

– Isso me preocupa realmente, acredite...

Gostaria de ter-lhe dito que não se preocupasse comigo, mas não encontrava as palavras.

– Creio, afinal, que o senhor devia pertencer ao círculo de relações de alguém que eu encontrava frequentemente em certa época... Mas quem?

Ele balançava a cabeça.

– O senhor não pode me dar uma pista?

– Não.

– Por quê?

– Eu não possuo nenhuma memória.

Acreditou que eu brincava e, como se se tratasse de um jogo ou de uma charada, disse:

– Bem. Vou me virar sozinho. O senhor me dá carta branca?

– Se o senhor quiser.

– Então, hoje à noite, eu o levo para jantar no restaurante de um amigo.

Antes de sair, abaixou, com um gesto seco, o interruptor de um relógio de eletricidade, e fechou a porta de madeira maciça dando várias voltas na chave.

Seu automóvel estava estacionado no passeio do outro lado. Era negro e novo. Gentilmente, abriu-me a porta.

– Este meu amigo dirige um restaurante muito agradável entre Ville-d’Avray e Saint-Cloud.

– E iremos até lá?

– Sim.

Da rua Anatole-de-la-Forge desembocamos na avenida de la Grande-Armée e tive a tentação de abandonar subitamente o carro. Ir até Ville-d’Avray parecia-me insuportável. Mas era preciso ser corajoso.

Até chegarmos à saída da cidade para Saint-Cloud, tive que combater o medo pânico que me dominava. Pouco conhecia este Sonachitzé. Não estaria me levando para uma emboscada? Mas, aos poucos, ouvindo-o falar, fui me pacificando. Ele me contava as diferentes etapas da sua vida profissional. Trabalhara, inicialmente, em boates russas, depois no Langer, um restaurante nos jardins dos Champs-Élysées, depois no Hotel Castille, na rua Cambon, passara por outros estabelecimentos, antes de se ocupar desse bar da rua Anatole-

de-la-Forge. Constantemente, ele se encontrava nas suas andanças com Jean Heurteur, o amigo que iríamos encontrar, de modo que tinham formado uma parceria durante duas dezenas de anos. Heurteur também tinha memória. Juntos, certamente, resolveriam o “enigma” que eu propunha.

Sonachitzé dirigia com muita prudência, e demoramos aproximadamente quarenta e cinco minutos para chegar ao nosso destino.

Uma espécie de bangalô do qual um salgueiro escondia o lado esquerdo. À direita, distinguia-se um conjunto de arbustos. A sala do restaurante era ampla. Do fundo, onde brilhava uma luz forte, um homem caminhava em nossa direção. Estendeu-me a mão.

– Muito prazer, senhor. Jean Heurteur.

Depois, dirigindo-se a Sonachitzé:

– Olá, Paul.

Ele nos encaminhava para o fundo da sala. Uma mesa com três pratos estava preparada, e no centro dela havia um buquê de flores.

Indicou uma das portas-janelas:

– Tenho clientes no outro bangalô. Um casamento.

– O senhor nunca veio aqui? – perguntou-me Sonachitzé.

– Não.

– Então, Jean, mostre-lhe a vista.

Heurteur precedeu-me até uma varanda, que se debruçava sobre um lago. À esquerda, uma pontezinha arqueada, no estilo chinês, levava a um outro bangalô, do outro lado do lago. As janelas grandes estavam violentamente iluminadas, e por trás delas eu via passarem casais. Dançava-se. Réstias de uma música chegavam até nós vindas de lá.

– Não são muitos – disse-me –, e tenho a impressão de que esta boda vai acabar em orgia.

Deu de ombros.

– O senhor deveria vir no verão. A gente janta na varanda. É agradável.

Voltamos para a sala do restaurante, e Heurteur fechou a porta-janela.

– Eu lhes preparei um jantar despretensioso.

Fez gestos, pedindo-nos para nos assentarmos. Eles estavam lado a lado, à minha frente.

– Que tipo de vinho o senhor prefere? – perguntou-me Heurteur.

– Deixo-lhe a escolha.

– Château-petrus?

– Uma excelente ideia, Jean – disse Sonachitzé.

Um jovem de paletó branco nos servia. A luz que provinha da luminária presa à parede incidia diretamente sobre mim e me clareava. Os outros estavam na sombra, mas sem dúvida tinham me colocado ali para melhor me reconhecer.

– E então, Jean?

Heurteur começara a comer sua galantina e lançava-me, ocasionalmente, um olhar penetrante. Era moreno, como Sonachitzé, e, como este, tingia os cabelos. Uma pele verrugosa, bochechas flácidas e finos lábios de gastrônomo.

– Sim, sim... – murmurou.

Eu piscava os olhos, por causa da luminosidade. Serviu-nos vinho.

– Sim... sim... creio que já vi o senhor...

– É um verdadeiro quebra-cabeça – disse Sonachitzé. – Ele se recusa a nos orientar num caminho...

Parecia estar tomado de uma inspiração.

– Talvez, porém, o senhor prefira que não falemos mais do assunto? Prefere permanecer incógnito?

– Absolutamente, não – disse com um sorriso.

O jovem garçom nos servia um *ris de veau*.

– Qual é a sua profissão? – perguntou Heurteur.

– Trabalhei durante oito anos numa agência de detetive, a agência do senhor

C. M. Hutte.

Eles me observaram atentos, estupefatos.

– Mas isso não tem, certamente, nenhuma relação com a minha vida anterior. Portanto, não levem isso em consideração.

– Que curioso – declarou Heurteur, fixando-me –, não se pode afirmar que idade o senhor tem.

– Deve ser por causa do meu bigode, sem dúvida.

– Sem o seu bigode – disse Sonachitzé – nós o reconheceríamos, talvez, imediatamente.

Esticou o braço, colocou a mão atravessada logo abaixo do meu nariz para esconder o bigode e piscava como um retratista diante do seu modelo.

– Quanto mais o olho, mais tenho a impressão de que ele pertencia a um grupo de notívagos... – disse Heurteur.

– Mas quando? – perguntou Sonachitzé.

– Oh... há muito tempo... Já se passou uma eternidade desde que trabalhávamos em boates noturnas, Paul. – Você pensa que poderia ser do tempo do Tanagra?

Heurteur me encarou, e seu olhar era cada vez mais intenso.

– Desculpe-me – disse. – Poderia levantar-se um instante?

Atendi seu pedido. Olhava-me da cabeça aos pés e dos pés à cabeça.

– Mas claro, isto me lembra um cliente. Seu tamanho... Espere...

Levantou a mão e se petrificou como se quisesse reter alguma coisa que ameaçava dissipar-se de um momento a outro.

– Espere... Espere... É isto, Paul...

Tinha um sorriso triunfal.

– Pode sentar-se de novo.

Estava radiante. Tinha certeza de que o que iria dizer faria grande efeito. Servia-nos vinho, a Sonachitzé e a mim, com modos cerimoniais.

– É isto!... O senhor estava sempre acompanhado de um homem tão alto quanto o senhor... Talvez ainda mais alto... Isto não te lembra nada, Paul?

– Mas de qual época você está falando? – perguntou Sonachitzé.

– Da época do Tanagra, é óbvio...

– Um homem tão alto quanto ele? – repetiu para si mesmo Sonachitzé. – No Tanagra?

– Não te diz nada?

Heurteur balançava os ombros.

Agora era a vez de Sonachitzé exibir um sorriso de triunfo. Balançava a cabeça.

– Já sei...

– Então?

– Stioppa.

– Claro. Stioppa...

Sonachitzé tinha se virado para mim.

– Conhece Stioppa?

– Talvez – disse prudentemente.

– Mas claro... – disse Heurteur. – O senhor acompanhava frequentemente Stioppa... Tenho certeza...

– Stioppa...

Julgando pela maneira com que Sonachitzé pronunciava, era um nome russo, seguramente.

– Era ele que pedia sempre à orquestra que tocasse: “Alaverdi”... – disse Heurteur. – Uma canção do Cáucaso.

– O senhor se recorda? – perguntou-me Sonachitzé, apertando-me fortemente o punho. – “Alaverdi”...

Assobiava essa canção, com os olhos brilhando. Eu também, subitamente, me sentia emocionado. Parecia-me conhecer essa canção.

Naquele momento, o garçom que nos servira o jantar aproximou-se de Heurteur e mostrou-lhe alguma coisa, no fundo da sala.

Uma mulher estava sentada, sozinha, numa das mesas, na penumbra. Usava um vestido azul-pálido e apoiava o queixo com as palmas da mão. Com que sonhava?

– A noiva.

– Que está fazendo ela aí? – perguntou Heurteur.

– Não sei – disse o garçom.

– Você lhe perguntou se desejava alguma coisa?

– Não. Não. Ela não quer nada.

– E os outros?

– Encomendaram mais uma dúzia de garrafas de Krugg. Heurteur balançou os ombros.

– Não tenho nada com isso.

E Sonachitzé, que não tinha prestado nenhuma atenção na “noiva” nem ao que diziam, repetia-me:

– Então... Stioppa... Lembra-se de Stioppa?

Estava tão irrequieto que acabei respondendo, com um sorriso que eu pretendia que fosse misterioso:

– Sim, sim. Um pouco...

Ele se virou para Heurteur e disse-lhe solenemente:

– Ele se lembra de Stioppa.

– Exatamente como eu pensava.

O garçom de paletó branco permanecia imóvel diante de Heurteur, com ar embaraçado.

– Senhor, creio que eles vão utilizar os quartos... Como é que se deve fazer?

– Eu estava desconfiado – disse Heurteur – de que este casamento terminaria mal... Pois bem, meu chapa, deixa andar. A gente não tem nada com isso...

A noiva, lá adiante, permanecia imóvel à sua mesa. E tinha cruzado os braços.

– Eu me pergunto por que ela fica ali sozinha – disse Heurteur. – Enfim, a gente não tem absolutamente nada com isto.

E gesticulava com a mão no ar, como se espantasse uma mosca.

– Voltemos ao nosso negócio – disse. – Então, admite ter conhecido Stioppa?

– Sim – suspirei.

– Consequentemente, pertenciam ao mesmo grupo... Uma turma do barulho, hein, Paul?

– Oh...! Desapareceram todos – disse Sonachitzé com uma voz lúgubre. – Exceto o senhor... Estou encantado de ter podido lhe... lhe “localizar”... O senhor pertencia à turma de Stioppa... Parabéns... Era uma época muito mais bonita do que a nossa, e principalmente as pessoas eram de melhor qualidade que atualmente...

– E principalmente éramos mais jovens – disse Heurteur, rindo.

– Em que época era isso? – perguntei-lhes, com o coração palpitando.

– Estamos embaralhados com as datas – disse Sonachitzé. – De todo modo, isso é do tempo do dilúvio...

Estava abatido, bruscamente.

– Há, às vezes, coincidências – disse Heurteur.

E levantou-se, dirigiu-se a um pequeno bar, num canto da sala, e trouxe-nos um jornal do qual folheou as páginas. Enfim, passou-me o jornal mostrando o seguinte anúncio:

“Foi-nos pedido anunciar o falecimento de Marie de Rosen, ocorrido em 25 de outubro, aos 92 anos.

“Da parte de sua filha, de seu filho, de seus netos, sobrinhos e sobrinhos-netos.

“E da parte de seus amigos Georges Sacher e Stioppa de Djagoriev.

“A cerimônia religiosa, seguida do enterro no cemitério de Sainte-Geneviève-

des-Bois, ocorrerá em 4 de novembro às dezesseis horas, na capela do cemitério.

“A missa de nono dia será celebrada em 5 de novembro na igreja ortodoxa russa, na rua Claude-Lorrain, 19, 75016, Paris.

“O presente edital serve como comunicado.”

– Então, Stioppa está vivo? – perguntou Sonachitzé. – O senhor ainda o encontra?

– Não – disse eu.

– O senhor tem razão. É preciso viver no presente. Jean, não nos serve um digestivo?

– Imediatamente.

A partir desse momento, pareceram desinteressar-se completamente de Stioppa e do meu passado. Mas isso não tinha nenhuma importância, já que eu possuía enfim uma pista.

– Eu podia guardar este jornal? – perguntei com uma fingida indiferença.

– Mas é claro – disse Heurteur.

Brindamos. Assim, do que eu fora antes, restava apenas uma silhueta na memória de dois barmen, e ainda por cima ela estava parcialmente encoberta pela de um certo Stioppa de Djagoriew. E desse Stioppa, não tinham tido notícias “desde o dilúvio”, como dizia Sonachitzé.

– Então, o senhor é detetive particular? – perguntou-me Heurteur.

– Agora não sou mais. Meu patrão acaba de se aposentar.

– E o senhor? Continua?

Dei de ombros, sem responder.

– De todo modo, ficaria encantado de revê-lo. Volte aqui, quando quiser.

Levantou-se e nos estendeu a mão.

– Desculpem-me... Eu os despeço assim, mas é que tenho ainda que fazer a contabilidade... E os outros, com a orgia deles...

Fez um gesto na direção do lago.

– Até logo, Jean.

– Até logo, Paul.

Heurteur olhava-me pensativamente. Com a voz muito lenta:

– Agora que está de pé, o senhor me recorda uma outra coisa...

– Ele te recorda o quê? – perguntou Sonachitzé.

– Um cliente que entrava todas as noites muito tarde, quando trabalhávamos no Hotel Castille...

Sonachitzé, por sua vez, observava-me da cabeça aos pés.

– Afinal de contas, é possível – disse-me – que o senhor seja um antigo cliente do Hotel Castille...

Sorri de um modo constrangido.

Sonachitzé pegou meu braço e atravessamos o salão do restaurante, ainda mais obscuro do que quando chegáramos. A noiva de vestido azul-pálido não estava mais à sua mesa. Fora, escutamos vagas de música e de risos que vinham do outro lado do lago.

– Por favor – pedi a Sonachitzé –, pode me recordar qual era a canção que sempre pedia esse... esse...

– Esse Stioppa.

– Sim.

Pôs-se a assobiar os primeiros acordes. Depois parou.

– Vai rever Stioppa?

– Talvez.

Apertou-me fortemente o braço.

– Diga-lhe que Sonachitzé ainda pensa frequentemente nele.

Seu olhar demorava-se sobre mim:

– No fundo, Jean talvez tenha razão. O senhor era um cliente do Hotel Castille... Tente se lembrar... Hotel Castille, na rua Cambon...

Virei a cabeça e abri a porta do carro. Alguém se aconchegara no banco

dianteiro, com a testa encostada na vidraça. Inclinei-me e reconheci a noiva. Ela dormia, seu vestido azul-pálido levantado até quase o meio das coxas.

– É preciso tirá-la daí – disse-me Sonachitzé.

Sacudi-a levemente, mas ela dormia ainda. Então, tomei-a pela cintura e consegui retirá-la do automóvel.

– A gente, afinal, não vai poder deixá-la no chão – eu disse.

Carreguei-a nos braços até o albergue. Sua testa tinha se virado sobre meu ombro e seus cabelos louros me acariciavam o pescoço. Ela tinha um perfume apimentado que me recordava alguma coisa. Mas o quê?

III

Faltavam quinze minutos para as seis. Propus ao chofer do táxi que me esperasse na pequena rua Charles-Marie-Widor e segui por esta rua, a pé, até a rua Claude-Lorrain, onde se encontrava a igreja russa.

Uma casa de um andar, cujas janelas tinham cortinas de tule. Do lado direito, uma aleia muito larga. Parei no passeio da frente.

Primeiramente vi duas mulheres que pararam diante da porta da casa, do lado da rua. Uma era morena, com os cabelos curtos e um xale de lã negra; a outra, uma loura, muito maquiada, exibia um chapéu cinzento cuja forma era aquela dos chapéus dos mosqueteiros. Escutava-as falando em francês.

De um táxi saltou um velho homem corpulento, de crânio completamente calvo, e grandes bolsas sob os olhos puxados de mongol. Ele entrava pela aleia.

À esquerda, vindo da rua Boileau, um grupo de cinco pessoas avançava na minha direção. Na frente, duas mulheres maduras sustentavam um velho pelos braços, um velho tão branco e frágil que parecia feito em gesso. Atrás, vinham dois homens parecidos, pai e filho, certamente, ambos vestidos de ternos cinzentos com listas, de corte elegante; o pai com a aparência de canastrão, o filho com os cabelos louros e ondulados. Neste momento, um automóvel freava à altura do grupo e dele descia um outro velho empinado e ágil, envolvido com uma capa de lã grossa e com os cabelos grisalhos em escovinha. Tinha ar de militar. Seria Stioppa?

Todos entravam na igreja por uma porta lateral, no fundo da aleia. Gostaria de tê-los seguido, mas minha presença entre eles atrairia sua atenção. Sentia uma angústia cada vez maior com a ideia de que eu corria o risco de não identificar Stioppa.

Um carro acabava de estacionar um pouco mais longe, à direita. Desceram dois homens, depois uma mulher. Um dos homens era muito alto e usava um sobretudo azul-marinho. Atravessei a rua e esperei-os.

Eles se aproximam, se aproximam. Parece-me que o homem alto me percebe antes de entrar na aleia com os outros dois. Atrás das janelas de vitral que dão para a aleia, círios queimam. Ele se curva para atravessar a porta, muito baixa para ele, e tenho a certeza de que é Stioppa.

O motor do táxi funcionava, mas não havia ninguém no volante. Uma das portas estava entreaberta, como se o chofer fosse voltar a qualquer momento. Onde poderia estar? Olhei em torno e decidi dar uma volta no quarteirão, à sua procura.

Encontrei-o num café perto dali, na rua Chardon-Lagache. Estava numa mesa diante de um chope.

– O senhor ainda vai demorar muito? – indagou-me.

– Oh... uns vinte minutos.

Um louro de pele branca, com bochechas gordas e olhos azuis arregalados. Acho que jamais vi nenhum homem que tivesse os lóbulos da orelha tão carnudos.

– Não se incomoda que eu deixe rodar o taxímetro?

– Não me incomoda – afirmei.

Sorriu gentilmente.

– O senhor não tem medo de que roubem o seu táxi?

Deu de ombros.

– Ora, o senhor sabe...

Pedi um sanduíche e comeu-o conscienciosamente, encarando-me com um olhar baço.

– O senhor está esperando o quê, exatamente?

- Alguém que deve sair da igreja russa, perto daqui.
- O senhor é russo?
- Não...
- Foi bobagem... O senhor deveria ter-lhe perguntado a que hora ele sairia...

Teria lhe custado menos...

- Tanto faz.

Pedi outro chope.

- O senhor pode me comprar um jornal? – pediu-me.

Esboçou um gesto de procurar no bolso algumas moedas, mas eu o retive.

- Não, por favor...

- Obrigado. O senhor me traga *Le Hérisson*. Obrigado de novo, viu?

Deambulei muito, antes de descobrir uma banca de jornal na avenida de Versailles. *Le Hérisson* era publicado num papel de um tom verde-cremoso.

Ele o lia, franzindo o cenho e virando as páginas depois de ter molhado o dedo indicador com uma lambida. E eu olhava esse louro gordo de olhos azuis e pele branca ler seu jornal verde.

Não ousava interromper a leitura dele. Enfim, consultou seu minúsculo relógio de pulso.

- É preciso ir.

Na rua Charles-Marie-Widor, sentou-se ao volante do seu táxi e pedi que me esperasse. De novo, coloquei-me diante da igreja russa, mas no passeio oposto.

Ninguém. Talvez já tivessem todos partido? Então, eu não tinha mais nenhuma oportunidade de reencontrar a pista de Stioppa de Djagoriew, pois este nome não constava na Lista Telefônica de Paris. Os círios ainda ardiam atrás dos vitrais das janelas, do lado da aleia. Teria eu conhecido essa velhíssima senhora por quem celebravam o ofício? Se tivesse tido relações com Stioppa, seria provável que ele me tenha apresentado seus amigos e indubitavelmente essa Marie de Rosen. Ela deveria ser muito mais velha do que nós, naquela época.

A porta por onde tinham entrado e que devia dar acesso à capela onde se celebrara a cerimônia, essa porta que eu não parava de vigiar, abriu-se subitamente, e nela se enquadrou a mulher loura com o chapéu de mosqueteiro. A morena com o xale negro seguia atrás. Depois, o pai e o filho, com seus ternos cinza de listras, segurando o velho de gesso que falava ao homem gordo e calvo, com cabeça de mongol. E este inclinava-se e quase encostava sua orelha na boca do seu interlocutor: a voz do velho de gesso não deveria passar de um ligeiro suspiro, certamente. Outros seguiam. Eu vigiava Stioppa, com o coração aos saltos.

Enfim, ele saiu, entre os últimos. Sua grande altura e seu sobretudo azul-marinho permitiam que não o perdesse de vista, pois eles eram numerosos, pelo menos umas quarenta pessoas. A maioria tinha uma certa idade, mas eu notava algumas mulheres jovens e inclusive duas crianças. Todos permaneciam na aleia e conversavam uns com os outros.

Poderia se pensar no pátio de recreio de uma escola da província. O velho com a coloração de gesso tinha sido sentado num banco, e todos vinham alternadamente cumprimentá-lo. Quem seria? “Georges Sacher” mencionado no aviso mortuário do jornal? Ou um velho aluno da École des Pages? Talvez ele e essa senhora Marie de Rosen tenham vivido um curto idílio em Petersburgo, ou às margens do mar Negro, antes que tudo naufragasse? O gordo careca com olhos mongóis tinha também muita gente à sua volta. O pai e o filho, com seus cinzentos ternos de listras, iam de um grupo a outro, como dois dançarinos mundanos de mesa em mesa. Pareciam muito enfatuados, e o pai de vez em quando ria, jogando a cabeça para trás, o que eu achava inesperado.

Stioppa mantinha uma grave conversação com a mulher com chapéu cinza de mosqueteiro. Ele a tomava pelo braço e pelo ombro, num gesto de respeitosa afeição. Devia ter sido um belo homem. Eu lhe dava 70 anos. Seu rosto estava um tanto macilento, sua testa nua, mas o nariz bastante forte, e o porte da

cabeça parecia-me de uma grande nobreza. Era esta, pelo menos, minha impressão a distância.

O tempo passava. Passara já aproximadamente meia hora, e continuavam a conversar. Temia que um deles terminasse notando minha presença, ali, em pé, no passeio. E o chofer de táxi? Retomei em grandes passadas até a rua Charles-Marie-Widor. O motor continuava ligado, e ele estava sentado ao volante, mergulhado no seu jornal verde-creme.

– E então? – perguntou-me.

– Não sei – disse-lhe. – Talvez seja preciso esperar ainda uma hora.

– O seu amigo ainda não saiu da igreja?

– Sim, mas ele conversa com outras pessoas.

– E não pode lhe dizer que venha?

– Não.

Seus grandes olhos azuis fixaram-se sobre mim com uma expressão inquieta.

– Não se preocupe – disse-lhe.

– É pelo senhor... Sou obrigado a deixar o taxímetro rodando...

Voltei ao meu posto, diante da igreja russa.

Stioppa avançara alguns metros. De fato, já não estava mais no fundo da aleia, mas na calçada, no centro de um grupo formado pela mulher loura com chapéu de mosqueteiro, a mulher morena com xale negro, o homem calvo com olhos puxados de mongol e dois outros homens.

Desta vez, atravessei a rua e me pus ao lado deles, postando-me de costas para eles. Os estalos carinhosos das vozes russas me envolveram, e esse timbre mais grave, mais metálico que os outros, seria o da voz de Stioppa? Virei-me. Ele abraçava longamente a mulher loura com chapéu de mosqueteiro, quase que a sacudia, e suas feições estavam crispadas num esgar doloroso. Depois, abraçou do mesmo modo o gordo calvo de olhos puxados, e os outros, cada um de uma vez. O momento da partida, pensei. Corri até o táxi, joguei-me no assento.

– Depressa... Em frente... diante da igreja russa.

Stioppa continuava a lhes falar.

– Que faço agora? – perguntou-me o chofer.

– Está vendo o cara alto de azul-marinho?

– Estou.

– Vai ser preciso segui-lo, se estiver de carro.

O chofer virou-se para trás, olhou-me bem, e seus olhos azuis se arregalaram.

– Senhor, espero que isto não seja perigoso.

– Não se inquiete – disse-lhe.

Stioppa separava-se do grupo, dava alguns passos e, sem se voltar, agitava os braços. Os outros, imóveis, olhavam-no distanciar-se. A mulher com o chapéu cinza de mosqueteiro mantinha-se ligeiramente adiante do grupo, empinada, como se fora uma figura de proa de barco, a grande pluma do seu chapéu levemente acariciada pelo vento.

Demorou a abrir a porta do seu carro. Creio que se enganava de chave. Quando estava ao volante, inclinei-me para o chofer de táxi.

– Siga o carro onde entrou o cara de azul-marinho.

E eu desejava não estar me lançando numa falsa pista, pois nada indicava realmente que aquele homem fosse, de fato, Stioppa de Djagoriew.

IV

Não era muito difícil segui-lo: ele dirigia lentamente. Na Porte Maillot, furou um sinal vermelho, e o chofer de táxi não ousou imitá-lo. Mas tornamos a apanhá-lo no bulevar Maurice-Barrès. Nossos dois automóveis ficaram lado a lado, numa passagem de nível. Ele me lançou um olhar distraído, como fazem os motoristas que estão lado a lado num engarrafamento.

Estacionou seu carro no bulevar Richard-Wallace, diante dos últimos prédios, próximos da ponte de Puteaux e do Sena. E entrou pela rua Julien-Potin, e paguei o táxi.

– Boa sorte, senhor – disse-me o chofer. – Aja com prudência...

Adivinhei que ele me acompanhava com os olhos, enquanto eu entrava por minha vez na rua Julien-Potin. Talvez tivesse medo por mim.

A noite caía. Uma rua estreita limitada por edifícios impessoais do entreguerras, o que desenhava uma única e longa fachada, de cada lado, e de um extremo a outro dessa rua Julien-Potin. Stioppa estava algumas dezenas de metros na minha frente. Virou à direita, na rua Ernest-Deloison, e entrou num armazém.

Chegava o momento de abordá-lo. Era extremamente difícil para mim, por causa da minha timidez, e temia que me tomasse por um louco: eu gaguejaria, diria frases disparatadas. A não ser que ele me reconhecesse imediatamente, e aí então eu deixaria que falasse.

Saía do armazém, com um embrulho de papel na mão.

– Senhor Stioppa de Djagoriew?

Ele pareceu realmente muito surpreso. Nossas cabeças estavam à mesma altura, o que me intimidava ainda mais.

– Sou, sim. E o senhor, quem é?

Não, ele não me reconhecia. Falava francês sem sotaque. Era preciso ter coragem.

– Eu... eu gostaria de me encontrar com o senhor há... muito tempo...

– Por quê?

– Eu escrevo... escrevo um livro sobre a Emigração... Eu...

– O senhor é russo?

Era a segunda vez que me faziam esta pergunta. O chofer de táxi também me fizera idêntica pergunta. Afinal, talvez, eu tenha sido russo.

– Não.

– E interessa-se pela Emigração?

– Eu... Eu... escrevo um livro sobre a Emigração. Foi... Foi... uma pessoa que me aconselhou a vir encontrá-lo... Paul Sonachitzé...

– Sonachitzé?...

Pronunciava da maneira russa. Era muito suave: o sussurrar ligeiro do vento na folhagem.

– Um nome georgiano... Não conheço...

Franzia o cenho.

– Sonachitzé... não...

– Eu não queria atrapalhar o senhor. Simplesmente fazer algumas perguntas.

– Mas como não, será um grande prazer...

Sorria tristemente.

– Um assunto triste, a Emigração... Por que razão o senhor me chama Stioppa?...

– Eu... não... eu...

– A maioria das pessoas que me chamava de Stioppa morreu. Os que ficaram podem se contar a dedo.

– Foi... esse Sonachitzé...

– Não conheço.

– Poderia... fazer... algumas perguntas?

– Pois não. Quer vir até minha casa? Conversaremos.

Na rua Julien-Potin, depois de ter passado um grande portal antigo, atravessamos uma pracinha cercada de blocos de edifícios. Tomamos um elevador de madeira com uma porta de batente duplo munida de uma grade. E tínhamos, por causa da nossa altura e da exiguidade do elevador, de conservar as cabeças inclinadas e viradas para lados opostos da parede, para não tocarmos nossas testas um no outro.

Morava no quinto andar, num apartamento composto de dois cômodos. Recebeu-me no seu quarto e deitou-se na cama.

– Desculpe-me – disse. – Mas o teto é baixo demais. Se se fica de pé, a gente sufoca.

De fato, só havia alguns centímetros entre o teto e o alto da minha cabeça, e eu era obrigado a me curvar. Aliás, tanto ele quanto eu tínhamos uma cabeça que era mais alta do que a porta de comunicação dos cômodos, e pensei que ele deveria ter frequentemente ferido a testa naquele portal.

– Deite-se, o senhor também... se quiser... – Indicou-me um pequeno divã de veludo verde-claro, perto da janela.

– Não se intimide... o senhor estará muito melhor deitado... Até mesmo sentado, a gente tem a impressão de estar numa cela pequena demais... Isto, isto... deite-se...

Deitei-me.

Ele acendera um abajur de cor salmão, que se encontrava sobre a mesinha de cabeceira, e isso produzia um canto de luz suave e sombras no teto.

– Então, o senhor se interessa pela questão da Emigração?

– Bastante.

– No entanto, é ainda jovem...

Jovem? Jamais pensara que eu podia ser jovem. Um grande espelho de moldura dourada estava pendurado na parede, bem perto de mim. Olhei meu rosto. Jovem?

– Oh... não sou tão jovem assim...

Houve um instante de silêncio. Deitados cada um de um lado do quarto, parecíamos dois fumantes de ópio.

– Estou voltando de uma cerimônia fúnebre – disse-me. – É uma pena que o senhor não tenha encontrado essa senhora muito, muito velha, que morreu... Ela poderia ter lhe contado coisas à beça... Era uma das personalidades mais fascinantes da Emigração...

– É mesmo?

– Uma mulher muito corajosa. No começo, ela tinha inaugurado um pequeno salão de chá, na rua du Mont-Thabor, e ajudava todo mundo... Era muito difícil...

Sentou-se na beirada da cama, curvando as costas, cruzando os braços.

– Eu tinha 15 anos, naquela época... Se fizer um balanço, já não sobram muitos vivos...

– Ainda vive... Georges Sacher... – disse eu, ao acaso.

– Não mais por muito tempo. Conhece-o?

Seria o velho de gesso? Ou o gordo calvo, com a cabeça de mongol?

– Olhe – disse-me. – Não quero mais falar de todas essas coisas... Fico muito triste... Posso simplesmente mostrar-lhe fotos... Há os nomes e as datas atrás... O senhor se arranjará...

– O senhor é realmente muito gentil, aguentando tanta amolação de minha parte.

Sorriu-me.

– Tenho montes de fotografias... Coloquei os nomes e as datas no verso, porque tudo se esquece...

Levantou-se e, curvando-se, passou para o cômodo vizinho.

Escutei-o abrir uma gaveta. Retornou, com uma grande caixa vermelha na mão, assentou-se no chão e apoiou seu dorso na beirada da cama.

– Venha, fique do meu lado. Será mais prático para olhar as fotografias.

Fiz o que pediu. O nome de um confeitiro estava gravado em letras góticas na tampa da caixa. Abriu-a. Estava repleta de fotos.

– Aqui dentro o senhor vai encontrar – disse-me – as principais figuras da Emigração.

Ia me passando as fotos, uma a uma, anunciando o nome e a data que ia lendo no verso, e aquilo se tornava uma litania à qual os nomes russos davam uma particular sonoridade, por vezes explosiva como um ruído de címbalos, às vezes queixosa ou quase sufocada. Troubetskoï. Orbeliani. Cheremeteff. Galitzine. Eristoff. Obolensky. Bagration. Tchavtchavadzé... Algumas vezes ele me retomava uma foto, consultava novamente o nome e a data. Fotos de festa. A mesa do grão-duque Boris num baile de gala do Château-Basque, muito após a Revolução. E esta floração de rostos na foto de um jantar “preto e branco”, de 1914... Fotos de uma sala do liceu Alexandre, de Petersburgo.

– Meu irmão mais velho...

Passava-me as fotografias, cada vez mais rapidamente, e nem mesmo as olhava mais. Aparentemente, tinha pressa de terminar com aquilo. Subitamente, parei interessado numa delas, de um papel mais grosso e na qual não havia nenhuma indicação no dorso.

– Então? – perguntou. – Alguma coisa que o intriga? No primeiro plano, um velho, empinado e sorridente, sentado num sofá. Atrás dele, uma moça loura de olhos muito claros. Ao redor, pequenos grupos de pessoas, a maioria das quais estava de costas. E no lado esquerdo, o braço direito cortado pela borda do retrato, a mão sobre o ombro da moça loura, um homem muito grande, num terno príncipe de gales, de cerca de 30 anos, com cabelos negros, um bigode

fino. Acreditei sinceramente que era eu.

Aproximei-me dele. Nossas costas estavam apoiadas na beira da cama, nossas pernas esticadas no chão, nossos ombros tocavam-se.

– Diga-me, quem são essas pessoas aqui? – perguntei.

Ele pegou o retrato e olhou-o preguiçosamente.

– Ele, ele era Giorgiadzé...

E me indicava o velho, sentado no sofá.

– Esteve no consulado da Geórgia em Paris, até que...

Ele não completava a frase, como se eu devesse compreender a continuação instantaneamente.

– A moça era sua neta... Chamava-se Gay. Gay Orlow... Ela emigrara com seus pais para a América...

– O senhor a conheceu?

– Não muito bem. Não. Ela permaneceu muito tempo na América.

– E ele? – perguntei com uma voz apagada, indicando-me sobre a foto.

– Ele?

Franzia as sobrancelhas.

– Ele... Não conheço.

– Realmente?

– Não.

Respirei profundamente.

– O senhor não acha que ele se parece comigo?

Encarou-me.

– Que se parece com o senhor? Não. Por quê?

– Por nada.

Ele me estendia uma outra foto.

– Tome... A sorte provoca coincidências... muitas...

Era a foto de uma menina usando um vestido branco, com longos cabelos

louros, e fora tirada numa estação balneária, pois viam-se as cabines, um pedaço de praia e de mar. No verso, estava escrito com tinta violeta: “Mara Orlow-Ialta.”

– O senhor vê... É a mesma... Gay Orlow... Ela se chamava Mara... Ainda não tinha seu prenome americano...

E me apontava a jovem moça loura da outra foto que eu continuava segurando.

– Minha mãe guardava todas estas coisas...

Levantou-se bruscamente.

– O senhor se incomodaria se parássemos? Estou ficando com tonteira...

Passava a mão na testa.

– Vou me trocar... Se o senhor quiser, podemos jantar juntos...

Fiquei só, sentado no chão, retratos esparsos ao meu redor. Fui guardando-os na grande caixa vermelha e conservei apenas dois, que coloquei sobre a cama: a foto onde eu figurava ao lado de Gay Orlow e do velho Giorgiadzé, e a de Gay Orlow criança, em Ialta. Levantei-me e fui até a janela.

Anoitecera. A janela dava para uma outra praça cercada de prédios. No fundo, o Sena e, à esquerda, a ponte de Puteaux. E a ilha, que se alongava. Filas de carros atravessavam a ponte. Olhava todas aquelas fachadas de prédios, todas aquelas janelas iluminadas, idênticas à janela atrás da qual eu estava. E tinha descoberto, nesse labirinto de imóveis, de escadarias e elevadores, no meio dessa centena de alvéolos, um homem que talvez...

Colara minha testa na vidraça. Lá embaixo, cada entrada de edifício estava iluminada com uma luz amarelada que brilharia a noite inteira.

– O restaurante é aqui ao lado – disse-me.

Apanhei as duas fotos que deixara sobre a cama.

– Senhor de Djagoriew – disse-lhe –, o senhor poderia me fazer a gentileza de

me emprestar essas duas fotos?

– Dou-as para o senhor.

Apontou a caixa vermelha.

– Eu lhe dou todas as fotos.

– Mas... eu...

– Leve.

O tom era de tal modo imperativo que não tive saída senão obedecer.

Quando deixamos o apartamento, carregava a grande caixa sob o braço.

Na entrada do prédio, tomamos a direção do cais du Général-Koenig.

Descemos uma escadaria de pedra, e lá, bem na beirada do Sena, havia uma construção em tijolos aparentes. Sobre a porta, um letreiro: “Bar Restaurant de l’Île”. Entramos. Uma sala, de teto baixo, com mesas cobertas de toalhas de papel branco e sofás de vime. Pelas janelas, viam-se o Sena e as luzes de Puteaux. Sentamo-nos no fundo da sala. Éramos os únicos clientes.

Stioppa remexeu no seu bolso e colocou no meio da mesa o embrulho que eu o vira comprar no armazém.

– O de sempre? – perguntou-lhe o garçom.

– O de sempre.

– E o senhor? – perguntou o garçom, me indicando.

– O cavalheiro vai comer o mesmo que eu.

O garçom nos serviu rapidamente dois pratos de arenque do Báltico e encheu dois copos, pequenos como dedais, com água mineral. Stioppa tirou do embrulho, que estava no meio da mesa, pepinos, que partilhamos.

– Está bem assim? – perguntou-me.

– Está.

Eu colocara a caixa vermelha sobre uma cadeira, a meu lado.

– Realmente o senhor não quer guardar todas essas lembranças? – perguntei-lhe.

– Não. Agora são suas. Passo-lhe a bandeira.

Comíamos em silêncio. Uma barcaça deslizava tão perto que tive tempo de ver, pelo enquadramento da janela, que os seus ocupantes, em volta de uma mesa, também estavam jantando.

– E essa... Gay Orlow? – disse-lhe. – O senhor tem notícias dela?

– Gay Orlow? Creio que morreu.

– Morreu?

– Acho que sim. Devo ter-me encontrado com ela duas ou três vezes... Eu a conhecia muito superficialmente... Minha mãe é que era amiga do velho Giorgiadzé. Um pouco de pepino?

– Obrigado.

– Creio que ela levou uma vida muito movimentada na América...

– E o senhor sabe quem poderia me informar a respeito dessa... Gay Orlow? Lançou-me um olhar enternecido.

– Meu pobre amigo... ninguém... Talvez alguém na América...

Outra barcaça passou, negra, lenta, como se estivesse abandonada.

– Eu sempre como uma banana como sobremesa – disse-me. – E o senhor?

– Eu também.

Comemos nossas bananas.

– E os pais dessa... Gay Orlow? – perguntei.

– Devem ter morrido na América. Morre-se em toda parte, não é?

– Giorgiadzé não tinha outros familiares na França?

Deu de ombros.

– Mas por que se interessa tanto por Gay Orlow? Era sua irmã?

Sorria-me gentilmente.

– Um café? – ele me perguntou.

– Não, obrigado.

– Eu também não quero.

Quis pagar a conta, mas eu tomei a dianteira. Saímos do Restaurante de l'Île e ele segurou meu braço para subir as escadas do cais. A cerração se espraíara, uma cerração ao mesmo tempo terna e gelada, que enchia os pulmões com tal frescor que se tinha a sensação de flutuar no ar. Na calçada do cais, eu tinha dificuldade de distinguir os edifícios a alguns metros.

Guiei-o, como se fosse um cego, até a pracinha em torno da qual as entradas das escadarias faziam manchas amarelas e constituíam o único ponto de referência. Apertou-me a mão.

– De todo modo, tente reencontrar Gay Orlow – disse-me. – Já que o senhor tem tanta vontade disso...

Vi-o entrando no vestíbulo iluminado do prédio. Parou e me fez um aceno. Eu permanecia imóvel, com a grande caixa vermelha sob o braço, como um menino que volta de uma festa de aniversário, e tinha certeza, naquele instante, de que ele me dizia ainda alguma coisa, mas o nevoeiro abafava o som de sua voz.

V

No cartão-postal, a Promenade des Anglais, e é verão.

Caro Guy, recebi sua carta. Por aqui todos os dias se parecem, mas Nice é uma cidade muito bonita. Você deveria vir até aqui me visitar. Curiosamente, tenho encontrado ao acaso, numa esquina, uma pessoa qualquer que já não via há trinta anos, ou uma outra que pensava que já morrera. Assustamo-nos uns aos outros. Nice é uma cidade de almas penadas e espectros, mas espero não me integrar nisto imediatamente.

A respeito dessa mulher que você procura, o melhor seria telefonar a Bernardy, Mac Mahon 00-08. Ele conservou vínculos muito estreitos com pessoas de diferentes serviços. Para ele, será um prazer transmitir-lhe informações.

Esperando vê-lo em Nice, meu caro Guy, guardo-lhe muita dedicação e carinho.

Hutte

P.S. – Você sabe que as instalações da Agência estão à sua disposição.

VI

23 de outubro de 1965

Objeto: ORLOW, Mara, chamada “Gay” ORLOW.

Nascida em: MOSCOU (Rússia), em 1914, de Kyril ORLOW e Irene GIORGIADZÉ.

Nacionalidade: apátrida. (Os pais da senhorita Orlow e ela mesma, na sua qualidade de refugiados russos, não eram reconhecidos pelo Governo da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas como emigrantes.) A senhorita Orlow possuía um documento comum, uma carteira de residente comum. A senhorita Orlow teria chegado à França em 1936, vinda dos Estados Unidos. Nos Estados Unidos, ela se casou com um Sr. Waldo Blunt, depois divorciou-se.

A senhorita Orlow residiu sucessivamente:

Hotel Chateaubriand, rua du Cirque, 18, Paris (VIII^e)

Avenida Montaigne, 53, Paris (VIII^e)

Avenida du Maréchal-Lyautey, 25, Paris (XVI^e)

Antes de vir para a França, a senhorita Orlow teria sido dançarina nos Estados Unidos.

Em Paris, não se conhece nenhuma das suas fontes de renda, embora ela levasse uma vida luxuosa.

A senhorita Orlow faleceu em 1950, em sua residência, na avenida du Maréchal-Lyautey, 25, Paris (XVI^e), em consequência de uma dose exagerada de barbitúricos.

O senhor Waldo Blunt, seu ex-marido, mora em Paris desde 1952, e exerceu em diversos estabelecimentos noturnos a profissão de pianista. É cidadão

americano. Nasceu em 30 de setembro de 1910, em Chicago.

Carteira de residente: nº 534HC828.

Junto a esta ficha datilografada vinha um cartão de visita com o nome de Jean-Pierre Bernardy, com estas palavras:

“Aí estão todas as informações disponíveis. Minhas sinceras saudações. Envie lembranças minhas a Hutte.”

VII

Sobre a porta envidraçada, um cartaz anunciava que o “pianista Waldo Blunt tocava todos os dias das dezoito às vinte e uma horas no bar do Hotel Hilton”.

O bar estava lotado e não havia nenhum lugar, a não ser uma cadeira vazia na mesa de um japonês que usava óculos com aros dourados. Não me compreendeu, quando me inclinei até ele para pedir-lhe permissão de me sentar, e quando me sentei, ele não deu nenhuma importância.

Clientes, americanos ou japoneses, entravam, conversavam uns com os outros e falavam cada vez mais alto. Permaneciam de pé entre as mesas. Alguns tinham um copo na mão e apoiavam-se nas costas ou nos braços das cadeiras. Uma moça, inclusive, estava empoleirada no colo de um homem de cabelos grisalhos.

Waldo Blunt chegou quinze minutos atrasado e sentou-se ao piano. Um pequeno homem gorducho, com a testa alta e com um bigode fino. Vestia um terno cinza. Inicialmente, girou a cabeça e lançou um olhar circular sobre as mesas, ao redor das quais as pessoas se apertavam. Acariciou o teclado com a mão direita e começou a tocar alguns acordes ao acaso. Eu tinha a sorte de me encontrar numa das mesas mais próximas dele.

Começou uma canção que era, creio, “Sur les quais du vieux Paris”, mas o ruído das vozes e as gargalhadas tornavam a música quase inaudível, e até eu, situado bem perto do piano, não conseguia captar todas as notas. Ele continuava, imperturbável, o busto ereto, a cabeça inclinada. Sentia-me incomodado por ele, sentia pena: dizia-me que, num certo período da sua vida, tinham-no escutado enquanto tocava piano. Desde então, ele deveria ter se habituado ao zumbido perpétuo que abafava sua música. Que dirá ele, quando eu pronunciar o nome de Gay Orlow? Este nome faria com que ele sáísse por um

momento da indiferença com que continuava sua canção? Ou não evocaria nada mais, como essas notas de piano que não conseguiam dominar a barulheira das conversas?

O bar esvaziara-se aos poucos. Sobravam apenas o japonês com os óculos de aro dourado, eu e, bem ao fundo, a jovem que eu vira no colo do homem de cabelos grisalhos, e que estava agora sentada ao lado de um gordo avermelhado com um terno azul-claro. Eles falavam alemão. E muito alto. Waldo Blunt tocava uma música lenta que eu conhecia bem.

Virou-se para nós.

– Querem que lhes toque alguma coisa em especial, senhoras, senhores? – perguntou com uma voz fria, onde despontava um leve sotaque americano.

O japonês, a meu lado, não reagiu. Permanecia imóvel, com o rosto liso, e eu temia vê-lo tombar de sua cadeira ao menor sopro de vento, pois tratava-se certamente de um cadáver embalsamado.

– “Sag warum”, por favor – atirou a mulher do fundo, com uma voz rouca.

Blunt assentiu ligeiramente com a cabeça e começou a tocar “Sag warum”. A luz do bar diminuiu, como em certas boates quando começa a tocar uma música lenta. Eles se aproveitavam disso para se beijar, e a mão da mulher deslizava pela abertura da camisa do gordo avermelhado, depois mais abaixo. Os óculos de aros dourados do japonês lançavam rápidos clarões. Diante do seu piano, Blunt parecia um autômato com sobressaltos: a música de “Sag warum” exige que se apliquem sem parar novos acordes no teclado.

Em que pensava, enquanto atrás dele um gordo avermelhado acariciava a coxa de uma mulher loura e um japonês embalsamado permanecia rígido numa cadeira desse bar do Hilton há vários dias? Não pensava em nada, eu tinha certeza. Vagueava num torpor cada vez mais opaco. Teria o direito de tirá-lo daquele torpor, e de despertar nele alguma coisa dolorosa?

O gordo avermelhado e a loura deixaram o bar, para alugar um quarto,

certamente. O homem a puxava pelo braço e por pouco ela não tropeçou. Não havia mais ninguém, além de mim e do japonês.

Blunt virou-se novamente para nós e disse com sua voz fria:

– Gostariam que lhes tocasse uma outra canção?

O japonês nem mesmo piscou.

– “Que reste-t-il de nos amours”, por favor, senhor – pedi.

Ele tocava essa canção com uma estranha lentidão, e a melodia parecia alargada, atolada num pantanal de onde as notas tinham dificuldade de escapar. De tempo em tempo, ele parava de tocar, como um caminhante esgotado e titubeante. Olhou seu relógio, levantou-se bruscamente e inclinou a cabeça em nossa intenção:

– Senhores, são vinte e uma horas. Boa-noite.

Saiu. Segui logo atrás dele, deixando o japonês embalsamado na sua cripta no bar.

Seguiu o corredor e atravessou o hall deserto.

Alcancei-o.

– Senhor Waldo Blunt?... Eu gostaria de lhe falar.

– Sobre qual assunto?

Olhou-me, acossado.

– É sobre alguém que o senhor conheceu... Uma mulher que se chamava Gay. Gay Orlow...

Permaneceu imóvel no meio do hall.

– Gay...

Esubalhava os olhos, como se a luz de um projetor tivesse sido lançada sobre seu rosto.

– O senhor... conheceu... Gay?

– Não.

Tínhamos saído do hotel. Uma fila de homens e mulheres em trajes de gala

de cores vibrantes – vestidos longos de cetim verde ou azul-celeste, e smokings grená – esperava táxis.

– Eu não tinha intenção de incomodá-lo.

– O senhor não me incomoda – falou-me, com ar preocupado. – Há já tanto tempo que não ouvia falar de Gay... Mas quem é o senhor?

– Sou um primo dela. Eu... gostaria de saber alguma coisa a respeito dela.

– Alguma coisa?

Com o indicador ele esfregava a têmpora.

– E o que deseja que lhe diga?

Tomamos uma rua estreita ao lado do hotel, que levava até o Sena.

– Preciso voltar para casa – disse-me.

– Acompanho o senhor.

– Então, é realmente primo de Gay?

– Sim. Gostaríamos de ter informações sobre ela, na nossa família.

– Ela morreu faz muito tempo.

– Eu sei.

Caminhava com passos rápidos, e eu tinha dificuldade de acompanhá-lo.

Tentava permanecer a seu lado. Tínhamos chegado ao cais Branly.

– Moro aqui em frente – disse-me, indicando a outra margem do Sena.

Tomamos a ponte de Bir-Hakeim.

– Não lhe poderei dar muitas informações. Conheci Gay muito tempo atrás.

Ele diminuía a velocidade da sua marcha, como se se sentisse em segurança.

Talvez tivesse caminhado rápido até lá, porque pensava que estivesse sendo seguido. Ou para me deixar para trás.

– Não sabia que Gay tinha família – disse-me.

– Sim... Sim... do lado Giorgiadzé...

– Desculpa, como é?

– A família Giorgiadzé... Seu avô chamava-se Giorgiadzé...

– Ah, é?...

Parou e se recostou no parapeito de pedra da ponte. Não podia imitá-lo, porque aquilo me provocava vertigem. Desse modo, permanecia em pé, diante dele. Ele hesitava em falar. – O senhor sabia que... fui casado com ela?...

– Sim.

– Como sabe disso?

– Estava escrito em velhos documentos.

– Trabalhávamos na mesma boate, em Nova York... Eu tocava piano... Ela me pediu para se casar comigo, unicamente porque queria ficar na América e não ter dificuldades com os serviços de Imigração...

Balançava a cabeça diante desta lembrança.

– Era uma moça esquisita. Depois, ela conviveu com Lucky Luciano... Ela o conheceu quando representava no cassino de Palm Island...

– Luciano?

– Sim, sim: Luciano... Ela estava com ele, quando foi preso, em Arkansas... Depois, encontrou-se com um francês e soube que ela tinha partido para a França com ele...

Seu olhar se iluminara. Ele me sorria.

– Gosto disto, gosto de poder falar de Gay...

Um metrô, sobre nós, passou, na direção da margem direita do Sena. Logo após um segundo, na direção inversa. O barulho intenso deles abafou a voz de Blunt. Ele me falava, eu sabia que sim pelos movimentos dos seus lábios.

– ... A mais linda garota que conheci...

Este fiapo de frase, que consegui apanhar, causou-me um grande desencorajamento. Estava no meio de uma ponte, de noite, com um homem que não conhecia, tentando arrancar-lhe detalhes que me informassem a respeito de mim mesmo, e o ruído dos trens do metrô me impedia de escutar.

– O senhor não gostaria que avançássemos um pouco? Mas ele estava tão

absorvido que nem me respondeu. Havia tanto tempo, sem dúvida, que não tinha pensado naquela Gay Orlow, que todas as recordações referentes a ela retornavam à superfície e o estonteavam como uma brisa marinha. Ele permanecia ali, encostado no parapeito da ponte.

- Realmente, o senhor não preferia que avançássemos um pouco?
- O senhor conheceu Gay? Chegou a se encontrar com ela?
- Não. É exatamente por isso que gostaria de obter detalhes.
- Era uma loura... com os olhos verdes... Uma loura... muito especial...

Como lhe explicar? Uma loura... acinzentada...

Uma loura acinzentada. E que talvez tenha tido um papel importante na minha vida. Será preciso que eu olhe sua fotografia muito atentamente. E pouco a pouco, tudo retornará. A não ser que eu conseguisse encontrar uma pista mais precisa. Era já uma sorte considerável ter encontrado esse Waldo Blunt.

Tomei-o pelo braço, pois não podíamos permanecer sobre a ponte. Seguíamos pelo cais de Passy.

- O senhor voltou a vê-la na França? – perguntei-lhe.
- Não. Quando cheguei à França, ela já tinha morrido. Suicidou-se...
- Por quê?
- Ela me dizia frequentemente que tinha muito medo de envelhecer...
- Quando a viu pela última vez?
- Depois da história com Luciano, ela encontrou esse francês. A gente se encontrou algumas vezes, naquela ocasião.
- O senhor conheceu esse francês?
- Não. Ela me disse que ia se casar com ele, para obter a nacionalidade francesa... Gay tinha a obsessão de possuir uma nacionalidade...
- Vocês se divorciaram?
- É claro... Nosso casamento durou seis meses... Somente para acalmar os serviços de Imigração que queriam expulsá-la dos Estados Unidos...

Devia me concentrar, para não perder o fio de sua história. Ainda mais porque ele tinha uma voz muito baixa.

– Ela veio para a França... E nunca mais a revi... Até que soube do... seu suicídio...

– Como soube?

– Por um amigo americano que conhecera Gay e estava na época em Paris. Ele me enviou um pequeno recorte de jornal...

– O senhor o conservou?

– Sim. Deve certamente estar em minha casa, numa gaveta.

Chegávamos às proximidades dos jardins do Trocadéro. As fontes estavam iluminadas, e havia muito trânsito. Turistas agrupavam-se diante das fontes e sobre a ponte d'Iéna. Uma noite de sábado, no mês de outubro; mas devido ao morno calor do ar, às pessoas que passeavam e às árvores que ainda não tinham perdido suas folhas, poderíamos pensar que fosse uma noite de sábado de primavera.

– Moro um pouco mais adiante...

Passamos pelos jardins e tomamos a avenida de New York. Ali, sob as árvores do cais, tive a desagradável impressão de sonhar. Já vivera minha vida e não era senão uma alma penada que flutuava no ar morno de uma noite de sábado. Por que desejar de novo atar laços rompidos e procurar passagens muradas há tanto tempo? E esse pequeno homem gorducho e bigodudo que andava a meu lado, eu tinha dificuldade em acreditar que fosse real.

– Que engraçado, lembro-me subitamente do nome do francês que Gay conheceu na América...

– Como se chamava? – perguntei, com tremor na voz.

– Howard... Era o nome dele... não o prenome. O sobrenome era Howard... Espere... Howard de alguma coisa...

Parei e me inclinei sobre ele.

– Howard de quê?

– De... de... de Luz. L... U... Z... Howard de Luz... Howard de Luz... Esse nome me impressionou muito... metade inglês... metade francês... ou espanhol...

– E o prenome?

– Ah, isso agora...

Fazia um gesto de impotência.

– O senhor não sabe como ele era fisicamente?

– Não.

Eu lhe mostraria a foto onde Gay estava com o velho Giorgiadzé e aquele que eu pensava ser eu.

– Qual era a profissão dele, desse Howard de Luz?

– Gay me disse que ele pertencia a uma família da nobreza... Ele não fazia nada.

Soltou um pequeno riso.

– Sim... sim... Estou me lembrando... Ele ficou muito tempo em Hollywood... E lá, Gay me disse, ele era o confidente do ator John Gilbert...

– O confidente de John Gilbert?

– Sim... No fim da vida de Gilbert...

Os automobilistas iam depressa pela avenida de New York, sem que se ouvissem os seus motores, e isto aumentava a impressão de sonho que eu experimentava. Os carros moviam-se com um ruído abafado, fluido, como se deslizassem sobre a água. Chegávamos à proximidade da passarela que antecede a ponte de Alma. Howard de Luz. Havia uma chance de que este fosse o meu nome. Howard de Luz. Sim, essas sílabas despertavam alguma coisa dentro de mim, algo tão fugidio quanto o reflexo da lua num objeto. Se fosse esse Howard de Luz, eu demonstrara provavelmente uma certa originalidade na minha vida, já que, entre tantos trabalhos mais honoráveis e cativantes, profissões mais atraentes, eu escolhera ser “o confidente de John Gilbert”.

Logo antes do Museu de Arte Moderna, viramos numa pequena rua.

– Moro aqui – disse-me.

A luz do elevador não funcionava, e a luz do corredor, que se apaga automaticamente depois de certo tempo, apagou-se logo no instante em que começamos a subir. No escuro, ouvíamos risos e música.

O elevador parou, e senti Blunt, a meu lado, tentando encontrar a maçaneta da porta do corredor. Ele a abriu, e tropecei nele saindo do elevador, pois a escuridão era completa. Os risos e a música vinham do andar onde nos encontrávamos. Blunt girou uma chave numa fechadura.

Ele deixara a porta entreaberta atrás de nós, e estávamos no meio de um vestíbulo fracamente iluminado por uma lâmpada nua que pendia do teto. Blunt permanecia ali, indeciso. Perguntei-me se não devia me despedir. A música era ensurdecadora. Vinha do apartamento de uma moça ruiva, usando um roupão de banho vermelho, que apareceu. Olhou para um e outro com olhos espantados. O roupão, muito folgado, deixava ver seus seios.

– Minha mulher – disse-me Blunt.

Ela acenou-me ligeiramente com a cabeça, e levantou com as duas mãos a gola do roupão, cobrindo o pescoço.

– Não sabia que você ia voltar tão cedo – disse ela.

Permanecíamos os três imóveis, sob esta luz que coloria os rostos com uma tinta macilenta, e virei-me para Blunt.

– Você podia ter-me avisado – disse ele.

– Eu não sabia...

Uma criança apanhada em flagrante delito de mentira. Ela baixou a cabeça. A música ensurdecadora calara-se e fora substituída por uma melodia, no saxofone, tão pura que se diluía no ar.

– Vocês são muitos? – perguntou Blunt.

– Não, não... alguns amigos...

Uma cabeça passou pela abertura da porta, uma loura com os cabelos muito curtos e com um batom muito claro, quase róseo. Depois uma outra cabeça, a de um moreno de pele de cor mais escura. A luz da lâmpada dava a esses rostos a aparência de máscaras, e o moreno sorria.

– Eu preciso ficar com os meus amigos... Volte em duas ou três horas...

– Muito bem – disse Blunt.

Ela deixou o vestíbulo, precedida pelos outros dois, e tornou a fechar a porta. Ouviram-se gargalhadas e o barulho de uma corrida de perseguição. Depois, novamente, a música ensurdecadora.

– Venha! – disse-me Blunt.

Voltamos novamente às escadas. Blunt acendeu a luz automática do corredor e sentou-se num degrau. Fez um gesto para que me sentasse ao seu lado.

– Minha mulher é muito mais jovem do que eu... Trinta anos de diferença... Não se deve jamais se casar com uma mulher muito mais jovem... Nunca...

Colocara uma mão no meu ombro.

– Nunca funciona... Não há um único exemplo que tenha dado certo... Guarde isso na cabeça, meu velho...

A luz apagou-se. Aparentemente, Blunt não tinha a mínima vontade de tornar a acendê-la. Eu também não, aliás.

– Se Gay me visse...

Gargalhou, ao pensar nisso. Curioso riso, dentro do escuro.

– Ela não me reconheceria... Engordei pelo menos trinta quilos desde então...

Uma gargalhada; diferente, porém, da precedente – mais nervosa, forçada.

– Ela ficaria muito decepcionada... O senhor já imaginou? Pianista, num bar de hotel...

– Mas por que decepcionada?

– E dentro de um mês estarei desempregado...

Apertava meu braço, à altura do bíceps.

– Gay pensava que eu iria me tornar o novo Cole Porter...

Gritos de mulheres, subitamente. Vinham do apartamento de Blunt.

– O que está acontecendo? – disse-lhe.

– Nada, eles estão se divertindo.

A voz de um homem que berrava: “Vai me abrir ou não? Vai me abrir, Dany?” Uma porta que batia.

– Dany é minha mulher – sussurrou Blunt.

Levantou-se e acendeu a luz.

– Vamos tomar um pouco de ar fresco.

Atravessamos a esplanada do Museu de Arte Moderna e sentamo-nos num degrau da escadaria. Eu observava os carros que passavam, mais abaixo, ao longo da avenida de New York, único indício de que ainda sobrara vida. Tudo estava deserto e estático ao nosso redor. Até a Torre Eiffel, que eu percebia lá embaixo, do outro lado do Sena, a torre Eiffel, tão tranquilizadora usualmente, semelhava-se a uma massa de ferro velho calcinada.

– Aqui se respira – disse Blunt.

Efetivamente, um vento morno soprava na esplanada, sobre as estátuas, que produziam manchas de sombra, e sobre as grandes colunas do fundo.

– Gostaria de lhe mostrar fotografias – disse a Blunt.

Tirei do bolso um envelope que abri e donde tirei duas fotos: aquela em que Gay Orlow estava com o velho Giorgiadzé e o homem que eu pensava reconhecer como sendo eu, e aquela em que ela era menina. Estendi-lhe a primeira foto.

– Não se vê nada aqui – murmurou Blunt.

Acendeu um isqueiro, mas teve de reacender várias vezes, porque o vento apagava a chama. Cobriu-a com a palma da mão e aproximou o isqueiro da foto.

– Está vendo um homem na fotografia? – disse-lhe. – À esquerda. À extrema esquerda...

– Estou...

– Conhece-o?

– Não.

Estava inclinado sobre a foto, com a mão formando uma aba na sua testa, para proteger a chama do isqueiro.

– Não acha que ele se parece comigo?

– Não sei.

Perscrutou por alguns momentos ainda o retrato e devolveu-o.

– Gay era exatamente assim, quando a conheci – disse-me com uma voz triste.

– Olhe, aqui está uma fotografia de quando era criança.

Entreguei-lhe a outra foto, e ele a analisou com a chama do isqueiro, com a mão sempre formando uma viseira encostada à testa, na posição de um relojoeiro que executa uma tarefa de extrema precisão.

– Era uma linda garota – disse-me. – O senhor não tem outras fotografias dela?

– Infelizmente, não... E o senhor?

– Tinha uma fotografia do nosso casamento, mas perdi-a na América... Até me pergunto, inclusive, se guardei o recorte de jornal, do tempo do suicídio...

Seu sotaque americano, inicialmente imperceptível, tornava-se cada vez mais forte. O cansaço?

– O senhor tem muitas vezes de ficar esperando assim, como hoje, para entrar em casa?

– Cada vez mais frequentemente. E no entanto as coisas começaram bem... Minha mulher era muito gentil...

Acendeu um cigarro, com dificuldade, por causa do vento.

– Gay ficaria espantada se me visse neste estado...

Aproximou-se de mim e colocou a mão no meu ombro.

– Não acha, meu velho, que ela teve razão de desaparecer antes que fosse tarde demais?

Olhei-o. Tudo era arredondado nele. Seu rosto, seus olhos azuis, e até seu bigodinho desenhado em arco de círculo. E também sua boca, e suas mãos rechonchudas. Evocava para mim esses balões que as crianças puxam por um cordão e que soltam, às vezes, para ver até que altura subirão no céu. E seu nome, Waldo Blunt, era inchado como um desses balões.

– Sinto muito, meu velho... Não pude lhe fornecer muitos detalhes sobre Gay...

Eu sentia que ele estava pesado de cansaço e de desânimo, mas vigiava-o de muito perto, pois temia que o mais fraco sopro de vento, atravessando a esplanada, o fizesse voar pelos ares, deixando-me solitário com minhas interrogações.

VIII

A avenida margeia o hipódromo de Auteuil. De um lado, uma aleia de montaria, de outro, edifícios construídos seguindo todos o mesmo modelo e separados por pracinhas quadradas. Passei diante dessas casernas de luxo e me postei em frente daquela onde se suicidou Gay Orlow. Avenida du Maréchal-Lyautey, 25. Em qual andar? A zeladora do prédio certamente deveria ser outra, depois de tantos anos. Haveria ainda algum morador do edifício que se encontrava com Gay Orlow na escada ou tomava junto com ela o elevador? Ou que me reconheceria, por me ter visto vir frequentemente aqui?

Em certas noites, devo ter subido a escada do prédio na avenida du Maréchal-Lyautey, 25, com o coração pulsando forte. Ela me esperava. Suas janelas abriam-se sobre as pistas de corrida. Era estranho, indubitavelmente, assistir às corridas lá de cima, os cavalos e os jóqueis minúsculos avançarem como as figurinhas que desfilam de um lado para outro nas barracas de tiro ao alvo e, se a gente derruba todos os alvos, ganha o grande prêmio.

Que língua falávamos entre nós? O inglês? A foto com o velho Giorgiadzé teria sido tirada nesse apartamento? Como seria o mobiliário? Que poderiam exatamente se dizer um denominado Howard de Luz – eu? – “de uma família da nobreza” e “confidente de John Gilbert” e uma antiga dançarina nascida em Moscou e que conhecera, em Palm Island, Lucky Luciano?

Gente engraçada. Do tipo que deixa apenas, após sua passagem, um nevoeiro que rapidamente se dissipa. Hutte e eu lidávamos frequentemente com esses seres cujas pegadas se perdem. Um belo dia, surgem do nada e ao nada retornam, depois de ter brilhado com algumas fagulhas. Rainhas de beleza. Gigolôs. Borboletas. A maioria deles, mesmo no instante da vida, não possuía maior

consistência do que uma onda de vapor que não se condensará jamais. Desse modo, Hutte me citava como exemplo um indivíduo que chamava de o “homem das praias”. Este homem passara quarenta anos da sua vida nas praias ou à beira de piscinas, convivendo amavelmente com os veranistas e ricos ociosos. Nos cantos e no segundo plano de milhares de fotos de férias, figura ele de calção no meio de alegres grupos, mas ninguém poderia dizer como se chamava e por que ele ali se encontrava. E ninguém reparou que, certo dia, ele desapareceu das fotografias. Não ousava dizer a Hutte, mas pensei que o “homem das praias” fosse eu. Aliás, não o teria espantado, se lhe tivesse confessado. Hutte repetia que, no fundo, todos somos “homens das praias” e que “a areia” – cito seus próprios termos – “só guarda por alguns instantes as marcas dos nossos passos”.

Uma das fachadas do prédio margeava uma pracinha que parecia abandonada. Um grande conjunto de árvores, de arbustos, um gramado do qual não se aparara a grama há já bastante tempo. Um menino brincava sozinho, calmamente, diante do monte de areia, nesse fim de tarde ensolarado. Sentei-me perto do gramado e ergui a cabeça para o prédio, perguntando-me se as janelas de Gay Orlow não se abriam para o lado de cá.

IX

É noite, e o abajur de opalina da Agência faz uma mancha de luz intensa sobre o couro da escrivaninha de Hutte. Estou sentado atrás dessa escrivaninha. Consulto antigos catálogos, outros mais recentes, e anoto passo a passo as minhas descobertas:

HOWARD DE LUZ (Jean Simety)  e Senhora, nascida MABEL DONAHUE, em Valbreuse, Orne. T. Rua Raynouard, 21 e 23, tel.: AUT 15-28.

– CGP – MA 

O catálogo de personalidades onde isso está mencionado data de trinta anos atrás. Trata-se de meu pai?

A mesma menção consta nos catálogos dos anos seguintes. Consulto a lista dos sinais e abreviaturas.

 = quer dizer: cruz de guerra.

CGP – Clube du Grand Pavois, MA – Motor Yacht Club da Côte d’Azur e  – proprietário de veleiro.

Mas, dez anos mais tarde, desaparecem as indicações seguintes: rua Raynouard, 23, tel.: AUT 15-28.

Desaparecem igualmente: MA e .

No ano seguinte, resta apenas: HOWARD DE LUZ, senhora, nascida MABEL DONAHUE em Valbreuse, Orne. T. 21.

Depois, nada mais.

A seguir, consulto as listas telefônicas dos últimos dez anos. Em todas, o nome de Howard de Luz consta da seguinte maneira:

HOWARD DE LUZ C. *square* Henri-Paté, 3, XVI^e, MOL 50-52. Um

irmão? Um primo?

Nenhuma menção equivalente nos catálogos de personalidades dos mesmos anos.

X

— O senhor Howard espera o senhor.

Era sem dúvida a dona desse restaurante da rua de Bassano: uma morena de olhos claros. Fez-me um gesto para que a acompanhasse, descemos uma escada, e me guiou até o fundo da sala. Ela parou diante de uma mesa onde estava um homem sozinho. Ele se levantou.

— Claude Howard — disse-me ele.

Indicou-me a cadeira à frente dele. Sentamo-nos.

— Estou atrasado. Desculpe-me.

— Não tem importância.

Ele me encarava com curiosidade. Será que me reconhecia?

— Seu telefonema me intrigou muito — disse-me.

Fazia esforço para lhe sorrir.

— E sobretudo o interesse do senhor pela família Howard de Luz... da qual sou, meu caro senhor, o último representante...

Pronunciara essa frase com um tom irônico, como se estivesse zombando de si mesmo.

— Aliás, apresento-me apenas como Howard. É menos complicado.

Estendeu-me o cardápio.

— Não precisa pedir o mesmo que eu. Sou cronista de gastronomia... Preciso experimentar as especialidades da casa... *Ris de veau* e *waterzoi* de peixes...

Suspirou. Tinha aparência de estar realmente abatido.

— Não suporto mais... Não importa o que me aconteça na vida, tenho sempre a obrigação de comer...

Já lhe serviam um patê. Pedi uma salada e uma fruta.

– O senhor tem sorte... Eu tenho a obrigação de comer... Devo escrever meu artigo esta noite... Acabo de voltar do concurso da Tripière d’Or... Fazia parte do júri. Foi preciso engolir cento e setenta linguças em um dia e meio...

Não conseguia determinar a idade dele. Seus cabelos muito castanhos eram penteados para trás, tinha o olho castanho-escuro e alguma coisa de negroide nas feições, apesar da palidez extrema da sua tez. Estávamos sós, no fundo dessa parte do restaurante arrumada no subsolo, com madeirame azul-claro, cetim e cristais que evocavam um século XVIII falsificado.

– Refleti sobre o que o senhor me disse por telefone... Esse Howard de Luz pelo qual o senhor se interessa só pode ser meu primo Freddie...

– O senhor acha mesmo?

– Tenho certeza. Mas eu o conheci muito pouco...

– Freddie Howard de Luz?

– Sim. Brincávamos juntos, às vezes, quando éramos crianças.

– O senhor não tem uma foto dele?

– Nenhuma.

Engoliu uma porção de patê e reprimiu um engasgo.

– Não era nem um primo-irmão... Mas de segundo ou terceiro grau... Havia poucos Howard de Luz... Creio que éramos apenas papai e eu, e Freddie e seu pai... É uma família francesa das Maurícias, o senhor sabe...

Empurrou o seu prato, com um gesto de enfado.

– O avô de Freddie tinha se casado com uma americana muito rica...

– Mabel Donahue?

– É isso mesmo... Tinham uma magnífica propriedade em Orne...

– Em Valbreuse?

– Mas o senhor é um verdadeiro catálogo, meu caro.

Lançou-me um olhar de espanto.

– Depois, acho que perderam tudo... Freddie viajou para a América... Não

poderia lhe dar detalhes mais precisos... Soube de tudo isso por ouvir dizer... Eu me pergunto se Freddie ainda está vivo...

– Como se poderia saber?

– Se meu pai ainda estivesse aqui... Era por intermédio dele que eu tinha notícias da família... Infelizmente...

Tirei do bolso a foto de Gay Orlow e do velho Giorgiadzé, indicando o homem moreno que se parecia comigo:

– O senhor conhece esse cara?

– Não.

– Não acha que ele se parece comigo?

Inclinou-se sobre a fotografia.

– Talvez – disse, sem convicção.

– E a mulher loura, não a conhece?

– Não.

– No entanto, ela era uma amiga de seu primo Freddie.

Pareceu, subitamente, lembrar-se de alguma coisa.

– Espere... acho que me recordo... Freddie partiu para a América... E lá, ao que parece, tornou-se o confidente do ator John Gilbert...

O confidente de John Gilbert. Era a segunda vez que me davam este detalhe, mas ele não me fazia avançar muito.

– Sei disso porque ele me enviou um cartão-postal, naquela época...

– O senhor ainda guarda o cartão?

– Não, mas me recordo do texto de cor: “Tudo vai bem. A América é um belo país. Encontrei trabalho: sou confidente de John Gilbert. Minha amizade a você e a seu pai. Freddie.” Isso me marcou...

– O senhor não o reencontrou quando ele voltou para a França?

– Não. Nem mesmo sabia que teria voltado para a França.

– E se ele estivesse diante do senhor, agora, o senhor o reconheceria?

– Talvez não.

Não ousava sugerir que Freddie Howard de Luz era eu. Não possuía ainda uma prova formal disso, mas tinha muitas esperanças.

– Conheci Freddie quando tinha 10 anos... Meu pai me levava a Valbreuse para brincar com ele...

O garçom havia parado diante da nossa mesa e esperava que Claude Howard fizesse seu pedido, mas este não percebia a presença dele, e o homem se mantinha muito ereto, com o jeito de uma sentinela.

– Para dizer a verdade, tenho a impressão de que Freddie morreu...

– Não fale assim...

– É muita delicadeza sua interessar-se por nossa infeliz família. Não tivemos sorte... Creio que sou o único sobrevivente, e olhe o que tenho que fazer para ganhar a vida...

Deu um murro na mesa, enquanto os garçons traziam o *waterzoi* de peixes, e a dona do restaurante aproximava-se de nós com um sorriso sedutor.

– Senhor Howard... A Tripière d'Or transcorreu bem, este ano?

Mas ele não a escutara e se inclinou para mim.

– No fundo – disse-me –, não deveríamos jamais ter saído das Maurícias...

XI

Uma velha estação pequena, amarela e cinza, tendo de cada lado alambrados de cimento trabalhado e atrás desses alambrados o cais onde desci da maria-fumaça. A praça da estação estaria deserta se não fosse o menino que patinava sob as árvores do canteiro.

Eu também brinquei aqui, há muito tempo, pensei. Esta praça calma lembrava-me realmente alguma coisa. Meu avô Howard de Luz me buscava na chegada do trem que vinha de Paris, ou seria então o contrário? Nas noites de verão, eu ia esperá-lo no cais, na companhia de minha avó, nascida Mabel Donahue.

Um pouco mais adiante, uma estrada, larga como uma rodovia, mas só raramente atravessada por automóveis. Caminhei ao longo de um jardim público cercado pelos mesmos alambrados de cimento que vira na praça da estação.

Do outro lado da estrada, algumas lojas sob uma espécie de alpendre. Um cinema. Depois, um albergue escondido entre folhagens, na esquina de uma avenida que sobe em ladeira suave. Tomei-a sem hesitação, pois estudara o mapa de Valbreuse. No fim dessa avenida arborizada, um muro alto e uma grade na qual estava fixada uma placa de madeira apodrecida na qual pude ler, adivinhando a metade das letras: “ADMINISTRAÇÃO DOS DOMÍNIOS”. Atrás da grade, estendia-se um gramado abandonado. Bem ao fundo, uma longa construção em tijolo e pedra, estilo Luís XIII. No meio desta, um pavilhão, um andar mais alto, salientava-se, e a fachada se complementava, em cada extremidade, por dois pavilhões laterais cobertos por cúpulas. Os postigos de todas as janelas estavam fechados.

Um sentimento de desolação invadiu-me: encontrava-me, talvez, diante do

castelo onde tinha vivido minha infância. Empurrei a grade e abri-a, sem dificuldade. Há quanto tempo não atravessava este umbral? À direita, notei uma construção de tijolos aparentes, que devia ser a cavalaria.

O mato chegava até os meus joelhos, e eu tentava atravessar o gramado o mais rapidamente possível, em direção ao castelo. Aquele edifício silencioso intrigava-me. Temia descobrir que detrás da fachada não houvesse nada além de mato e ruínas de paredes tombadas.

Alguém me chamava. Voltei-me. Lá longe, diante da cavalaria, um homem agitava os braços. Caminhava em minha direção, e eu permanecia imobilizado, olhando-o, no meio do gramado que parecia uma selva. Um homem bastante grande, maciço, vestido de veludo verde.

– O que é que o senhor quer?

Tinha parado a alguns passos de distância. Um moreno, com bigodes.

– Queria informações sobre o senhor Howard de Luz.

Eu avançava na direção dele. Talvez fosse me reconhecer? A cada vez, tenho essa mesma esperança e, a cada vez, decepçiono-me.

– Qual senhor Howard de Luz?

– Freddie...

Eu lançara “Freddie” com a voz alterada, como se fosse o meu nome que pronunciasse, depois de anos de esquecimento.

Arregalou os olhos. – Freddie...

Neste momento, verdadeiramente acreditei que me chamava por meu nome.

– Freddie? Mas ele se foi...

Não, não tinha me reconhecido. Ninguém me reconhecia.

– O que é que o senhor deseja exatamente?

– Eu gostaria de saber o que aconteceu com Freddie Howard de Luz...

Ele me encarava desconfiado e enfiou uma mão no bolso da calça. Ia puxar uma arma e me ameaçar. Mas não. Ele retirou do bolso um lenço e enxugou a

testa.

– Quem é o senhor?

– Conheci Freddie na América, muito tempo atrás, e gostaria muito de ter notícias dele.

Seu rosto iluminou-se bruscamente diante dessa mentira.

– Na América? Conheceu Freddie na América?

O nome “América” parecia fazê-lo sonhar. Teria me beijado, creio, tamanha era sua satisfação comigo por ter conhecido Freddie “na América”.

– Na América? Então, o senhor o conheceu no tempo em que era o confidente de... de...

– De John Gilbert.

Toda a sua desconfiança desaparecera.

Até me segurou pelo pulso.

– Venha por aqui.

Puxou-me para a esquerda, ao longo do muro alto, onde o capim era mais baixo e onde se podia adivinhar o antigo traçado de um caminho.

– Não tenho mais notícias de Freddie faz muito tempo – disse-me, gravemente.

Seu terno de veludo verde estava gasto até o fio, em vários locais, e fora remendado com pedaços de couro nos ombros, nos cotovelos e nos joelhos.

– O senhor é americano?

– Sou.

– Freddie me enviou vários cartões-postais da América.

– O senhor guardou-os?

– Claro que sim.

Caminhávamos em direção ao castelo.

– Nunca veio aqui? – perguntou.

– Nunca.

- E como obteve o endereço?
- Com um primo de Freddie, Claude Howard de Luz...
- Não conheço.

Chegávamos diante de um dos pavilhões cobertos por uma cúpula, que notara a cada extremidade da fachada do castelo. Contornamos o pavilhão. Indicou-me uma pequena porta:

- É a única porta por onde a gente pode entrar.

Girou a chave na fechadura. Entramos. Guiou-me através de um cômodo sombrio e vazio e depois ao longo de um corredor. Chegamos a outro cômodo, com vidraças coloridas, que lhe davam o aspecto de uma capela ou de um jardim de inverno.

- Era a sala de jantar de verão – disse-me.

Nenhum móvel, a não ser um velho divã de veludo vermelho desgastado, e sentamo-nos nele. Tirou um cachimbo do bolso e acendeu-o placidamente. As vidraças deixavam passar a luz do dia, dando-lhe uma tonalidade azul-clara.

Ergui os olhos e notei que o teto era também azul-claro, com algumas manchas mais claras: nuvens. Ele tinha acompanhado meu olhar.

- Foi Freddie quem pintou o teto e a parede.

A única parede do cômodo estava pintada de verde, e via-se nela uma palmeira, quase apagada. Tentava imaginar esta sala, antigamente, quando aí fazíamos nossas refeições. O teto onde eu pintara o céu. A parede verde onde quisera, com essa palmeira, acrescentar um tom tropical. As vidraças através das quais um dia azulado caía sobre nossos rostos. Mas esses rostos, quais eram?

– É a única parte da casa onde a gente ainda pode entrar – disse-me. – Todas as portas estão lacradas.

- Por quê?
- A propriedade está sob confisco.

Essas palavras me gelaram.

– Puseram tudo sob confisco, mas, quanto a mim, me deixaram aqui. Até quando?

Chupava seu cachimbo e balançava a cabeça.

– De quando em vez, há um cara dos Domínios que vem fazer inspeção. Eles não parecem tomar uma decisão.

– Quem?

– Os Domínios.

Não compreendia muito bem o que queria dizer, mas me lembrava da inscrição na placa de madeira apodrecida: “Administração dos Domínios”.

– Faz muito tempo que o senhor está aqui?

– Oh, sim... Cheguei na época da morte do senhor Howard de Luz... O avô de Freddie... Eu me ocupava do parque e servia como chofer para madame... A avó de Freddie...

– E os pais de Freddie?

– Acho que morreram muito jovens. Foi criado pelos avós.

Desse modo, eu tinha sido criado pelos meus avós. Depois da morte do meu avô, vivíamos sós aqui, minha avó e eu, nascida Mabel Donahue, e esse homem.

– Como é que o senhor se chama? – perguntei.

– Robert.

– Como é que Freddie chamava o senhor?

– A avó dele me chamava de Bob. Ela era americana. Freddie também me chamava de Bob.

Esse nome, Bob, não me evocava nada. Mas ele também, afinal, não me reconhecia.

– Depois, a avó morreu. As coisas não iam lá muito bem, do ponto de vista financeiro... O avô de Freddie tinha dilapidado a fortuna da mulher... Uma enorme fortuna americana...

Ele chupava pausadamente seu cachimbo, e fios de fumaça azul subiam até o

teto. Essa sala, com suas grandes vidraças e os desenhos de Freddie – os meus? – na parede e no teto, era sem dúvida, para ele, um refúgio.

– A seguir, Freddie desapareceu... Sem prevenir... Não sei o que aconteceu. Mas puseram tudo sob confisco.

De novo, essa expressão “sob confisco”, como uma porta que é fechada brutalmente diante de nós, no momento em que nos preparávamos para atravessá-la.

– E, desde então, espero... Me pergunto o que pretendem fazer comigo... Eles não podem, afinal de contas, me jogar no olho da rua.

– Onde mora o senhor?

– Nas velhas cavaliças. O avô de Freddie mandou arrumá-las. Observava-me, com o cachimbo apertado entre os dentes.

– E o senhor? Conte-me como conheceu Freddie na América.

– Oh... é uma longa história...

– Não quer que caminhemos um pouco? Vou lhe mostrar esse lado do parque.

– Com todo prazer.

Abriu uma porta-janela, e descemos alguns degraus de pedra. Encontrávamo-nos diante de um gramado, como o que tentara atravessar para chegar ao castelo, mas aqui o capim era muito mais baixo. Para meu grande espanto, a parte de trás do castelo não correspondia absolutamente à fachada: era construída com pedras cinzentas. O teto também não era igual: deste lado, ele se complicava com empenas e recortes de muralhas, de tal forma que a mansão, que dava, à primeira vista, o aspecto de um castelo Luís XIII, de costas parecia-se a uma dessas casas balneárias do fim do século XIX, das quais ainda subsistem raros exemplares em Biarritz.

– Tento cuidar um pouco de todo este lado do parque – disse. – Mas é difícil para um só homem.

Seguimos por uma aleia de cascalho que margeava o gramado. À nossa esquerda, arbustos, da altura de um homem, estavam cuidadosamente podados. Ele apontou-os:

– O labirinto. Foi plantado pelo avô de Freddie. Cuido dele o melhor que posso. É preciso que exista alguma coisa que permaneça como antes.

Penetramos no “labirinto” por uma de suas entradas laterais e abaixamo-nos, por causa da abóbada de plantas. Várias aleias se entrecruzavam, havia cruzamentos, pracinhas redondas, curvas e ângulos retos, becos sem saída, uma alameda com um banco de madeira verde... Criança, aqui devo ter brincado de esconder com meu avô ou com amigos da minha idade, e no meio desse dédalo mágico, que cheirava a alfena e pinho, devo ter, sem dúvida, conhecido os mais belos momentos da minha vida. Quando saímos do labirinto, não pude deixar de dizer a meu guia:

– É gozado... Esse labirinto me lembra alguma coisa...

Mas ele parecia não ter escutado.

Na beira do gramado, um velho pórtico enferrujado onde estavam pendurados dois balanços.

– O senhor permite...

Sentou-se num dos balanços e reacendeu seu cachimbo. Sentei-me no outro. O sol se punha e envolvia com uma luz terna e alaranjada o gramado e os arbustos do labirinto. E a pedra cinza do castelo estava salpicada com essa mesma luz.

Escolhi esse momento para lhe mostrar a foto de Gay Orlow, do velho Giorgiadzé e a minha.

– Conhece estas pessoas?

Observou longamente a foto, sem tirar o cachimbo da boca.

– Esta aqui, conhecia muito bem...

Punha o indicador em cima do rosto de Gay Orlow.

– A russa...

Dizia isso com um tom sonhador e divertido.

– Imagine se eu não conhecia essa russa...

Deu uma breve gargalhada.

– Freddie veio muitas vezes aqui com ela, nos últimos anos... Uma garota danada... Uma loura... Posso lhe dizer que bebia à beça... O senhor a conhece?

– Sim – disse. – Eu a vi com Freddie, na América.

– Ele tinha conhecido a russa na América, hein?

– Sim.

– Ela é quem poderia dizer onde Freddie se encontra agora... Seria preciso perguntar a ela.

– E o homem moreno, aí, ao lado da russa?

Inclinou-se um pouco mais sobre a foto e analisou-a. Meu coração pulsava com força.

– Mas, sim... Conheci-o também... Espere... Mas, claro... Era um amigo de Freddie... Vinha aqui com Freddie, a russa e uma outra garota... Creio que era um sul-americano ou coisa parecida...

– Não acha que se parece comigo?

– Sim... por que não? – disse-me, sem convicção. Pronto, eis tudo: claro, eu não me chamava Freddie Howard de Luz. Olhei o gramado com seu capim alto, do qual só as pontas recebiam ainda os raios do sol poente. Jamais tinha passeado ao longo deste gramado, nos braços de uma avó americana. Não tivera jamais brincado, menino, no “labirinto”. Esse pórtico enferrujado, com seus balanços, nunca fora construído para mim. Que pena.

– O senhor diz: sul-americano?

– Sim... Mas falava bem o francês, como o senhor ou eu...

– E o senhor viu-o aqui muitas vezes?

– Várias vezes.

– Como sabia que era sul-americano?

– Porque um dia fui buscá-lo de carro em Paris, para trazê-lo para cá. Ele me mandara encontrá-lo no lugar onde trabalhava... Numa embaixada da América do Sul...

– Qual embaixada?

– Bom, agora o senhor está me pedindo demais...

Era preciso que me acostumassem a essa mudança. Não era membro de uma família cujo nome figurava no catálogo de pessoas importantes, e inclusive no anuário do ano, mas um sul-americano cujos rastros seriam infinitamente mais difíceis de serem reencontrados.

– Acho que era um amigo de infância de Freddie...

– Ele vinha aqui com uma mulher?

– Sim. Duas ou três vezes. Uma francesa. Vinham os quatro, contando a russa e Freddie... Depois da morte da avó...

Levantou-se.

– Não acha melhor que a gente entre? Começou a esfriar...

A noite já tinha quase caído, e voltamos para a “sala de jantar de verão”.

– Era a sala preferida de Freddie... De noite, ficavam aqui até tarde, ele mais a russa, o sul-americano e a outra moça...

O divã era apenas uma mancha terna e, no teto, sombras se recortavam em forma de treliças e de losangos. Tentava em vão captar os ecos de nossas antigas noites.

– Tinham instalado um bilhar aqui... Era principalmente a namorada do sul-americano que jogava bilhar... Ganhava sempre... Posso lhe dizer porque joguei várias partidas com ela... Olhe, a mesa continua aí...

Ele me conduziu por um corredor escuro, acendeu uma lanterna e chegamos a um hall lajotado de onde saía uma escadaria monumental.

– A entrada principal...

Sob o vão da escada, vi efetivamente uma mesa de bilhar. Iluminou-a com a lanterna. Uma bola branca, no centro, como se a partida tivesse sido interrompida e fosse recomeçar a qualquer momento. E que Gay Orlow, ou eu, ou Freddie, ou essa misteriosa francesa que vinha aqui comigo, ou Bob, se inclinasse já para apontar o taco.

– Viu? O bilhar ainda está aí...

Varreu com a luz da lanterna a escadaria monumental. – Não adianta nada subir aos outros andares... Lacraram tudo...

Pensei que Freddie tivesse um quarto lá em cima. Um quarto de criança, depois um quarto de rapaz, com estante de livros, fotos pregadas nas paredes, e – quem sabe? – numa delas, estávamos os quatro, ou os dois, Freddie e eu, de braços dados. Ele se encostou na mesa de bilhar para reacender o cachimbo. Eu não conseguia deixar de contemplar essa grande escadaria, que não adiantava subir, pois lá em cima tudo “fora lacrado”.

Sáímos pela portinha lateral que ele fechou com duas voltas de chave. Estava escuro.

– Tenho que apanhar o trem para Paris – disse-lhe.

– Venha comigo.

Apertava-me o braço e me guiava ao longo do muro alto. Chegamos diante das antigas cavaliariças. Abriu uma porta envidraçada e acendeu um lampião.

– Cortaram a eletricidade faz tempo... Mas se esqueceram de cortar a água...

Estávamos numa sala, no centro da qual havia uma mesa de madeira escura e cadeiras de vime. Nas paredes, pratos de faiança e bandejas de cobre. Uma cabeça de javali empalhada sobre a janela.

– Vou lhe dar um presente.

Dirigiu-se até um baú, no fundo da sala, e abriu-o. Tirou uma lata, que colocou sobre a mesa, e havia esta inscrição na tampa da lata: “Biscoitos Lefebvre Utile – Nantes”. Depois plantou-se à minha frente.

– O senhor era amigo de Freddie, hein? – disse-me, com a voz emocionada.

– Sim.

– Pois bem, vou lhe dar isso...

Mostrava-me a lata.

– São lembranças de Freddie... Coisinhas que pude salvar, quando vieram intervir neste buraco...

Estava realmente comovido. Creio até que tinha lágrimas nos olhos.

– Eu gostava muito dele... Conheci-o quando era bem jovem... Era um sonhador. Sempre me repetia que compraria um veleiro. Ele me dizia: “Bob, você será meu ajudante no veleiro...” Sabe Deus onde está agora... se ainda vive...

– Vamos reencontrá-lo – disse-lhe.

– Foi muito mimado pela avó, o senhor compreende...

Pegou a lata e me entregou. Eu pensava em Stioppa de Djagoriew e na caixa vermelha que me tinha dado, também ele. Decididamente, tudo terminava em velhas caixas de chocolate ou latas de biscoitos. Ou embalagens de charutos.

– Obrigado.

– Vou acompanhá-lo até o trem.

Seguimos um caminho de floresta, e ele projetava o feixe de sua lanterna à nossa frente. Não se enganaria de caminho? Eu tinha a impressão de que nos enfiávamos dentro do coração da floresta.

– Tento lembrar o nome do amigo de Freddie. Aquele que o senhor me mostrou na fotografia... O sul-americano...

Atravessávamos uma clareira onde a lua tornava as ervas fosforescentes. Lá embaixo, um bosquezinho de pinheiros. Apagara a lanterna, porque ali enxergávamos quase como se fosse de dia.

– Era ali que Freddie montava a cavalo com um outro amigo dele... Um jóquei... Nunca lhe falou desse jóquei?

– Nunca.

– Não me recordo mais do nome dele... E no entanto ele foi célebre... Tinha sido jóquei do avô de Freddie, quando o velho possuía cavalos de corrida...

– O sul-americano também conhecia o jóquei?

– Claro que sim. Vinham juntos aqui. O jóquei jogava bilhar com os outros... Acredito, inclusive, que foi ele quem tinha apresentado a russa a Freddie...

Temia não reter todos esses detalhes. Teria sido necessário anotá-los imediatamente numa caderneta.

O caminho subia numa ladeira suave, e eu tinha dificuldade de caminhar, por causa da camada espessa de folhas mortas.

– Então, lembra-se do nome do sul-americano?

– Espere... espere... vai vir...

Apertava a lata de biscoitos contra minhas cadeiras e estava impaciente para saber o que continha. Talvez aí encontrasse certas respostas a minhas perguntas. Meu nome. Ou o do jóquei, por exemplo.

Estávamos à beira de um declive, e bastava descê-lo para chegar à praça da estação. Esta parecia deserta, com seu hall faiscando com luz de neon. Um ciclista atravessou lentamente a praça e veio parar diante da estação.

– Espere... seu nome era... Pedro...

Permanecíamos em pé, à beira do declive. Novamente, tirara seu cachimbo do bolso e limpava-o com um pequeno instrumento misterioso. Eu me repetia esse nome que me tinham dado no meu nascimento, esse prenome com o qual me chamaram durante toda uma parte da minha vida e que tinha evocado meu rosto para algumas pessoas. Pedro.

XII

Não muita coisa na lata de biscoitos. Um soldado de chumbo, com um tambor. Um trevo de quatro folhas colado no meio de um envelope branco. Fotos.

Figuro em duas delas. Sem nenhuma dúvida, é o mesmo homem que se vê ao lado de Gay Orlow e do velho Giorgiadzé. Um moreno alto, eu, com a única diferença de que não tenho bigode. Numa das fotos, estou em companhia de outro homem tão jovem quanto eu, também alto, mas de cabelos mais claros. Freddie? Sim, porque no verso da foto alguém escreveu a lápis: “Pedro-Freddie – La Baule.” Estamos à beira do mar e usamos ambos roupão de praia. Uma fotografia aparentemente muito antiga.

Na segunda fotografia, somos quatro: Freddie, eu, Gay Orlow, que reconheci facilmente, e outra jovem mulher, todos sentados no chão, encostados no divã de veludo vermelho da sala de jantar de verão. À direita, distingue-se a mesa de bilhar.

Uma terceira fotografia representa a moça que se vê conosco na sala de jantar de verão. Ela está de pé diante da mesa de bilhar e segura um taco com as duas mãos. Cabelos claros que caem abaixo dos ombros. Seria essa que levava comigo ao castelo de Freddie? Numa outra foto, ela está recostada à balaustrada de uma varanda.

Um cartão-postal endereçado a “Senhor Robert Brun a/c Howard de Luz. Valbreuse. Orne” oferece uma vista do porto de Nova York. Lê-se no cartão:

“Caro Bob. Amizade dos Estados Unidos. Até breve. Freddie.”

Um documento estranho em papel timbrado:

Consulado General
de la
Republica Argentina.
Nº 106.

O Consulado-Geral da República Argentina, na França, encarregado dos interesses helênicos em zona ocupada, certifica que, durante a Grande Guerra de 1914-1918, os arquivos da prefeitura de Salônica foram destruídos por um incêndio.

Paris, 15 de julho de 1941.

O cônsul-geral da
República Argentina
encarregado dos interesses helênicos.
Uma assinatura, sob a qual se lê:

R. L. de Oliveira Cezar
Cônsul-Geral.

Eu? Não. Ele não se chama Pedro.
Um pequeno recorte de jornal:

ESPÓLIO HOWARD DE LUZ:
Venda em leilão público
por requisição da
Administração dos Domínios
em Valbreuse (Orne), Château Saint-Lazare
dias 7 e 11 de abril, de uma
importante mobília
Objetos de arte e de mobiliário
antigos e modernos

Quadros – Porcelanas – Cerâmicas

Tapetes – Artigos de cama e mesa

Piano de cauda Érard

Frigorífico etc.

Exposições: sábado, 6 de abril, de 14 às 18h e pela manhã nos dias de venda de 10 às 12h.

Abro o envelope no qual está colado o trevo de quatro folhas. Contém quatro pequenas fotografias 3x4: uma de Freddie, outra minha, a terceira de Gay Orlow e a quarta da jovem de cabelos claros.

Encontro igualmente um passaporte em branco da República Dominicana.

Virando, por acaso, a foto da jovem de cabelos claros, leio isto, escrito com tinta azul, com a mesma escrita desordenada que estava no cartão-postal dos Estados Unidos:

PEDRO: ANJou 15-28.

XIII

Em quantas agendas esse número de telefone, que foi meu, ainda figura? Seria simplesmente o número de telefone de um escritório onde eu só poderia ser encontrado numa tarde?

Disco ANJou 15-28. Os toques de campainha de telefone se sucedem, mas ninguém responde. Restam traços de minha passagem no apartamento deserto, o quarto desabitado há muito tempo onde nesta noite o telefone chama em vão?

Nem tenho necessidade de chamar as Informações. Basta que eu faça, com um impulso da barriga da perna, girar a poltrona de couro de Hutte. Na minha frente, as fileiras de catálogos e anuários. Um deles, menor que os outros, é encadernado de couro impresso verde-claro. É deste que preciso. Todos os números de telefone que existem em Paris desde os últimos trinta anos estão aí relacionados com os endereços correspondentes.

Viro as páginas, com o coração batendo apressado. E leio:

ANJou 15-28 – 10 bis, rua Cambacérès, *VIII^e arrondissement*.

Mas o catálogo telefônico de endereços deste ano não traz nenhuma menção desse número de telefone:

CAMBACÉRÈS (rua)

VIII^e

10 bis AMICALE DES DIAMANTAIRES
COUTURE-FASHION
PILGRAM (Hélène)
REBBINDER (Estabelecimento)

MIR 18-16
ANJ 32-49
ELY 05-31
MIR 12-08

REFUGE (de)
S.E.F.I.C.

ANJ 50-52
MIR 74-31
MIR 74-32
MIR 74-33

XIV

Um homem cujo prenome era Pedro. ANJou 15-28. Rua Cambacérès, 10 bis, no *VIII^e arrondissement* de Paris.

Trabalhava numa legação da América do Sul, ao que parece. O relógio que Hutte deixou sobre a escrivaninha marca duas horas da manhã. Lá embaixo, na avenida Niel, só raramente passam automóveis, e escuto, às vezes, rangerem seus freios nos sinais vermelhos.

Folheio velhos catálogos, onde se encontra a lista das embaixadas e das legações, com seus membros.

República Dominicana

Avenida de Messine, 21 (*VIII^e*). CARnot 10-18.

N... Enviado extraordinário e ministro plenipotenciário.

Dr. Gustavo J. Henriquez. Primeiro secretário.

Dr. Salvador E. Paradas. Segundo secretário (e Sra.), rua d'Alsace, 41 (*X^e*).

Dr. Bienvenido Carrasco. Adido. R. Decamps, 45 (*XVI^e*), tel. TRO 42-91.

Venezuela

Rua Copernic, 11 (*XVI^e*). PASsy 10-89.

Chancelaria: rua de la Pompe, 115 (*XVI^e*). PASsy 10-89.

Dr. Carlo Aristimuno Coll, enviado extraordinário e ministro plenipotenciário.

Sr. Jaime Picon Febres. Conselheiro.

Sr. Antonio Maturib. Primeiro secretário.

Sr. Antonio Briuno. Adido.

Sr. Coronel H. Lopez-Mendez. Adido militar.

Sr. Pedro Saloaga. Adido comercial.

Guatemala

Praça Joffre, 12 (VII^e). Tel.: SÉGur 09-59.

Sr. Adam Maurisque Rios. Conselheiro encarregado de negócios.

Sr. Ismael Gonzalez Arevalo. Secretário.

Sr. Frederico Murgo. Adido.

Ecuador

Avenida de Wagram, 91 (XVII^e). Tel.: ÉTOile 17-89.

Sr. Gonzalo Zaldumbide. Enviado extraordinário e ministro plenipotenciário (e Sra.).

Sr. Alberto Puig Arosemena. Primeiro secretário (e Sra.).

Sr. Alfredo Gangotena. Terceiro secretário (e Sra.).

Sr. Carlos Guzman. Adido (e Sra.).

Sr. Victor Zevallos. Conselheiro (e Sra.), avenida d'Iéna, 21 (XVI^e).

El Salvador

Riquez Vega. Enviado extraordinário.

Major J. H. Wishaw. Adido militar (e filha).

F. Capurro. Primeiro secretário.

Luis...

As letras dançam. Quem sou eu?

XV

Você vira à esquerda e o que vai espantá-lo serão o silêncio e o vazio dessa parte da rua Cambacérès. Nem sequer um carro. Passei diante de um hotel, e meus olhos foram ofuscados por um lustre que brilhava em todos os seus cristais no corredor de entrada. Fazia sol.

O 10 bis é um prédio estreito de quatro andares. Altas janelas no primeiro andar. Um policial faz a ronda na calçada da frente.

Um dos batentes da porta do edifício estava aberto, a luz acesa. Um longo vestíbulo, com as paredes acinzentadas. No fundo, uma porta com pequenas vidraças quadradas que tive dificuldade em puxar, por estar empenada. Uma escada, sem tapete, leva aos andares.

Parei diante da porta do primeiro. Tinha decidido perguntar aos locatários de cada andar se o número de telefone ANJou 15-28 tinha sido deles num dado momento; eu sentia um nó na garganta, pois me dava conta da estranheza de minha pergunta. Na porta, uma placa de cobre, onde li: HÉLÈNE PILGRAM.

Uma campainha frágil e tão gasta que só se fazia ouvir por intermitência. Apertei meu indicador o maior tempo possível sobre o botão. A porta entreabriu-se. O rosto de uma mulher, de cabelos grisalhos acinzentados e cortados curtos, apareceu na fresta da porta.

– Senhora... Gostaria de uma informação...

Ela me encarava, com seus olhos muito claros. Não se podia dar-lhe uma idade exata. Trinta, 50 anos?

– O seu antigo número não era ANJou 15-28?

Franziu o cenho.

– Sim. Por quê?

Abriu a porta. Estava vestida com um penhoar de homem, de seda negra.

– Por que o senhor me pergunta isso?

– Porque... Morei aqui...

Ela se adiantou até a entrada e me encarava com insistência. Arregalou os olhos.

– Mas... o senhor é... senhor... McEvoy?

– Sim – disse-lhe, ao mero acaso.

– Entre.

Parecia realmente comovida. Estávamos parados frente a frente, no meio do vestíbulo cujo assoalho estava estragado. Tacos foram substituídos por pedaços de linóleo.

– O senhor não mudou muito – disse-me, sorrindo.

– A senhora também não.

– Ainda se lembra de mim?

– Lembro-me muito bem da senhora – disse-lhe.

– Que gentil...

Seus olhos demoravam-se sobre mim, com doçura.

– Venha...

Ela me precedeu num cômodo de teto muito alto e muito grande, cujas janelas eram aquelas que notara da rua. O assoalho, tão estragado quanto o do vestíbulo, fora recoberto, em certos lugares, por tapetes de lã branca. Através das janelas, um sol de outono clareava a sala com uma luz âmbar.

– Sente-se.

Indicou-me um longo banco recoberto de almofadas de veludo, encostado na parede. Sentou-se à minha esquerda.

– É engraçado rever o senhor de uma maneira tão... brusca.

– Eu passava por perto – disse.

Ela me parecia mais jovem do que quando apareceu-me pela fresta da porta

entreaberta. Nenhuma ruguinha na comissura dos lábios, ao redor dos olhos, nem na testa, e este rosto liso contrastava com seus cabelos brancos.

– Tenho a impressão de que a senhora mudou a cor dos cabelos – arrisquei.

– Que nada... Fiquei com os cabelos brancos aos 25 anos... Prefери conservá-los com essa cor...

Além do sofá de veludo, não havia muitos móveis. Uma mesa retangular, encostada na parede oposta. Um velho manequim, entre as duas janelas, com o torso recoberto com um tecido bege sujo e cuja presença insólita evocava um ateliê de costura. Aliás, notei, num canto da sala, colocada sobre uma mesa, uma máquina de costura.

– Reconhece o apartamento? – perguntou. – Pode ver... Guardei coisas...

Fez um movimento com o braço em direção do manequim de costureiro.

– Foi Denise que deixou tudo isso...

Denise?

– Efetivamente – disse eu – não mudou muito...

– E Denise? – perguntou-me com impaciência. – Que houve com ela?

– Pois é – disse eu –, não a revejo há muito tempo...

– É mesmo?...

Ficou com um jeito decepcionado e balançou a cabeça, como se ela compreendesse que era preciso não falar mais dessa “Denise”. Por discrição.

– Afinal – disse-lhe –, a senhora conhecia Denise há muito?...

– Sim... Conheci-a por intermédio de Léon...

– Léon?

– Léon van Allen.

– Mas é claro – disse eu, impressionado pelo tom que ela usara, quase um tom de reprovação, quando o prenome “Léon” não tinha evocado imediatamente para mim esse “Léon van Allen”.

– Que é feito de Léon van Allen? – perguntei.

– Oh... há dois ou três anos que não tenho mais notícias dele... Ele tinha partido para a Guiana Holandesa, em Paramaribo... Tinha criado por lá um curso de dança...

– De dança?

– Sim. Antes de trabalhar com a costura, Léon fizera dança... O senhor não sabia?

– Sim, sim. Mas tinha esquecido.

Ela se afastou para trás, para encostar-se na parede, e atou de novo o cinto do penhoar.

– E o senhor? O que é que tem feito?

– Oh, eu?... nada...

– Não trabalha mais na legação da República Dominicana?

– Não.

– Recorda-se de quando se propôs a me fazer um passaporte dominicano? O senhor dizia que na vida era preciso tomar precauções e ter sempre vários passaportes...

Essa lembrança divertia-a. Deu uma risada breve.

– Quando a senhora teve notícias de... Denise pela última vez? – perguntei.

– O senhor partiu para Megève com ela, e ela me enviou um bilhete de lá.

Depois, nada mais.

Ela me fixava com um olhar interrogador, mas não ousava, sem dúvida, me fazer diretamente uma pergunta. Quem era essa Denise? Tinha desempenhado um papel importante na minha vida?

– Veja a senhora – disse-lhe –, há momentos em que tenho a impressão de estar num nevoeiro total... Tenho falhas de memória... Períodos de fossa... Então, passando pela rua, tomei a liberdade de... subir... para tentar redescobrir o... o...

Procurei a palavra exata, em vão, mas isso não tinha a mínima importância,

pois ela me sorria, e esse sorriso mostrava que minha procura não a surpreendia.

– O senhor quer dizer: redescobrir os bons tempos?

– Sim. Isto mesmo... Os bons tempos...

Pegou uma caixinha dourada sobre uma mesinha baixa, que se encontrava na extremidade do divã, e abriu-a. Estava cheia de cigarros.

– Não, obrigado – disse-lhe.

– Não fuma mais? São cigarros ingleses. Eu me lembro que o senhor fumava cigarros ingleses... Todas as vezes que nos encontramos aqui, os três, nós e Denise, o senhor me trazia um embrulho cheio de maços de cigarros ingleses...

– É mesmo, é verdade...

– O senhor obtinha tanto quanto quisesse na legação dominicana...

Estendi a mão até a caixinha dourada e peguei entre o polegar e o indicador um cigarro. Coloquei-o na boca, com apreensão. Ela me passou o isqueiro, depois de ter acendido o cigarro dela. Tive de tentar várias vezes, para obter uma chama. Aspirei. Logo umas agulhadas muito dolorosas me fizeram tossir.

– Não tenho mais costume – disse-lhe.

Não sabia como me desembaraçar desse cigarro e conservava-o sempre entre o polegar e o indicador, enquanto se consumia.

– Então – disse-lhe –, a senhora mora neste apartamento agora?

– Sim. Eu me instalei aqui de novo quando não tive mais notícias de Denise... Aliás, ela me disse, antes da sua partida, que eu podia ocupar de novo o apartamento...

– Antes da sua partida?

– Isso mesmo... Antes que partissem os dois para Megève...

Dava de ombros, como se isso devesse ser uma evidência para mim.

– Tenho a impressão de que permaneci muito pouco tempo neste apartamento...

– O senhor ficou aqui alguns meses com Denise...

– E a senhora? A senhora morava aqui antes de nós?

Ela me olhou estupefata.

– Mas é óbvio, ora... Era meu apartamento... Eu o emprestei para Denise, porque devia deixar Paris...

– Desculpe-me... Eu estava pensando em outra coisa...

– Aqui, era bem prático para Denise... Ela tinha espaço bastante para instalar um ateliê de costura...

Uma costureira?

– Eu me pergunto por que deixamos este apartamento – disse-lhe.

– Eu também...

De novo esse olhar interrogativo. Mas que podia eu explicar-lhe? Eu sabia daquilo ainda menos do que ela. Nada sabia dizer de todas essas coisas.

Finalmente pus no cinzeiro a guimba consumida que me queimava os dedos.

– Nós já tínhamos nos encontrado antes que viéssemos morar aqui? – arrisquei timidamente.

– Sim. Duas ou três vezes. No hotel de vocês...

– Qual hotel?

– Rua Cambon. O Hotel Castille. O senhor se lembra do quarto verde, onde vivia com Denise?

– Sim.

– Vocês deixaram o Hotel Castille porque não se sentiam em segurança por lá... Foi assim, não foi?

– Foi.

– Era realmente uma época esquisita...

– Qual época?

Não respondeu e acendeu um outro cigarro.

– Gostaria de lhe mostrar algumas fotografias – disse-lhe.

Tirei do bolso de dentro do paletó um envelope, que não me deixava mais, e

onde eu guardara todas as fotografias. Mostrei-lhe a de Freddie Howard de Luz, Gay Orlow, a minha e da jovem desconhecida, tirada na “sala de jantar de verão”.

– A senhora me reconhece?

Ela tinha se virado para olhar a foto na luz do sol.

– O senhor está com Denise, mas não conheço os outros dois.

Então, era Denise.

– Não conhecia Freddie Howard de Luz?

– Não.

– Nem Gay Orlow?

– Não.

As pessoas têm, decididamente, vidas compartimentadas, e seus amigos não se conhecem uns aos outros. É lamentável.

– Tenho ainda mais duas fotos dela.

Mostrei-lhe a minúscula foto de identidade e a outra onde era vista debruçada na balaustrada.

– Já conhecia esta foto – disse-me. – Creio até que ela tinha me enviado a foto de Megève... Mas não me lembro mais o que fiz dela...

Peguei a foto das mãos dela e olhei com muita atenção. Megève. Atrás de Denise havia uma pequena janela, com um postigo de madeira. Sim, a janela e a balaustrada poderiam perfeitamente ser de um chalé de montanha.

– Essa partida para Megève era, afinal, uma ideia estranha – declarei bruscamente. – Denise lhe disse o que pensava disso?

Contemplava a pequena foto de identidade. Eu esperava com o coração pulsando forte, que ela se dispusesse a responder.

Ergueu a cabeça.

– Sim... Ela tinha me falado do assunto... Ela me dizia que Megève era um lugar seguro... E que vocês teriam sempre a possibilidade de atravessar a

fronteira...

– É... Evidentemente...

Eu não ousava ir mais longe. Por que sou tão tímido e temeroso no momento de abordar os assuntos que me empolgam mais? Mas também ela, eu compreendia isso por seu olhar, gostaria que lhe tivesse dado explicações. Um e outro ficamos em silêncio. Enfim, decidiu-se:

– Enfim, que se passou em Megève?

Ela me fazia a pergunta de maneira tão incisiva que, pela primeira vez, senti-me vencido pelo desencorajamento, e até mais do que o desencorajamento, pelo desespero que nos invade assim que a gente se dá conta de que, apesar de nossos esforços, de nossas qualidades, de toda nossa boa vontade, a gente se esbarra com um obstáculo intransponível.

– Eu lhe explicarei... Num outro dia...

Devia haver alguma coisa de desvairado na minha voz ou na expressão do meu rosto, pois ela me apertou o braço como se quisesse me consolar e me disse:

– Desculpe-me por lhe fazer perguntas indiscretas... Mas... Eu era muito amiga de Denise...

– Eu entendo.

Ela tinha se levantado.

– Aguarde um pouquinho...

Ela deixou a sala. Olhei a meus pés as poças de luz que os raios de sol formavam sobre o tapete de lã branca. Depois os tacos do assoalho, e a mesa retangular, e o velho manequim que pertencera a “Denise”. Pode acontecer que a gente acabe não mais reconhecendo um lugar onde viveu?

Ela voltava, trazendo alguma coisa na mão. Dois livros. Uma agenda.

Estava surpreso que ela não tivesse guardado essas recordações numa caixa, como tinham feito Stioppa de Djagoriew e o antigo jardineiro da mãe de Freddie. Em suma, era a primeira vez, durante as minhas investigações, que não

me davam uma embalagem. Este pensamento me fez rir.

– Que acha tão divertido?

– Nada.

Contemplei as capas dos livros. Numa delas, o rosto de um chinês, com um bigode e um chapéu-coco, aparecia na bruma azul. Um título: *Charlie Chan*. A outra capa era amarela, e na sua parte inferior notei o desenho de uma máscara perfurada por uma pena de ganso. O livro chamava-se: *Cartas anônimas*.

– Nossa, como Denise adorava ler romances policiais!... disse-me. – Também há isto...

Entregou-me uma pequena agenda encapada com couro de crocodilo.

– Obrigado.

Abri e folhee a agenda. Nada tinha sido escrito: nenhum nome, nenhum encontro. A agenda indicava os dias e os meses, mas não o ano. Acabei descobrindo, entre as páginas, um papel que desdobrei:

República Francesa

Prefeitura do Departamento de la Seine

Extrato das minutas das atas de nascimento do *XIII^e arrondissement* de Paris

Ano 1917

21 de dezembro de mil novecentos e dezessete

Às quinze horas nasceu, cais de Austerlitz, 9 bis

Denise Yvette Coudreuse, do sexo feminino, de

Paul Coudreuse, e de Henriette Bogaerts, sem profissão, domiciliados no endereço acima mencionado

Casou-se em 3 de abril de 1939, em Paris (XVII^e), com Jimmy Pedro Stern.

Conforme o original

Paris, dezesseis de junho de 1939.

– A senhora viu? – perguntei.

Ela lançou um olhar surpreso sobre esta certidão de nascimento.

– A senhora conheceu o marido dela? Esse... Jimmy Pedro Stern?

– Denise nunca me disse que tinha sido casada... O senhor sabia?

– Não.

Enfiei a agenda e a certidão de nascimento no bolso interno do paletó, junto com o envelope que continha as fotos, e não sei por que uma ideia me atravessou: a de dissimular, assim que pudesse, todos esses tesouros no forro de meu paletó.

– Obrigado por ter-me dado essas lembranças.

– Não há de quê, senhor McEvoy.

Aliviava-me que ela repetisse meu nome, pois eu não tinha escutado direito, quando ela pronunciara pela primeira vez. Gostaria de tê-lo anotado imediatamente, mas tinha dúvidas sobre a ortografia.

– Adoro a forma como a senhora pronuncia o meu nome – eu lhe disse. – É difícil para uma francesa... Mas como o escreve? Sempre erram ao escrevê-lo...

Eu dissera isso num tom jocoso. Ela sorriu.

– M... C... E maiúsculo, v... o... y... – soletrou.

– Uma palavra só? Tem certeza?

– Certeza absoluta – disse-me, como se tentasse desfazer a armadilha que eu lhe armara.

Então, eu era McEvoy.

– Muito bem – disse-lhe.

– Nunca cometo erros de ortografia.

– Pedro McEvoy... Tenho um nomezinho estranho, a senhora não acha? Há momentos em que eu próprio estranho...

– Tome... Ia me esquecendo – disse-me.

Tirou do bolso um envelope.

– É o último bilhete que recebi de Denise...
Desdobrei a folha e li:

Megève, 14 de fevereiro

Querida Hélène,

Está decidido. Atravessaremos a fronteira amanhã, eu e Pedro. Te mando notícias de lá o mais rápido possível.

Enquanto isso, te dou o número de telefone de alguém em Paris, por intermédio de quem poderemos nos corresponder:

OLEG DE WRÉDÉ AUTeuil 54-73

Beijos

Denise.

– E a senhora telefonou?

– Sim, mas todas as vezes me responderam que este senhor estava ausente.

– Quem seria este... Wrédé?

– Não sei. Denise nunca me falara dele...

O sol, pouco a pouco, deixava a sala. Ela acendeu o pequeno abajur, que estava sobre a mesinha, na extremidade do divã.

– Gostaria muito de rever o quarto onde morei.

– Claro...

Percorremos um corredor, e ela abriu uma porta à direita.

– Aí está – disse-me. – Não me sirvo mais deste quarto... Durmo no quarto de hóspedes... O senhor sabe... o que dá para o pátio...

Permaneci no umbral da porta. Ainda estava bastante claro. Dos dois lados da janela caíam cortinas cor de vinho. As paredes eram revestidas com um papel de padrões azul-pálido.

– Reconhece? – perguntou-me.

– Sim.

Uma cama junto à parede do fundo. Sentei-me nela.

– Posso ficar sozinho aqui, por alguns minutos?

– Claro.

– Isso me fará lembrar os “bons tempos”...

Olhou-me tristemente e balançou a cabeça.

– Vou preparar um pouco de chá...

Saiu. Eu olhava à minha volta. Neste quarto, também, o assoalho estava estragado, faltavam tacos, e os buracos não tinham sido tapados. Na parede oposta à janela, uma lareira de mármore branco encimada por um espelho, cuja moldura dourada era ornada em cada canto por uma concha. Deitei-me atravessado na cama e fixava o teto e os motivos do papel de parede. Quase colava o rosto contra a parede, para melhor perceber os detalhes. Cenas campestres. Mocinhas com perucas ornamentadas, em balanços. Pastores de calças bufantes, tocando bandolins. Bosque enluarado. Nada disso me evocava qualquer lembrança, e, no entanto, esses desenhos deviam ter-me sido familiares, quando dormia nesta cama. Procurava no teto, nas paredes e do lado da porta, uma pista qualquer, sem saber muito bem o quê. Nada me saltava aos olhos.

Levantei-me e caminhei até a janela. Olhei para baixo.

A rua estava deserta e mais escura do que quando entrara no prédio. O guarda continuava a sua ronda na calçada em frente. Para a esquerda, se eu inclinasse a cabeça, via uma praça, deserta também, com outros guardas em ronda. Parecia que as janelas de todos esses prédios absorviam a escuridão que caía lentamente. Eram negras, essas janelas, e via-se bem que ninguém morava

por aqui.

Então, senti uma espécie de estalo. A vista que se tinha desse quarto me causava um sentimento de inquietação, uma apreensão que já conhecera antes. As fachadas, essa rua deserta, essas silhuetas em ronda no crepúsculo me perturbavam da mesma maneira insidiosa que um perfume ou uma canção outrora familiares. Estava seguro de que, frequentemente, à mesma hora, tinha estado ali, imóvel, espreitando, sem fazer o menor gesto e sem sequer ousar acender uma luz.

Quando voltei à sala, achei que não havia ninguém, mas ela estava esticada no sofá de veludo. Dormia. Aproximei-me suavemente e sentei-me na outra ponta do sofá. Uma bandeja, com uma chaleira e duas xícaras, no meio do tapete de lã branca. Pigarreei. Ela não acordava. Então servi chá nas duas xícaras. Estava frio.

O abajur perto do sofá deixava toda uma parte do aposento na penumbra, e eu mal distinguia a mesa, o manequim e a máquina de costura, estes objetos que “Denise” tinha abandonado ali. Como teriam sido as noites nesta sala? Como sabê-lo?

Eu bebia o chá aos pouquinhos. Escutava a respiração dela, uma respiração quase imperceptível, mas o silêncio da sala era tal que o mínimo ruído, o mínimo cochicho seriam audíveis com nitidez inquietante. Para que despertá-la? Não tinha mais muita coisa a me informar. Coloquei minha xícara sobre o tapete de lã.

Fiz ranger o assoalho no momento exato em que deixava a sala e entrava no corredor. Tateando, procurei a porta e a luz da escada. Fechei a porta o mais suavemente possível. Mal havia empurrado a porta de vidraças quadradas, para atravessar a entrada do prédio, e essa espécie de estalo, que eu tinha experimentado ao olhar pela janela do quarto, produziu-se de novo. A entrada era iluminada por um globo no teto que espalhava uma luz branca. Pouco a

pouco, habituava-me a esta luminosidade muito forte. Fiquei contemplando as paredes cinza e as vidraças da porta, que brilhavam.

Uma impressão me atravessou, como esses fugazes farrapos de sonho que a gente tenta pegar, ao despertar, para reconstituir o sonho inteiro. Eu me via caminhando numa Paris obscura e empurrando a porta deste prédio da rua Cambacérès. Então, meus olhos ficavam bruscamente ofuscados, e por alguns segundos eu não via mais nada, tal era o contraste entre esta luminosidade branca e a noite lá fora. Em que época ocorrera isso? No tempo em que eu me chamava Pedro McEvoy e entrava aqui todas as noites? Estaria reconhecendo a entrada, o grande capacho retangular, as paredes cinza, o globo do teto cintado por um anel de cobre? Através das vidraças da porta eu via o começo da escada, que tive vontade de subir lentamente, para refazer os gestos de outrora e seguir meus antigos itinerários.

Acho que se pode ouvir ainda, nas entradas dos prédios, o eco dos passos daqueles que habitualmente as atravessavam e que desapareceram. Alguma coisa continua a vibrar após sua passagem, ondas cada vez mais fracas, mas que se podem captar, se estamos atentos. No fundo, eu talvez nunca tivesse sido esse Pedro McEvoy, eu não era nada, mas ondas me atravessavam, ora longínquas, ora mais fortes, e todos esses ecos espalhados que flutuam no ar se cristalizavam e eram eu.

XVI

Hotel Castille, rua Cambon. Diante da recepção, uma pequena sala. Na biblioteca envidraçada, a história da Restauração, de L. de Viel-Castel. Uma noite, talvez eu tenha pegado um desses volumes, antes de subir ao meu quarto, e tenha esquecido no seu interior a carta, a foto, ou o telegrama, que me servia para marcar a página. Porém, não ousou pedir ao recepcionista a permissão de folhear os dezessete volumes, para encontrar esta pista de mim mesmo.

Ao fundo do hotel, um pátio ladeado por uma parede de treliças verdes cobertas de hera. O chão é de pedras ocre, da cor de areia das quadras de tênis. Mesas e cadeiras de jardim.

Então, eu vivera ali, com esta Denise Coudreuse. Nosso quarto daria para a rua Cambon ou para o pátio?

XVII

Cais de Austerlitz, número 9 bis. Um prédio de três andares com uma velha e grande porta dando para um corredor de paredes amarelas. Um café cujo letreiro diz A la Marine. Atrás de uma porta envidraçada, num cartaz dependurado na parede, se lê: “MEN SPREEKT VLAAMCH”, em letras vermelho-vivo.

Uma dezena de pessoas apertava-se no balcão. Sentei-me a uma das mesas vazias, diante da parede do fundo. Nesta parede, uma grande fotografia de um porto: ANVERS, como estava escrito sob a foto.

Os clientes falavam muito alto no balcão. Deviam todos trabalhar no bairro e bebiam o aperitivo da noite. Perto da entrada envidraçada, um fliperama diante do qual estava um homem de terno azul-marinho e gravata, cuja indumentária contrastava com as dos outros, que vestiam juponas, casacos de couro ou macacões. Ele jogava calmamente, puxando com mão mole o pino de mola do fliperama.

A fumaça dos cigarros e dos cachimbos ardia nos meus olhos e me fazia tossir. Pairava no ar um cheiro de gordura de porco.

– O senhor deseja?

Não o tinha visto aproximar-se de mim. Tinha até pensado que ninguém viria perguntar-me o que eu queria, tão despercebida era a minha presença nessa mesa do fundo.

– Um expresso – eu disse.

Era um homem de pequena estatura, com seus 60 anos, cabelos brancos, cara vermelha, congestionada já, sem dúvida, por uns tragos. Seus olhos azul-claros pareciam ainda mais esmaecidos sobre essa tez vermelho-vivo. Havia alguma coisa de alegre nesse branco, nesse vermelho, nesse azul de tonalidades de

faiança.

– Desculpe... – disse-lhe, quando se encaminhou para o balcão. – Que quer dizer a inscrição sobre a porta?

– MEN SPREEKT VLAAMCH?

Pronunciava a frase com voz sonora.

– Sim?

– Quer dizer: Fala-se flamengo.

E virou-me as costas, dirigindo-se ao balcão com andar gingante. Com o braço empurrava sem cerimônia os clientes que atrapalhavam a sua passagem.

Retornou com a xícara de café segura nas mãos, os braços esticados diante de si, como se fizesse um esforço enorme para evitar que a xícara caísse.

– Aqui está.

Colocou a xícara no meio da mesa, resfolegando tanto quanto um corredor de maratona na chegada.

– Senhor... Tem algum significado isto... COUDREUSE?

Perguntara bruscamente.

Deixou-se cair sobre a cadeira diante de mim e cruzou os braços.

Resfolegava ainda.

– Por quê? O senhor conheceu... COUDREUSE?

– Não, mas ouvi falar, na minha família.

Sua tez tornou-se cor de tijolo, e gotas de suor perolaram sobre o seu nariz.

– Coudreuse... morava aqui em cima, no segundo andar...

Tinha um ligeiro sotaque. Bebi um gole de café, decidido a deixá-lo falar, pois outra pergunta talvez o assustasse.

– Ele trabalhava na estação de Austerlitz... Sua mulher era de Anvers, como eu...

– Ele tinha uma filha, não é?

Sorriu.

- Sim, uma linda garota. O senhor a conheceu?
- Não, mas ouvi falar dela...
- Que é feito dela?
- É exatamente o que tento descobrir.
- Ela vinha aqui todas as manhãs, comprar os cigarros do pai... Coudreuse fumava Laurens, cigarros belgas...

Ele estava absorvido pelas lembranças, e creio que, como eu, não ouvia mais o ruído das vozes e das risadas, nem o barulho de metralhadora do fliperama ao lado.

– Um cara bacana, o Coudreuse... Eu jantava frequentemente com eles, lá em cima... Conversava em flamengo com a mulher dele...

- O senhor não tem mais notícias deles?
- Ele morreu... Sua mulher voltou para Anvers...

E com um grande gesto de mão varreu a mesa.

- Isto tudo pertence à noite dos tempos...
- O senhor disse que ela vinha comprar os cigarros do pai... Qual era mesmo a marca?

– Laurens.

Esperava guardar o nome.

- Garota esperta... Aos 10 anos já jogava bilhar com os meus clientes...

Apontava-me a porta no fundo do bar, que certamente dava acesso à sala de bilhar. Então, fora ali que ela aprendera esse jogo.

- Espere – disse-me. – Vou mostrar-lhe uma coisa...

Levantou-se pesadamente e foi até o balcão. De novo, empurrou com os braços todos os que impediam a sua passagem. A maioria desses clientes usava casquete de marinheiro e falava uma estranha língua, sem dúvida o flamengo. Imaginei que era por causa das barcaças atracadas embaixo, no cais de Austerlitz, e que deviam vir da Bélgica.

– Tome... veja...

Sentara-se diante de mim e me estendia uma velha revista de modas em cuja capa se via uma moça de cabelos castanhos, olhos claros, com um quê de asiático nos traços. Reconheci-a imediatamente: Denise. Vestia um bolero negro e segurava uma orquídea.

– Era Denise, a filha de Coudreuse... Está vendo... Uma bela moça... Ela foi modelo... Eu a conheci quando era uma menina...

A capa da revista estava manchada e colada com fita durex.

– Eu a revejo sempre, quando vinha comprar os Laurens...

– Ela não era... costureira?

– Não creio.

– E o senhor realmente não sabe o que foi feito dela?

– Não.

– O senhor não tem o endereço da sua mãe em Anvers?

Fez que não com a cabeça. Tinha um ar pesaroso.

– Tudo isso está acabado, meu velho...

Por quê?

– O senhor não me emprestaria esta revista? – perguntei-lhe.

– Sim, meu velho, mas tem que me prometer devolvê-la.

– Prometo.

– Tenho muito apego a isto. É como uma recordação de família.

– A que horas ela vinha comprar os cigarros?

– Sempre às quinze para as oito. Antes de ir para a escola.

– Qual escola?

– Na rua Jenner. Algumas vezes ia acompanhada pelo pai.

Estendi a mão para a revista, peguei-a rapidamente e puxei-a para mim, o coração palpitando. Antes que ele mudasse de opinião e a guardasse.

– Obrigado. Amanhã a devolverei.

– Sem falta, hein?

Olhava-me desconfiado.

– Mas por que tudo isso lhe interessa? O senhor é da família?

– Sim.

Não podia evitar olhar a capa da revista. Denise parecia um pouco mais jovem do que nas fotos que eu já tinha. Ela usava brincos e, saindo da orquídea que ela levava, folhas de samambaia escondiam-lhe parte do pescoço. Atrás dela havia um anjo esculpido em madeira. Embaixo, no canto esquerdo da foto, estas palavras cujos tipos minúsculos e vermelhos sobressaíam bem sobre o bolero:

“Foto Jean-Michel Mansoure.”

– Quer beber alguma coisa? – perguntou-me.

– Não, obrigado.

– Então eu ofereço o café.

– Muita gentileza sua.

Levantei-me, com a revista na mão. Ele me precedia, abrindo passagem entre os clientes, cada vez mais numerosos no balcão. Dizia aos clientes uma palavra em flamengo. Levamos bastante tempo para chegar até a porta envidraçada. Ele a abriu e assoou o nariz.

– Não esqueça de me devolvê-la, hein? – disse-me, apontando a revista.

Fechou a porta envidraçada e me seguiu até a calçada. – Está vendo... Eles moravam lá em cima... no segundo andar...

As janelas estavam iluminadas. Ao fundo de um dos aposentos distinguia-se um armário de madeira escura.

– Há outros inquilinos...

– Quando o senhor jantava com eles, era em que cômodo?

– Naquele ali... à esquerda...

E apontava-me a janela.

– E o quarto de Denise?

– Dava para o outro lado... nos fundos...

Ele estava pensativo ao meu lado. Acabei por estender-lhe a mão.

– Até logo. Vou lhe trazer a revista.

– Até logo.

Entrou no bar. Olhava-me, encostando sua cabeçorra vermelha contra o vidro. A fumaça dos cachimbos e dos cigarros envolvia os clientes do balcão numa névoa amarela, e a cabeçorra vermelha por sua vez ficava mais e mais imprecisa, devido ao embaçamento que a sua respiração provocava no vidro.

Era noite. A hora em que Denise voltava da escola, se é que ela ficava na escola na parte da tarde. Que caminho tomaria ela? Viria da direita ou da esquerda? Tinha esquecido de perguntar ao dono do bar. Naquele tempo havia menos movimento, e as copas dos plátanos formavam uma abóbada sobre o cais de Austerlitz. A própria estação, mais adiante, assemelhava-se à de uma cidade do Sudoeste. Mais adiante ainda o Jardin des Plantes, e a sombra e o silêncio pesado da Halle aux Vins acrescentavam calma ao bairro.

Passei pela porta do prédio e acendi a luz do hall. Um corredor cujo velho piso era de losangos negros e cinza. Um capacho de ferro. Na parede amarela, caixas de correio. E sempre este odor de gordura de porco.

Se eu fechasse os olhos, pensei, se me concentrasse, apertando os dedos da mão contra a testa, talvez conseguisse escutar, de muito longe, o ruído das sandálias dela nas escadas.

XVIII

Mas acho que foi num bar de hotel que nós nos encontramos pela primeira vez, Denise e eu. Eu estava com o homem que se vê nas fotos, esse Freddie Howard de Luz, meu amigo de infância, e com Gay Orlow. Eles moravam no hotel por algum tempo, pois estavam voltando da América. Gay Orlow me dissera que esperava uma amiga, uma moça que acabara de conhecer.

Ela caminhava na nossa direção e imediatamente seu rosto me comoveu. Um rosto asiático, ainda que ela fosse quase loura. Os olhos claros e puxados. Maços do rosto salientes. Usava um curioso chapeuzinho, que lembrava a forma dos chapéus tirolezes, e tinha cabelos bem curtos.

Freddie e Gay Orlow pediram-nos para esperá-los um momento e subiram para o quarto deles. Ficamos um diante do outro. Ela sorriu.

Não falávamos. Ela tinha os olhos pálidos, atravessados, vez por outra, por qualquer coisa de verde.

XIX

Mansoure, Jean-Michel. Rua Gabrielle, 1, XVIII^e. CLI 72-01.

XX

– Desculpe – disse-me, quando vim sentar-me à sua mesa, num café na praça Blanche, onde ele me havia proposto, por telefone, que nos encontrássemos, às seis horas da tarde. – Desculpe-me, porém sempre marco os meus encontros fora de casa... Sobretudo no primeiro contato... Agora, podemos ir para a minha casa...

Reconhecera-o facilmente, pois ele me havia precisado que vestiria um terno de veludo verde-escuro e que os seus cabelos eram brancos, muito brancos, e cortados à escovinha. Esse corte rente destoava dos seus longos cílios negros, que piscavam sem parar, de seus olhos amendoados, e da forma feminina da sua boca: lábio superior sinuoso, lábio inferior tenso e imperativo.

De pé, pareceu-me de médio porte. Vestiu uma capa de chuva, e saímos do café.

Na calçada do boulevard de Clichy, mostrou-me um prédio ao lado do Moulin Rouge e disse-me:

– Em priscas eras eu teria marcado o nosso encontro no Graff... Ali... Mas ele já não existe mais...

Atravessamos o boulevard e entramos pela rua Coustou. Apertava o passo, olhando furtivamente para os bares glaucos do lado esquerdo, e, ao chegarmos à altura do grande estacionamento, ele quase corria. Parou somente na esquina da rua Lepic.

– Desculpe – disse-me, sem fôlego –, mas esta rua me traz recordações muito esquisitas... Desculpe...

Tinha tido realmente medo. Acho até que tremia.

– Agora tudo vai melhorar... Aqui está tudo bem...

Sorria, olhando diante de si a subida da rua Lepic, com as banquinhas do

mercado e as lojas do comércio de alimentos bem iluminadas.

Tomamos a rua des Abbesses. Ele caminhava calmo e relaxado. Tinha vontade de perguntar-lhe quais eram as “recordações esquisitas” que a rua Coustou lhe trazia, mas não ousava ser indiscreto nem provocar nele aquele nervosismo que tinha me espantado. De repente, antes de chegar à praça des Abbesses, ele voltou a apertar o passo. Eu caminhava à sua direita. No momento em que atravessamos a rua Germain-Pilon, vi-o olhar horrorizado para a rua estreita de casas baixas e sombrias que descem a ladeira íngreme até o bulevar. Apertou-me com força o braço. Pendurava-se em mim como se quisesse ser arrancado da contemplação dessa rua. Puxei-o para a outra calçada.

– Obrigado... o senhor sabe... é esquisito...

Hesitava, no limiar da confidência.

– Tenho... tenho vertigem cada vez que atravesso o alto da rua Germain-Pilon... Tenho... Tenho vontade de descer... É mais forte do que eu...

– E por que não desce?

– Porque... nesta rua Germain-Pilon... antigamente tinha... tinha um lugar... Interrompeu-se.

– Oh... – disse, com um sorriso evasivo. – É bobagem da minha parte... Montmartre mudou tanto... Seria demorado explicar... O senhor não conheceu o Montmartre de antes...

Que sabia ele a respeito disso?

Morava na rua Gabrielle, num prédio à beira dos jardins do Sacré-Coeur. Subimos pela escada de serviço. Levou muito tempo para abrir a porta: três fechaduras nas quais rodou chaves diferentes, com a lentidão e o cuidado que se empregam para seguir a combinação sutil de um cofre-forte.

Um minúsculo apartamento. Compunha-se apenas de uma sala e um quarto, que originalmente deveriam ser um só cômodo. Cortinas de cetim rosa, presas por cordéis em fio de prata, separavam a sala do quarto. Esta era forrada de seda

azul-celeste, e a única janela escondida por cortinas da mesma cor. Mesinhas de laca negra, sobre as quais se dispunham objetos de marfim ou de jade, pequenas poltronas estofadas em verde-pálido e um canapé coberto por um tecido estampado com ramagens de um verde ainda mais diluído davam ao conjunto o aspecto de uma caixa de bombons. A luz vinha dos apliques dourados da parede.

– Sente-se – disse-me.

Sentei-me no canapé de ramagens. Sentou-se ao meu lado.

– Então... mostre-me isto...

Tirei do bolso do casaco a revista de modas e apontei-lhe a capa, onde se via Denise. Tomou-me a revista e pôs seus óculos de pesada armação de tartaruga.

– Sim... Sim... Foto Jean-Michel Mansoure... Sou eu mesmo... Não há nenhuma dúvida...

– O senhor se lembra dessa moça?

– Nadinha. Eu trabalhava raramente para esta revista de modas... Era uma revista de pequeno porte... Eu trabalhava sobretudo para a *Vogue*, o senhor compreende...

Queria deixar claro quem era quem.

– E o senhor não teria outros detalhes sobre esta foto?

Olhou-me com ar divertido. Sob a luz dos apliques, percebi que a pele do seu rosto era sulcada por minúsculas rugas e sardas.

– Meu querido, vou lhe dizer isto logo, logo...

Levantou-se, com a revista na mão, e abriu, com uma volta de chave, uma porta que eu não tinha percebido até então, porque estava coberta de seda azul-celeste, como as paredes. Ela dava para uma saleta. Escutei-o remexer várias gavetas metálicas. Depois de alguns minutos, saiu da saleta, fechando cuidadosamente a porta.

– Aqui está. Tenho a fichinha e os negativos. Guardo tudo, desde o começo... Está catalogado por anos e por ordem alfabética...

Voltou a sentar-se ao meu lado e consultou a ficha.

– Denise... Coudreuse... É isto, não?

– É.

– Ela nunca mais fez fotos comigo... Agora me lembro dessa moça... Ela fez muitas fotos com Hoynigen-Hunne.

– Quem?

– Hoynigen-Hunne, um fotógrafo alemão... Claro... É isto... Ela trabalhou muito com Hoynigen-Hunne...

Cada vez que Mansoure pronunciava este nome de sonoridades lunares e queixosas, eu sentia pousarem-se sobre mim os olhos pálidos de Denise, como da primeira vez.

– Tenho o endereço dela na época, se isso o interessa.

– Me interessa – respondi, com a voz alterada.

– Rua de Rome, 97, Paris, *XVII^e arrondissement*. Rua de Rome, 97...

Virou bruscamente a cabeça para mim. Seu rosto era de uma brancura espantosa, seus olhos esbugalhados.

– Rua de Rome, 97...

– Mas... o que há? – perguntei-lhe.

– Me lembro muito bem dessa moça, agora... Eu tinha um amigo que morava no mesmo prédio...

Ele me olhava com ar de desconfiança e parecia tão perturbado quanto no momento em que atravessava a rua Coustou e o alto da rua Germain-Pilon.

– Que incrível coincidência... Me lembro bem... Fui buscá-la na casa dela, na rua de Rome, para fazer as fotos e aproveitei para dizer alô a este amigo. Ele morava no andar de cima...

– O senhor esteve na casa dela?

– Sim. Mas fizemos as fotos no apartamento do meu amigo. Ele nos fazia companhia...

– Que amigo?

Ele ficava cada vez mais pálido. Tinha medo.

– Vou explicar... mas antes gostaria de beber alguma coisa... pra me reanimar...

Levantou-se, foi até um carrinho de chá e o trouxe para junto do canapé. Sobre a bandeja de cima, algumas licoreiras estavam enfileiradas, com tampas de cristal e placas de prata em forma de pulseira, como as que usavam no pescoço os músicos da Wehrmacht, e nas quais estavam gravados os nomes dos licores.

– Só tenho bebidas doces... Isso não o incomoda?

– Absolutamente.

– Vou beber um pouco de Marie Brizard... e o senhor?

– Também.

Encheu duas taças estreitas, e, quando experimentei o licor, ele se confundiu com os cetins, os marfins e os dourados ligeiramente enjoativos que me cercavam. Ele era a própria essência daquele apartamento.

– Esse amigo que morava na rua de Rome... foi assassinado...

Pronunciara esta última palavra com reticências e, com certeza, fizera esse esforço por mim, caso contrário não teria tido coragem de empregar um termo tão preciso.

– Ele era um grego do Egito... Escreveu poemas e dois livros...

– E o senhor acha que Denise Coudreuse o conhecia?

– Oh... devia cruzar com ele pelas escadas – disse-me agastado, pois esse detalhe para ele não tinha nenhuma importância.

– E... aconteceu no prédio?

– Foi.

– Denise Coudreuse morava lá, nessa época?

Ele nem sequer ouvira a minha pergunta.

– Aconteceu durante a noite... Ele tinha levado alguém para o apartamento...

Levava qualquer um para o seu apartamento...

– Encontraram o assassino?

Deu de ombros.

– Nunca se descobre esse tipo de assassino... Eu tinha certeza de que isso iria lhe acontecer... Se o senhor tivesse visto a cara de alguns dos garotos que ele convidava para a casa dele, à noite... Mesmo em pleno dia, eu teria medo...

Sorria de modo estranho, ao mesmo tempo comovido e horrorizado.

– Como se chamava o seu amigo? – perguntei.

– Alec Scouffi. Um grego de Alexandria.

Levantou-se bruscamente e abriu as cortinas de seda azul-celeste, descobrindo a janela. Depois, voltou ao seu lugar a meu lado, no canapé.

– Desculpe... mas há momentos em que tenho a impressão de que alguém se esconde atrás das cortinas... Um pouco mais de Marie Brizard? Claro, uma gota de Marie Brizard...

Esforçava-se por mostrar um tom alegre e apertava meu braço, como se quisesse se provar que eu estava realmente lá, ao lado dele.

– Scouffi viera se instalar na França... Eu o conhecera em Montmartre... Tinha escrito um belo livro que se chamava *Navire à l'ancre*...

– Mas, senhor – disse-lhe com voz firme e articulando bem as sílabas, para que desta vez ele se dignasse a escutar minha pergunta –, se o senhor me diz que Denise Coudreuse morava no andar de baixo, ela seguramente deve ter ouvido alguma coisa de anormal naquela noite... Devem tê-la interrogado como testemunha...

– Talvez.

Deu de ombros. Não, decididamente essa Denise Coudreuse, que me era tão importante e sobre quem eu gostaria de saber todos os gestos, não o interessava absolutamente nada.

– O mais terrível é que eu conheço o assassino... Ele enganava, porque tinha

cara de anjo... Porém, o seu olhar era duro... Olhos cinza...

Ele se arrepiou. Dir-se-ia que o homem do qual falava estava ali, diante de nós, e o transpassava com seus olhos cinzentos.

– Um ignóbil cafajestezinho... A última vez que o vi foi durante a ocupação, num restaurante num subsolo, na rua Cambon... Estava com um alemão...

Sua voz estremecia com esta lembrança, e, apesar de absorto, pensando em Denise Coudreuse, essa voz aguda, essa espécie de queixa raivosa causou-me uma impressão que dificilmente eu poderia justificar, mas que me parecia tão forte quanto uma evidência: no fundo, ele estava enciumado do destino do amigo, e tinha raiva desse homem de olhos cinzentos por não o ter assassinado em lugar do outro.

– Ele ainda vive... Continua por aí, em Paris... Fiquei sabendo por alguém... Claro, ele não tem mais a cara de anjo... Quer ouvir a voz dele?

Não tive sequer tempo de responder a essa pergunta surpreendente: ele pegara o telefone, sobre o pufe de couro vermelho ao nosso lado, e discou um número. Passou-me o fone.

– O senhor vai ouvi-lo... Atenção... Ele adotou o pseudônimo de “Cavaleiro Azul”...

No início, escutei apenas ruídos breves e repetidos que anunciam que a linha está ocupada. Depois, no intervalo dos ruídos, distingi vozes de homens e de mulheres que se enviavam apelos: – Maurice e Josy gostariam que René telefonasse... – Lucien espera Jeannot na rua de la Convention... – Madame du Barry procura parceiro... – Alcibiade está sozinho esta noite...

Diálogos se delineavam, vozes se procuravam umas às outras, a despeito dos ruídos que as interrompiam regularmente. E todos esses seres sem rosto tentavam trocar entre si um número de telefone, uma senha, na esperança de um encontro. Acabei por escutar uma voz mais longínqua que as outras, que repetia:

– “Cavaleiro Azul” está livre esta noite... “Cavaleiro Azul” está livre esta

noite... Deixe número de telefone... Deixe número de telefone...

– Então – perguntou-me Mansoure –, está ouvindo? O senhor está ouvindo? Colava o ouvido contra o fone, aproximando seu rosto do meu.

– O número que eu disquei não pertence a mais ninguém, há muito tempo – explicou-me. – Então, eles perceberam que podiam se comunicar desta forma.

Calou-se, para melhor escutar “Cavaleiro Azul”, e eu imaginava que todas essas vozes seriam vozes do além-túmulo, vozes de pessoas desaparecidas – vozes errantes, que só podiam se responder umas às outras por meio de um número de telefone desligado.

– É apavorante... apavorante... – repetia ele, apertando o fone contra o ouvido. – Este assassino... O senhor ouve?

Desligou bruscamente. Estava molhado de suor.

– Vou mostrar-lhe uma foto do meu amigo que este cafajeste assassinou... E vou tentar encontrar-lhe o romance dele, *Navire à l'ancre*... O senhor deveria lê-lo.

Levantou-se e foi para o quarto, separado da sala pelas cortinas de cetim rosa. Meio escondida por elas, eu podia entrever uma cama baixa, coberta por uma pele de guanaco.

Eu andara até a janela e olhava de cima os trilhos do funicular de Montmartre, os jardins do Sacré-Coeur e, mais longe, Paris inteira, com suas luzes, seus tetos, suas sombras. Neste labirinto de ruas e de bulevares, nós nos encontráramos um dia, Denise Coudreuse e eu. Itinerários que se cruzam, entre os que são utilizados por milhares e milhares de pessoas através de Paris, como milhares de pequenas bolas de um gigantesco bilhar elétrico, que se chocam, às vezes, uma à outra. Mas disso não resta nada, nem mesmo o rastro luminoso que deixa um vaga-lume em sua passagem.

Mansoure, sem fôlego, reapareceu entre as cortinas rosa, com um livro e muitas fotos na mão.

– Encontrei!... Encontrei!...

Estava radiante. Temia, sem dúvida, ter perdido essas relíquias. Sentou-se diante de mim e me estendeu o livro.

– Aí está... Tenho muito apego a ele, mas empresto-o ao senhor... é muito importante que o senhor o leia... é um belo livro... E que premonição!... Alec previra a sua morte...

Seu rosto se entristeceu.

– Eu lhe dou também duas ou três fotos dele...

– O senhor não prefere conservá-las?

– Não, não! Não se preocupe... Tenho dezenas delas... e todos os negativos!...

Tive vontade de pedir-lhe que me fizesse algumas fotos de Denise Coudreuse, mas não tive coragem.

– Me dá gosto de dar a um rapaz como você fotos de Alec...

– Obrigado.

– O senhor olhava pela janela? Bela vista, não é? E dizer que o assassino de Alec está em algum lugar lá embaixo...

E acariciava na vidraça, com as costas da mão, toda Paris, lá embaixo...

– Deve ser um velho, agora... Um velho apavorante... maquiado...

Fechou as cortinas de cetim rosa, com um gesto de frio.

– Prefiro não pensar nisso.

– Preciso ir – disse-lhe. – Mais uma vez obrigado pelas fotos.

– Me deixa sozinho? Não quer uma última gota de Marie Brizard?

– Não, obrigado.

Acompanhou-me até a porta da escada de serviço, ao longo de um corredor revestido de veludo azul-noite e iluminado por apliques de guirlandas de cristal. Perto da porta, pendurado na parede, reparei na foto de um homem num medalhão. Um louro, de bela e enérgica fisionomia, com olhos sonhadores.

– Richard Wall... Um amigo americano... Assassinado, também...

Permanecia imóvel na minha frente, encurvado.

– E houve outros – cochichou. – Muitos outros... Se eu fizesse as contas...

Todos esses mortos...

Abriu-me a porta. Senti-o tão desamparado que o beijei.

– Não desanime, meu velho – disse-lhe.

– Virá me ver novamente, hein? Me sinto tão só... Tenho medo...

– Voltarei.

– E, sobretudo, leia o livro de Alec...

Tomei coragem.

– Por favor... O senhor poderia me fazer algumas cópias das fotos de...

Denise Coudreuse?

– Claro! Tudo o que quiser... Não perca as fotos de Alec. E tenha cuidado na rua...

Fechou a porta e ouvi-o trancar os ferrolhos um após outro. Permaneci um instante no hall. Imaginava-o, voltando pelo corredor azul-noite à sala de cetim rosa e verde. Lá, tinha certeza, ele tornaria a pegar o telefone, discaria o número, e apertaria febrilmente o fone contra o ouvido, e não se cansaria de escutar, tremendo, as chamadas distantes do “Cavaleiro Azul”.

XXI

Partíramos muito cedo, naquela manhã, no carro conversível de Denise, e acho que passamos pela porta de Saint-Cloud. Havia sol, pois Denise usava um grande chapéu de palha.

Chegamos a uma cidadezinha de Seine-et-Marne ou Seine-et-Oise e seguimos por uma rua suavemente inclinada e margeada de árvores. Denise estacionou o carro em frente ao portão branco que dava acesso a um jardim. Empurrou o portão, e esperei-a na calçada.

Um salgueiro-chorão, no meio do jardim, e no fundo um bangalô. Vi Denise entrar no bangalô.

Voltou com uma menina de uns 10 anos, cujos cabelos eram louros, e que vestia uma saia cinzenta. Subimos todos três, no carro, a menina atrás, e eu ao lado de Denise, que dirigia. Já não lembro mais onde almoçamos.

Mas, à tarde, fomos passear no parque de Versailles e remamos, levando a menina. Os reflexos do sol na água me aturdiavam. Denise me emprestou seus óculos escuros.

Mais tarde, ficamos os três sentados a uma mesa com guarda-sol, e a menina tomava um sorvete verde e rosa. Perto de nós, várias pessoas em roupas de verão. A música de uma banda. Levamos a menina de volta, ao cair da noite. Atravessando a cidade, passamos por um parque de diversões e paramos.

Revejo a grande avenida deserta, ao crepúsculo, e Denise e a menina num autorama roxo, que deixava um rastro de fagulhas. Riam, e a menina fazia sinais com os braços. Quem seria ela?

XXII

Naquela noite, sentado à escrivaninha da Agência, eu examinava as fotos que Mansoure me dera.

Um homem grande, sentado no meio de um canapé. Veste um chambre de seda, bordado de flores. Entre o polegar e o indicador da mão direita, uma piteira. Com a mão esquerda, ele segura as páginas de um livro, pousado no seu colo. Ele é careca, tem sobrancelhas espessas e as pálpebras abaixadas. Lê. O nariz curto e largo, a dobra amarga da boca, a fisionomia gorda e oriental são de um buldogue. Sobre ele, o anjo esculpido em madeira, que eu havia reparado na capa da revista, atrás de Denise Coudreuse.

A segunda foto mostra-o de pé, vestido com um terno jaquetão branco, uma camisa riscadinha e uma gravata escura. Sua mão esquerda segura uma bengala de castão. O braço direito dobrado e a mão entreaberta emprestam-lhe um ar afetado. Mantém-se reto e empinado, quase na ponta dos sapatos bicolores. Ele se destaca aos poucos da foto, anima-se, e vejo-o caminhar por um bulevar, sob as árvores, com passos claudicantes.

XXIII

7 de novembro de 1965

Objeto: SCOUFFI, Alexandre.

Nascido em: Alexandria (Egito), em 28 de abril de 1885.

Nacionalidade: grega.

Alexandre Scouffi veio pela primeira vez à França em 1920.

Residiu sucessivamente:

Rua de Naples, 26, Paris (VIII^e)

Rua de Berne, 11, Paris (VIII^e), em apartamento mobiliado

Hotel de Chicago, rua de Rome, 99, Paris (XVII^e)

Rua de Rome, 97, Paris (XVII^e), 5º andar

Scouffi era homem de letras, publicou vários artigos em diversas revistas, poemas de todos os gêneros e dois romances: *Au Poiss D'or hôtel meublé* e *Navire à l'ancre*.

Estudava também canto e, ainda que não exercesse a profissão de artista lírico, foi ouvido na Sala Pleyel e no Teatro de la Monnaie, em Bruxelas. Em Paris, Scouffi chama a atenção da delegacia de costumes. Considerado *persona non grata*, discute-se até a sua expulsão.

Em novembro de 1924, quando habitava o número 26 da rua de Naples, é interrogado pela polícia por ter tentado abusar de um menor.

De novembro de 1930 a setembro de 1931, morou no Hotel de Chicago, na rua de Rome, 99, em companhia do jovem Pierre D., 20 anos, soldado do 8º de engenharia em Versailles. Parece que Scouffi frequentava os bares especiais de Montmartre. Scouffi recebia grandes quantias, provenientes das propriedades que herdara de seu pai, no Egito.

Assassinado na sua *garçonnière* da rua de Rome, 97. O assassino nunca foi identificado.

Objeto: DE WRÉDÉ, Oleg
AUTeuil 54-73

Até agora foi impossível identificar a pessoa que leva este nome. Pode tratar-se de um pseudônimo ou de um nome falso. Ou de um indivíduo estrangeiro que residiu por pouco tempo na França.

O número de telefone AUTeuil 54-73 está desligado desde 1952. Durante dez anos, de 1942 a 1952, pertenceu a:

GARAGEM DE LA COMÈTE
Rua Foucault, 5 – Paris (XVI^e)

Esta garagem está fechada desde 1952 e vai em breve ser substituída por um prédio de aluguel.

Um bilhete anexo ao folheto datilografado:

“Aí está, caro amigo, todas as informações que pude recolher. Se tiver necessidade de outros esclarecimentos, não hesite em pedir. Transmita minha amizade a Hutte.

Seu, Jean-Pierre Bernardy.”

XXIV

Por que razão Scouffi, esse homem grande de cara de buldogue, flutua na minha memória enevoadada mais do que outros? Talvez por causa do terno branco. Mancha viva, como quando se liga um rádio e entre os ruídos de estática e de parasitas, explode a música de uma orquestra ou o timbre puro de uma voz...

Lembro-me da mancha clara que fazia esse terno na escada e das pancadas surdas e regulares da bengala nos degraus. Ele parava a cada andar. Cruzei com ele muitas vezes, quando subia ao apartamento de Denise. Revejo com precisão o corrimão de cobre, a parede bege, as portas duplas de madeira escura dos apartamentos. A luz de uma pequena lâmpada em cada andar, e essa cabeça, esse suave e triste olhar de buldogue que surgia da sombra... Acho até que me cumprimentava ao passar.

Um café, na esquina da rua de Rome e do boulevard des Batignolles. Verão, as mesas avançam sobre a calçada, e sento-me a uma delas. É fim de tarde. Espero Denise. Os últimos raios de sol teimam sobre a fachada e as vidraças da garagem, lá longe, do outro lado da rua de Rome, na beira da via férrea...

De repente, percebo-o atravessando o boulevard.

Veste seu terno branco e segura na mão direita a bengala de castão. Manca ligeiramente. Distancia-se na direção da praça de Clichy, e não deixo de olhar essa silhueta branca e empinada, sob as árvores das calçadas. Ela encolhe, encolhe e acaba por perder-se. Então, bebo um gole do meu refresco de menta e me pergunto o que ele poderia procurar por ali. Para que encontros se encaminha?

Frequentemente, Denise se atrasava. Ela trabalhava – tudo isso me retorna agora graças a essa silhueta branca que se distancia através do boulevard –, ela

trabalhava para um costureiro, na rua La Boétie, um cara louro e magro de quem muito se falou posteriormente e que então começava sua carreira. Lembro-me do seu nome: Jacques, e se tiver paciência encontrarei seu sobrenome nos velhos catálogos do escritório de Hutte. Rua La Boétie...

A noite já caíra, quando ela vinha me encontrar na mesa desse café, mas isso não me incomodava, poderia permanecer ali ainda muito tempo, diante do meu refresco de menta. Preferia esperar nessa esplanada de café do que no pequeno apartamento de Denise, ali perto. Nove horas. Ele atravessava o bulevar, como era seu hábito. Dir-se-ia que o seu terno era fosforescente. Denise e ele trocaram algumas palavras, uma noite, sob as árvores da calçada. Esse terno de uma brancura estonteante, esse rosto fuliginoso de buldogue, as folhagens verde-elétrico tinham algo de estival e de irreal.

Denise e eu tomamos o caminho oposto ao dele e seguimos pelo bulevar de Courcelles. A Paris, onde caminhávamos os dois naquele tempo, era tão estival e tão irreal quanto o terno fosforescente de Scouffi. Flutuávamos numa noite aromatizada pelas alfenas, quando passamos diante das grades do Parque Monceau. Pouquíssimos carros. Sinais vermelhos e verdes acendiam-se suavemente para nada, e seus sinais em cores alternadas eram tão suaves e regulares quanto o balanço de palmeiras.

Quase no final da avenida Hoche, à esquerda, antes da praça de l'Étoile, as grandes janelas do primeiro andar da mansão que tinha pertencido a Sir Basil Zaharoff continuavam iluminadas. Tempos depois – ou naquela época mesmo – subi várias vezes ao primeiro andar dessa mansão: escritórios, e sempre muita gente nestes escritórios. Grupos de pessoas falavam, outros telefonavam febrilmente. Um vaivém perpétuo. E todas essas pessoas não tiravam sequer o sobretudo. Por que certas coisas do passado surgem com essa precisão fotográfica?

Jantávamos num restaurante basco, nas proximidades da avenida Victor

Hugo. Ontem à noite tentei encontrá-lo, mas não consegui. E, no entanto, procurei por toda a região. Ficava na esquina de duas ruas muito calmas e possuía uma esplanada protegida por vasos de plantas e pela grande lona vermelha e verde do toldo. Muita gente. Ouço o zumbido das conversas, o tilintar dos copos, vejo o balcão acaju no seu interior, sobre o qual um longo afresco mostra uma paisagem da Côte d'Argent. Tenho ainda na memória alguns rostos. O cara grande, louro e magro, para quem Denise trabalhava, na rua La Boétie, e que vinha por instantes sentar-se à nossa mesa. Um moreno de bigode, uma mulher ruiva, um outro louro, este de cabelos encaracolados, que ria sem parar, mas infelizmente não consigo dar nomes a esses rostos... A careca do barman que preparava um coquetel cuja fórmula só ele conhecia. Bastaria lembrar o nome do coquetel – que era também o do restaurante – para despertar outras lembranças, mas como? Ontem à noite, percorrendo essas ruas, sabia que elas eram as mesmas de antes e não as reconhecia. Os prédios não tinham mudado, nem a largura das calçadas, mas naquele tempo a luminosidade era outra e alguma coisa flutuava no ar...

Voltávamos pelo mesmo caminho. Frequentemente, íamos ao cinema, a um cinema de bairro, que reencontrei: o Royal-Villiers, na praça de Lévis. Foram a praça com seus bancos, a coluna Morris e as árvores que me fizeram reconhecer o lugar, mais do que a fachada do cinema.

Se me lembrasse dos filmes que vimos, situaria a época com exatidão, mas deles só me restam imagens vagas: um trenó que desliza sobre a neve. Uma cabine de navio onde entra um homem de smoking, silhuetas que dançam atrás de uma janela de sacada...

Chegávamos à rua de Rome. Ontem à noite, eu a percorri até o número 97 e acho que experimentei o mesmo sentimento de angústia daquele tempo, ao ver as grades, a via férrea, e, do outro lado, aquela publicidade de DUBONNET, que cobre toda a parede lateral de um dos prédios, e cujas cores certamente se

esmaeceram desde então.

No número 99, o Hotel de Chicago não se chama mais hotel “de Chicago”, porém ninguém na recepção foi capaz de me dizer em que época mudara de nome. Isso não tem nenhuma importância.

O 97 é um prédio muito largo. Se Scouffi morara no quinto andar, o apartamento de Denise era no andar de baixo – no quarto. Do lado direito ou esquerdo? A fachada possui pelo menos uma dúzia de janelas por andar, de maneira que deve haver, sem dúvida, dois ou três apartamentos para todas essas janelas. Olhei longamente essa fachada na esperança de reconhecer uma sacada, a forma ou as venezianas das janelas. Não, aquilo não me evocava nada.

A escada tampouco. O corrimão não é o de cobre luzente das minhas lembranças. As portas dos apartamentos não são de madeira escura. E sobretudo a luz dos andares não tem esse tom velado de onde surgia a misteriosa cara de buldogue de Scouffi. Inútil perguntar ao porteiro. Ele ficaria desconfiado e, além disso, porteiros mudam, como todas as coisas mudam.

Denise moraria ainda aqui quando Scouffi fora assassinado? Um acontecimento tão trágico teria deixado traços, se morávamos no andar de baixo. Não há sinal disso na minha memória. Denise não deve ter vivido durante muito tempo no 97 da rua de Rome, talvez alguns meses, apenas. Eu moraria com ela? Ou moraria noutra parte de Paris?

Lembro-me de uma noite em que voltamos muito tarde. Scouffi estava sentado num degrau da escada. Segurava nas mãos cruzadas o castão da sua bengala e seu queixo repousava sobre as mãos. Os traços do seu rosto estavam completamente derreados, seus olhos de buldogue expressavam infortúnio. Paramos diante dele. Não nos via. Gostaríamos de ter-lhe falado, ajudado a subir até o seu apartamento, mas ele estava tão imóvel quanto um boneco de cera. A luz apagou e não sobrou nada além da mancha branca e fosforescente do seu terno.

Tudo isso deve ter acontecido no início, assim que Denise e eu acabávamos de nos conhecer.

XXV

Desliguei o interruptor, mas em vez de sair do escritório de Hutte, fiquei alguns segundos no escuro. Então acendi a luz novamente e apaguei-a outra vez. Uma terceira vez acendi. E apaguei. Isso me despertava alguma coisa: vi-me apagando a luz de uma sala que tinha as dimensões desta, numa época que não poderia determinar. Este gesto, eu o repetia cada noite, à mesma hora.

O lampadário da avenida Niel faz brilhar a madeira da escrivaninha e da cadeira de Hutte. Naquele tempo também, eu ficava imóvel por instantes depois de ter apagado a luz, como se estivesse apreensivo de sair. Havia uma biblioteca envidraçada encostada à parede do fundo, uma lareira de mármore cinza encimada por um espelho, uma escrivaninha com várias gavetas, e um sofá perto da janela, onde me deitava para ler. A janela dava para uma rua silenciosa, ladeada por árvores.

Era uma pequena mansão, que servia de sede para uma legação da América do Sul. Não me lembro mais a título de que eu tinha um escritório nessa legação. Um homem e uma mulher, que apenas entrevia, ocupavam outras salas ao lado do meu escritório e ouvia-os baterem à máquina.

Recebia poucas pessoas, que vinham pedir-me que lhes desse vistos. Lembrei-me disso bruscamente, remexendo na lata de biscoitos que o jardineiro de Valbreuse tinha me dado, e examinando o passaporte da República Dominicana e as fotos de identidade. Mas eu trabalhava para alguém, que estava substituindo nesse escritório. Um cônsul? Um adido comercial? Não me esqueci de que eu telefonava a alguém, para pedir instruções. Quem seria?

Primeiramente, onde seria essa legação? Vasculhei durante vários dias o *XVI^e arrondissement*, pois a rua silenciosa ladeada de árvores, que eu tinha na

lembrança, correspondia às ruas desse bairro. Fiquei como um descobridor de nascentes d'água, que espreita a menor oscilação do seu pêndulo. Parava no início de cada rua, esperando que as árvores, os prédios me causassem um disparo do coração. Acho que isso aconteceu na esquina das ruas Molitor e Mirabeau, e tive bruscamente a certeza de que toda noite, à saída da legação, passava por essas paragens.

Era noite. Seguindo o corredor que levava à escada, escutava o ruído da máquina de escrever e punha minha cara na fresta da porta entreaberta. O homem já saíra, e ela ficava sozinha diante da máquina de escrever. Eu lhe dizia boa-noite. Ela parava de bater e se virava. Uma bela morena de quem me recordo o rosto tropical. Dizia-me alguma coisa em espanhol, sorria e retomava o trabalho. Depois de permanecer um instante no vestíbulo, decidia-me enfim a sair.

E estou certo de que desço a rua Mirabeau, tão reta, tão sombria, tão deserta, que aperto o passo e temo chamar atenção, pois sou o único pedestre. Na praça, mais adiante, na esquina da avenida de Versailles, um café ainda está iluminado.

Acontecia também de seguir pelo caminho inverso e de me enfiar pelas ruas calmas de Auteuil. Ali me sentia em segurança. Acabava saindo na calçada de la Muette. Lembro-me dos prédios altos do boulevard Émile-Augier, e da rua que eu virava, à direita. No térreo, uma janela de vidro fosco, como as dos gabinetes de dentista, estava sempre iluminada. Denise me esperava um pouco adiante, num restaurante russo.

Refiro-me frequentemente a bares ou restaurantes, mas se não houvesse, de tempos em tempos, uma placa de rua ou um letreiro luminoso, como poderia me localizar?

O restaurante prolongava-se por um jardim cercado de muros. Através de uma grande janela, via-se o salão interior, acolchoado de veludo vermelho. Era ainda de dia, quando nos sentávamos a uma das mesas do jardim. Havia aí um

tocador de cítara. A sonoridade desse instrumento, a luz crepuscular do jardim e os odores da folhagem, que vinham, sem dúvida, do bosque, na proximidade, tudo isso participava do mistério e da melancolia daqueles tempos. Tentei reencontrar o restaurante russo. Em vão. A rua Mirabeau não mudou. Nas noites em que ficava até mais tarde na legação, seguia meu caminho pela avenida de Versailles. Teria podido tomar o metrô, mas preferia caminhar ao ar livre. Cais de Passy. Ponte de Bir-Hakeim. A seguir, a avenida de New York, que atravessassei noutra noite, em companhia de Waldo Blunt, e agora compreendo por que senti uma pontada no peito. Sem me dar conta, caminhava nos meus antigos caminhos. Quantas vezes segui pela avenida de New York... Praça de l'Alma, primeiro oásis. Depois as árvores e o frescor do Cours-la-Reine. Depois da travessia da praça de la Concorde, quase terei chegado ao objetivo. Rua Royale. Viro à direita na rua Saint Honoré. À esquerda, rua Cambon.

Nenhuma luz na rua Cambon, exceto um reflexo violáceo que deve provir de uma vitrine. Meus passos ressoam na calçada. Estou sozinho. Novamente o medo me domina, esse medo que sinto todas as vezes que desço a rua Mirabeau, o medo de que me percebam, que me prendam, que me peçam os documentos. Seria uma pena, a algumas dezenas de metros do objetivo. Sobretudo, não correr. Caminhar até a meta final, com passadas regulares.

O Hotel Castille. Atravesso a porta. Ninguém na recepção. Entro na pequena sala, enquanto retomo meu fôlego e enxugo o suor da testa. Nesta noite, mais uma vez, escapei do perigo. Ela me espera lá em cima. É a única que me espera, a única que se inquietaria com meu desaparecimento nesta cidade.

Um quarto com paredes verde-claras. As cortinas vermelhas estão fechadas. A luz vem de um abajur na mesa de cabeceira, à esquerda da cama. Sinto seu perfume, um odor apimentado, e nada vejo além das sardas da sua pele e a pinta que ela tem acima da nádega direita.

XXVI

Por volta das sete horas da noite, ele voltava da praia com seu filho, e este era seu momento preferido do dia. Levava o menino pela mão, ou, então, deixava-o correr à sua frente.

A avenida estava deserta, alguns raios de sol demoravam-se sobre a calçada. Caminhavam ao longo das arcadas, e todas as vezes o menino parava diante da confeitaria A La Reine Astrid. Ele olhava a vitrine da livraria.

Naquela tarde, um livro chamou sua atenção, na vitrine. O título, em caracteres grená, continha a palavra “Castille”, e enquanto ele caminhava sob as arcadas, apertando a mão do filho, e este se divertia saltando sobre os raios de sol que estriavam a calçada, essa palavra “Castille” lembrava-lhe um hotel, em Paris, próximo do *faubourg* Saint-Honoré.

Um dia, um homem marcara encontro com ele no Hotel Castille. Já tinha encontrado aquele homem nos escritórios da avenida Hoche, entre todos os indivíduos estranhos que tratam de negócios em voz baixa, e o homem lhe propusera vender um pregador de gravata e dois braceletes de diamantes, pois queria deixar a França. Havia lhe confiado as joias, guardadas num pequeno estojo de couro, e combinaram se reencontrar na tarde do dia seguinte, no Hotel Castille, onde esse homem morava.

Revia a recepção do hotel, o bar minúsculo ao lado, e o jardim com a parede de treliças verdes. O recepcionista telefonou para anunciá-lo, depois indicou-lhe o número do quarto.

O homem estava deitado na cama, com um cigarro nos lábios. Não tragava e soprava a fumaça nervosamente em nuvens compactas. Um moreno grande, que se apresentara no dia anterior na avenida Hoche como “antigo adido comercial

de uma legação da América do Sul”. Só lhe havia dito seu prenome: Pedro.

O denominado “Pedro” sentara-se à beira da cama e lhe sorria com um sorriso tímido. Não sabia por que sentia simpatia por esse “Pedro”, sem conhecê-lo. Sentia que estava acuado nesse quarto de hotel. Imediatamente, estendeu-lhe o envelope que continha o dinheiro. Conseguira revender, no dia anterior, as joias, tendo um grande lucro. Aí está, disse-lhe, acrescentei a metade do lucro. “Pedro” agradeceu-lhe, guardando o envelope na gaveta da mesa de cabeceira.

Naquele momento, ele notara que uma das portas do guarda-roupa, diante da cama, estava entreaberta. Vestidos e casacos de pele estavam pendurados nos cabides. O denominado “Pedro” vivia lá, então, com uma mulher. De novo, ele tinha pensado que a situação deles, dessa mulher e desse “Pedro”, devia ser precária.

“Pedro” continuava deitado na cama e tinha acendido um novo cigarro. Esse homem sentia-se confiante nele, pois disse:

– Tenho ousado cada vez menos sair à rua...

Até mesmo acrescentara:

– Em certos dias tenho tanto medo que permaneço na cama...

Depois de todo esse tempo, ele ouvia ainda as duas frases, pronunciadas com uma voz surda por “Pedro”. Ele não tinha sabido o que responder. Safou-se com uma observação de ordem geral, alguma coisa como: “Vivemos numa época estranha.”

Pedro, então, havia lhe dito, bruscamente:

– Acho que encontrei um modo de sair da França... Com dinheiro, tudo é possível...

Ele se lembrava de que pequeninos flocos de neve – quase gotas de chuva – turbilhonavam detrás das vidraças da janela. E essa neve que caía, a noite lá fora, a exiguidade do quarto causavam nele uma impressão de abafamento. Seria ainda possível fugir para qualquer lugar, mesmo com dinheiro?

– Sim... – murmurava Pedro. – Tenho uma maneira de ir até Portugal... Pela Suíça...

A palavra “Portugal” tinha imediatamente evocado para ele o oceano verde, o sol, um refresco de laranja que se bebe com um canudinho, sob um guarda-sol. E se um dia – dissera a si mesmo – nós nos reencontrarmos, no verão, num café de Lisboa ou do Estoril? Teriam um gesto descuidado para virar uma garrafa e encher um copo... Como lhes pareceria distante aquele quarto do Hotel Castille, com a neve, o negror, a Paris desse inverno lúgubre, as traficâncias que era preciso fazer para escapar... Ele deixara o quarto dizendo a esse “Pedro”: “Boa sorte.”

Que teria sucedido a “Pedro”? Ele desejava que esse homem que só encontrara duas vezes, há tanto tempo, estivesse tão tranquilo e feliz quanto ele, nesse entardecer de verão, com uma criança que pula sobre as últimas poças de sol sobre a calçada.

XXVII

Caro Guy, obrigado pela sua carta. Estou muito feliz, em Nice. Reencontrei a velha igreja russa da rua Longchamp aonde minha avó me levava sempre. Era na época, também, do nascimento de minha vocação para o tênis, vendo jogar o rei Gustavo da Suécia... Em Nice, cada esquina me lembra minha infância.

Na igreja russa de que lhe falo há uma sala cercada de estantes de livros envidraçadas. No meio da sala, uma grande mesa que parece uma mesa de bilhar e velhas poltronas. É aí que minha avó vinha todas as quartas apanhar algumas obras, e eu sempre a acompanhava.

Os livros datam do fim do século XIX. Aliás, o lugar guardou o encanto dos gabinetes de leitura dessa época. Aí tenho passado longas horas lendo em russo, que tinha esquecido um pouco.

Ao longo da igreja, estende-se um jardim cheio de sombra, com grandes palmeiras e eucaliptos. No meio dessa vegetação tropical, ergue-se uma bétula de tronco prateado. Suponho que aí a tenham plantado para nos recordar nossa distante Rússia.

Devo confessar-lhe, caro Guy, que postulei minha candidatura ao cargo de bibliotecário? Se isso der certo, como espero que dê, ficarei encantado de acolhê-lo num dos lugares da minha infância.

Depois de muitas vicissitudes (não ousei dizer ao padre que exerci a profissão de detetive particular), retorno às origens.

Você tinha razão de me dizer que na vida não é o futuro que conta, é o passado.

Em relação ao que me perguntou, acho que o melhor meio é dirigir-se ao serviço “No interesse das famílias”. Acabo, então, de escrever a De Swert, que

me parece bem colocado para responder às suas questões. Ele lhe enviará as informações rapidamente.

Seu

Hutte.

P.S. – A respeito do denominado “Oleg de Wrédé”, que até aqui não pudemos identificar, anuncio uma boa notícia: você receberá uma carta, em breve, que lhe dará informações. Com efeito, interroguei ao acaso alguns velhos membros da colônia russa em Nice, pensando que “Wrédé” tinha uma ressonância russa – ou báltica – e por sorte encontrei uma certa Madame Kahan, para quem esse nome trouxe algumas lembranças. Más lembranças, aliás, que ela preferiria riscar da memória, mas ela me prometeu que vai lhe escrever para lhe dizer tudo que ela sabia.

XXVIII

Objeto: COUDREUSE, Denise, Yvette.

Nascida em: Paris, 21 de dezembro de 1917, de Paul COUDREUSE e de Henriette, nascida BOGAERTS.

Nacionalidade: francesa.

Casou-se em 3 de abril de 1939, na prefeitura do *XVII^e arrondissement*, com Jimmy Pedro Stern, nascido em 30 de setembro de 1912, em Salonica (Grécia), de nacionalidade grega.

A senhorita Coudreuse residiu sucessivamente:

Cais de Austerlitz, 9, Paris (XIII^e)

Rua de Rome, 97, Paris (XVII^e)

Hotel Castille, rua Cambon, Paris (VIII^e)

Rua Cambacérès, 10 bis, Paris (VIII^e)

A senhorita Coudreuse posava para fotos de moda sob o nome de “Muth”. Ela teria trabalhado a seguir na loja do costureiro J. F., rua La Boétie, 32, na qualidade de manequim; depois teria se associado com um certo Van Allen, cidadão holandês, que criou em abril de 1941 uma casa de alta-costura no *square* de l’Opéra, 6, Paris (IX^e). Esta teve uma existência efêmera e fechou em janeiro de 1945.

A senhorita Coudreuse teria desaparecido no curso de uma tentativa de travessia clandestina da fronteira franco-suíça, em fevereiro de 1943. As investigações levadas a cabo em Megève (Haute-Savoie) e em Annemasse (Haute-Savoie) não deram nenhum resultado.

XXIX

Objeto: STERN, Jimmy, Pedro.

Nascido em: Salonica (Grécia), em 30 de setembro de 1912, de Georges STERN e de Giuvia SARANO.

Nacionalidade: grega.

Casou-se em 3 de abril de 1939, na prefeitura do *XVII^e arrondissement*, com Denise Yvette Coudreuse, de nacionalidade francesa.

Ignora-se se o Sr. Stern residia na França.

Uma única ficha, datando de fevereiro de 1939, indica que um Sr. Jimmy Pedro Stern habitava nessa época:

Hotel Lincoln

Rua Bayard, 24, Paris, VIII^e

É, aliás, esse o endereço que figura na prefeitura do *XVII^e arrondissement*, na certidão de casamento.

O Hotel Lincoln não existe mais.

A ficha do Hotel Lincoln possuía a seguinte indicação:

Nome: STERN, Jimmy, Pedro.

Endereço: Rua das Lojinhas Obscuras, 2. Roma (Itália).

Profissão: corretor.

O Sr. Jimmy Stern teria desaparecido em 1940.

XXX

Objeto: McEVOY, Pedro.

Foi muito difícil recolher indicações sobre o Sr. Pedro McEvoy, quer na Chefatura de Polícia quer nas Informações Gerais.

Foi-nos assinalado que um Sr. Pedro McEvoy, cidadão dominicano e trabalhando na legação dominicana em Paris, estava domiciliado, em dezembro de 1940, na rua Julien-Potin, 9, em Neuilly (Seine).

Depois disso, perde-se seu rumo.

Segundo tudo indica aparentemente, o Sr. Pedro McEvoy deixou a França desde a última guerra.

Pode também tratar-se de um indivíduo que tivesse usado um nome falso e documentos falsificados, como era comum na época.

XXXI

Era o aniversário de Denise. Uma noite de inverno na qual a neve que caía em Paris transformava-se em lama. As pessoas se enfiavam nas entradas do metrô e caminhavam com pressa. As vitrines do *faubourg* Saint-Honoré brilhavam. O Natal se aproximava.

Entrei numa joalheria, e revejo a cabeça desse homem. Tinha barba e usava óculos escuros. Comprei um anel para Denise. Quando saí da loja, a neve ainda caía. Tive medo de que Denise não viesse ao nosso encontro e pensei, pela primeira vez, que podíamos nos perder nesta cidade, no meio de todas essas sombras que caminhavam apressadas.

E já não me lembro mais se, naquela noite, eu me chamava Jimmy ou Pedro, Stern ou McEvoy.

XXXII

Valparaíso. Ela está de pé, na parte traseira de um bonde, perto da janela, espremida na massa de passageiros, entre um homenzinho de óculos escuros e uma mulher morena com cara de múmia, exalando um perfume de violetas.

Logo, descerão quase todos na parada da praça Echaurren, e ela poderá sentar-se. Vem somente duas vezes por semana a Valparaíso, para as compras, já que mora lá pro alto, no bairro de Cerro Alegre. Aluga aí uma casa, onde instalou seu curso de dança.

Não se arrepende de ter deixado Paris, já faz cinco anos, depois da fratura no tornozelo, quando soube que não poderia mais dançar. Então decidiu partir, para cortar as amarras com aquilo que tinha sido a sua vida. Por que Valparaíso? Porque conhecia alguém de lá, um antigo bailarino do balé de Cuevas.

Não tem intenção de voltar à Europa. Ficaré ali no alto, dando seus cursos, e acabará esquecendo as velhas fotos dela nas paredes, do tempo em que ela pertencia à Companhia do Coronel de Basil.

Raramente pensa em sua vida de antes do acidente. Tudo se desvanece na sua cabeça. Confunde os nomes, as datas, os lugares. No entanto, uma lembrança lhe volta de modo regular, duas vezes por semana, à mesma hora e no mesmo lugar, uma lembrança mais clara que as outras.

É no momento exato em que o bonde para, como nesta noite, no final da avenida Errazuriz. Essa avenida sombreada de árvores e que sobe suavemente recorda-lhe a rua de Jouy-en-Josas, onde morava quando criança. Revê a casa, na esquina da rua Docteur-Kurzenne, o salgueiro-chorão, o portão branco, a igreja protestante em frente, e, no final, o albergue Robin des Bois. Lembra-se de um domingo diferente dos outros. Sua madrinha viera buscá-la.

Nada sabe sobre esta mulher, além do seu nome: Denise. Ela tinha um carro conversível. Naquele domingo um homem moreno a acompanhava. Tinham ido tomar sorvete, tinham remado e, à noite, deixando Versailles para levá-la de volta a Jouy-en-Josas, tinham parado num parque de diversões. Subira com a madrinha num carrinho do autorama, enquanto o homem moreno as observava.

Gostaria de saber mais. Como se chamariam exatamente um e outro? Onde viveriam? Que seria feito deles depois de tanto tempo? Estas eram as perguntas que se fazia enquanto o bonde seguia pela avenida Errazuriz, subindo para Cerro Alegre.

XXXIII

Naquela noite, eu estava sentado a uma das mesas da tendinha, que Hutte me levava para conhecer, e que ficava na avenida Niel, bem diante da Agência. Um balcão e produtos exóticos nas prateleiras: chás, doces turcos, geleias de pétalas de rosa, arenques do Báltico. O lugar era frequentado por antigos jóqueis que trocavam recordações, mostrando-se desbeijadas fotografias de cavalos que já tinham ido há muito para o abatedouro.

Dois homens, no bar, falavam em voz baixa. Um deles vestia um sobretudo da cor de folhas mortas, que lhe chegava quase aos calcanhares. Era de pequena estatura como a maioria dos clientes. Virou-se, sem dúvida para olhar a hora no relógio sobre a porta de entrada, e seus olhos deram comigo.

Seu rosto ficou imensamente pálido. Fixava-me boquiaberto, com os olhos arregalados.

Aproximou-se lentamente de mim, franzindo as sobrancelhas. Parou diante da minha mesa.

– Pedro...

Apalpou o tecido do meu paletó na altura do bíceps.

– Pedro, é você?

Hesitava em responder-lhe. Ele pareceu perturbado.

– Desculpe – disse-me. – O senhor não é Pedro McEvoy?

– Sim – disse-lhe bruscamente. – Por quê?

– Pedro, você... você não me reconhece?

– Não.

Sentou-se na minha frente.

– Pedro... Eu sou... André Wildmer...

Estava desconcertado. Pegou-me a mão.

– André Wildmer... O jóquei... Não se lembra de mim?

– Me perdoe – falei. – Tenho brancos de memória. Quando foi que nos conhecemos?

– Mas você sabe... com Freddie...

Esse nome provocou em mim uma descarga elétrica. Um jóquei. O velho jardineiro de Valbreuse falara-me de um jóquei.

– Estranho – disse-lhe. – Alguém me falou no senhor... em Valbreuse...

Seus olhos se embaçaram. Efeito da bebida? Ou da emoção?

– Por favor, Pedro... Não se lembra quando íamos a Valbreuse, com Freddie?...

– Não muito bem. Justamente, foi o jardineiro de Valbreuse que me falou disso...

– Pedro... Mas então... então você está vivo?

Apertava fortemente minha mão. Machucava-me.

– Sim. Por quê?

– Você... está em Paris?

– Estou. Por quê?

Olhava-me horrorizado. Custava-lhe crer que eu estava vivo. Que teria se passado? Bem que eu gostaria de saber, mas aparentemente ele não ousava abordar o assunto de frente.

– Eu... eu moro em Giverny... no Oise – disse-me. – Venho raramente a Paris... Você quer beber alguma coisa, Pedro?

– Um Marie Brizard – falei.

– Está bem, pra mim também.

Ele mesmo serviu o licor nos nossos copos, lentamente, e deu-me a impressão de querer ganhar tempo.

– Pedro... que foi que se passou?

– Quando?

Bebeu seu licor de um trago.

– Quando vocês tentaram atravessar a fronteira suíça, você e Denise?...

Que poderia eu responder-lhe?

– Vocês nunca nos deram notícias. Freddie se inquietou muito...

Ele encheu de novo o seu copo.

– Achávamos que vocês tinham se perdido naquela neve...

– Não deviam ter se incomodado – disse-lhe.

– E Denise?

Dei de ombros.

– O senhor se lembra bem de Denise? – perguntei.

– Por favor, Pedro, francamente... E por que você está me chamando de senhor?

– Desculpe, meu velho – disse-lhe. – As coisas não vão muito bem, já há algum tempo. Eu tento lembrar-me de toda essa época... Mas está tão nebuloso...

– Compreendo. Águas passadas... Você se lembra do casamento de Freddie?

Ele sorria.

– Não muito bem.

– Em Nice, quando se casou com Gay...

– Gay Orlow?

– Claro, Gay Orlow... Com quem podia ser?

Ele não parecia nem um pouco feliz em constatar que este casamento não me evocava mais nada importante.

– Em Nice... Na igreja russa... Um casamento religioso... sem casamento civil...

– Que igreja russa?

– Uma igrejinha russa com um jardim...

Aquela que me descrevera Hutte em sua carta? Às vezes ocorrem misteriosas coincidências.

– Claro – falei. – Claro... A igreja russa da rua Longchamp, com o jardim e a biblioteca paroquial...

– Ah! Então se lembra? Éramos quatro padrinhos... Segurávamos as guirlandas sobre as cabeças de Freddie e Gay...

– Quatro padrinhos?

– Claro... eu, você e o avô de Gay...

– O velho Giorgiadzé?

– Isto mesmo... Giorgiadzé...

A foto em que eu aparecia em companhia de Gay Orlow e do velho Giorgiadzé devia ter sido tirada naquela ocasião. Ia mostrar-lhe.

– E o quarto padrinho era o teu amigo Rubirosa...

– Quem?

– Teu amigo Rubirosa... Porfírio... O diplomata dominicano...

Ele sorria ao se lembrar desse Porfírio Rubirosa. Um diplomata dominicano. Talvez fosse para ele que eu trabalhava nessa legação.

– Em seguida fomos até a casa do velho Giorgiadzé...

Eu nos via caminhando, por volta do meio-dia, numa avenida de Nice, ladeada de plátanos. Havia sol.

– E Denise, estava lá?

Deu de ombros.

– Claro... Decididamente, você já não se lembra de mais nada...

Caminhávamos a passos calmos, todos os sete, o jóquei, Denise, eu, Gay Orlow e Freddie, Rubirosa e o velho Giorgiadzé. Estávamos vestidos de branco.

– Giorgiadzé morava num prédio, na esquina do jardim Alsace-Lorraine.

Palmeiras que sobem alto no céu. E crianças que deslizam num escorregador. A fachada branca do prédio com seus estores de lona alaranjada. Nossos risos na

escada.

– À noite, para festejar o casamento, teu amigo Rubirosa nos levou para jantar em Eden-Roc... Então, conseguiu? Se lembra agora?...

Ele bufou como se acabasse de fazer um enorme esforço físico. Parecia esgotado por ter evocado o dia em que Freddie e Gay Orlow tinham se casado no religioso, aquele dia de sol e despreocupação, que fora sem dúvida um dos momentos privilegiados da nossa juventude.

– Em suma – disse-lhe –, nós nos conhecemos há muito tempo, você e eu...

– Certo... Mas antes conheci Freddie... Porque eu era jóquei do avô dele... Infelizmente não durou muito tempo... O velho perdeu tudo...

– E Gay Orlow... Você sabe que...

– Sei... Eu morava perto da casa dela... *Square* des Aliscamps...

O grande prédio e as janelas de onde Gay Orlow, certamente, tinha uma bela vista sobre o hipódromo de Auteuil. Waldo Blunt, seu primeiro marido, me dissera que ela se matara por temer a velhice. Suponho que ela frequentemente olhava as corridas da sua janela. Todos os dias, e muitas vezes numa só tarde, uma dezena de cavalos se atira, percorre o comprimento da pista, e vêm se quebrar contra os obstáculos. E aqueles que os ultrapassam serão vistos ainda por alguns meses e desaparecerão como os outros. São necessários, constantemente, novos cavalos, que são substituídos pouco a pouco. E, a cada vez, o mesmo impulso acaba se estilhaçando. Tal espetáculo só pode provocar melancolia e desânimo, e talvez tenha sido porque vivia nos limites do hipódromo que Gay Orlow... Tinha vontade de perguntar a André Wildmer o que ele achava disso. Ele devia compreender. Ele era jóquei.

– É bem triste – disse-me. – Gay era uma garota legal...

Inclinou-se e aproximou seu rosto do meu. Tinha a pele vermelha e bexiguenta e os olhos castanhos. Uma cicatriz cortava-lhe a face direita, até a ponta do queixo. Os cabelos eram castanhos, exceto uma mecha branca, espetada

como espiga em cima da sua testa.

– E você, Pedro...

Mas não o deixei terminar sua frase.

– Você me conheceu quando eu morava na rua Julien-Potin, em Neuilly? – perguntei, displicentemente, pois me lembrava bem do endereço que figurava na ficha de “Pedro McEvoy”.

– Quando você morava na casa de Rubirosa?... Claro.

De novo, esse Rubirosa.

– Vínhamos sempre eu e Freddie... era farra todas as noites...

Soltou uma gargalhada.

– Teu amigo Rubirosa contratava orquestras... até seis horas da manhã...

Você se lembra das duas músicas que tocava sempre no violão?

– Não...

– “El Reloj” e “Tu me acostumbraste”. Sobretudo “Tu me acostumbraste”...

Assobiou alguns acordes da música.

– Então?

– Sim, claro... estou me lembrando – disse eu.

– Vocês me arranjam um passaporte dominicano... Não foi de grande utilidade...

– Você nunca foi me ver na legação? – perguntei.

– Claro. Quando você me deu o passaporte dominicano.

– Nunca compreendi bem que diabo fazia naquela legação.

– Eu é que não sei... Um dia você me disse que era uma espécie de secretário de Rubirosa e que era um bom esconderijo para você... Achei triste que Rubirosa tenha morrido naquele acidente de carro...

É triste. Mais uma testemunha que eu não poderia mais sondar.

– Diga-me, Pedro... Qual era o seu verdadeiro nome? Isso sempre me intrigou. Freddie me dizia que você não se chamava Pedro McEvoy... Que fora

Rubirosa quem lhe arranjava documentos falsos...

– Meu verdadeiro nome? Gostaria bem de saber.

E eu sorria, para que ele pudesse crer que se tratava de pilhéria.

– Freddie sabia, pois vocês se conheciam desde o colégio... Como vocês me encheram o saco com as suas histórias do Colégio de Luiza...

– Do colégio de...

– De Luiza... você sabe... Deixa de bancar o idiota... O dia em que seu pai veio buscar vocês dois de carro... Ele tinha passado o volante para Freddie, que ainda não tinha carteira... Essa vocês me contaram ao menos cem vezes...

Ele balançava a cabeça reprovadoramente. Então, eu tivera um pai que vinha me buscar no “Colégio de Luiza”. Detalhe interessante.

– E você? Continua trabalhando com cavalos?

– Achei um emprego de professor de equitação, num carrossel de Giverny... Assumi um tom grave, que me impressionou.

– Você sabe perfeitamente que, a partir do momento que sofri o acidente, foi só decadência...

Que acidente? Não ousei perguntar...

– Quando eu acompanhei vocês a Megève, você, Denise, Freddie e Gay, as coisas já não iam muito bem... Tinha perdido o meu trabalho de treinador... Eles ficaram com medo, porque eu era inglês... Só queriam franceses...

Inglês? Claro, ele falava com um leve sotaque que, até então, eu mal percebera. Meu coração bateu um pouco mais forte quando ele pronunciou a palavra: Megève.

– Ideia estranha, essa de ir a Megève, não? – arrisquei.

– Por que ideia estranha? Não podíamos fazer outra coisa...

– Você acha?

– Era um lugar seguro... Paris ficava cada vez mais perigosa...

– Acha mesmo?

– Ora, Pedro, lembre-se... Havia controles cada vez mais frequentes... Eu era inglês... Freddie tinha um passaporte inglês...

– Inglês?

– Claro... A família de Freddie era das Maurícias... E você... Sua situação não parecia nada melhor... Além disso, nossos pretensos passaportes dominicanos não podiam nos proteger realmente... Lembre-se... Mesmo seu amigo Rubirosa...

Não escutei o resto da frase. Creio que ele sofria de extinção da voz.

Ele bebeu um gole de licor, e nesse momento quatro pessoas entraram, clientes habituais, todos ex-jóqueis. Reconhecia-os. Eu escutara algumas vezes as suas conversas. Um deles vestia sempre uma velha calça de montaria e um casaco de couro manchado em vários lugares. Deram tapinhas no ombro de Wildmer. Falavam ao mesmo tempo, gargalhavam e faziam demasiado barulho. Wildmer não os apresentou a mim...

Sentaram-se nos bancos do balcão e continuaram falando muito alto.

– Pedro...

Wildmer inclinou-se para mim. Seu rosto estava a alguns centímetros do meu. Fazia caretas como se fosse necessitar de um esforço sobre-humano para pronunciar algumas palavras.

– Pedro... Que aconteceu com Denise quando vocês tentaram atravessar a fronteira?...

– Não sei mais – disse-lhe.

Ele me olhou fixamente. Devia estar um pouco bêbado.

– Pedro... Antes de vocês partirem eu lhe disse pra não confiar naquele tipo...

– Que tipo?

– O cara que queria fazer vocês passarem para a Suíça... O russo com cara de gigolô...

Ele estava escarlate. Bebeu outro gole de licor.

– Lembra... Eu lhe disse que vocês não deviam escutar o outro tampouco... O

monitor de esqui...

– Que monitor de esqui?

– Aquele que devia ser o guia de vocês... Você sabe... Aquele Bob qualquer coisa... Bob Besson... Por que vocês partiram? Vocês estavam bem conosco, no chalé...

Que podia dizer-lhe? Balancei a cabeça. Esvaziou o copo de um só gole.

– Ele se chamava Bob Besson? – perguntei.

– É, Bob Besson...

– E o russo?

Franziu as sobrancelhas.

– Não me lembro mais...

Sua atenção se relaxava. Ele tinha feito seu esforço violento para falar do passado comigo, mas acabara. Como o nadador exaurido que, depois de ter erguido a cabeça uma última vez, deixa-se lentamente afundar. Além disso, eu não o ajudara muito nessa evocação.

Levantou-se e foi reunir-se aos outros. Retomava a rotina. Escutei-o dizer bem alto a sua opinião sobre a corrida realizada de tarde em Vincennes. O que vestia calça de montaria ofereceu uma rodada. Wildmer retomara sua voz e estava tão veemente, tão apaixonado, que se esquecia de acender o seu cigarro. Ele pendia da comissura dos lábios. Se me postasse diante dele, ele não me reconheceria.

Saindo, disse-lhe até logo e acenei com a mão, mas ele me ignorou. Estava na dele.

XXXIV

Vichy. Um carro americano para nos limites do parque des Sources, na altura do Hotel de la Paix. A carroceria está suja de lama. Dois homens e uma mulher descem e caminham para a entrada do hotel. Os dois homens estão de barba malfeita e um deles, o maior, apoia a mulher com o braço. Diante do hotel, uma fileira de cadeiras de vime sobre as quais pessoas dormem cabeceando, sem estarem aparentemente incomodadas com o sol de julho, que bate forte.

No hall, os três têm dificuldade em abrir caminho até a recepção. Precisam desviar-se de poltronas e até de camas de armar, onde estão estiradas outras pessoas que dormem, algumas em uniforme militar. Grupos compactos de cinco, de dez pessoas se apertam no salão do fundo, falam-se, e a barulheira da conversa oprime ainda mais do que o calor viscoso de fora. Enfim, conseguem chegar à recepção, e um dos homens, o maior, dá ao recepcionista os três passaportes. Dois deles são da legação da República Dominicana em Paris, um em nome de “Porfírio Rubirosa”, o outro de “Pedro McEvoy”, o terceiro é um passaporte francês em nome de “Denise Yvette Coudreuse”.

O recepcionista, com a cara ensopada de suor que pinga pelo queixo, devolve-lhes com gesto exausto os três passaportes. Não, não há mais nenhum quarto de hotel livre em toda Vichy, “dadas as circunstâncias”... Para ser franco, restariam duas poltronas que poderiam ser levadas para uma rouparia, ou instaladas num banheiro do térreo... Sua voz é encoberta pelo vozerio das conversas que se misturam em volta, pelo ruído metálico da porta do elevador, pelo barulho do telefone, pelos chamados do alto-falante colocado acima do balcão de recepção.

Os dois homens e a mulher saíram do hotel, meio trôpegos. O céu encobriu-

se, de repente, com nuvens cinza-violáceas. Atravessavam o parque des Sources. Ao longo dos gramados, sob as galerias cobertas, obstruindo as aleias calçadas, grupos se amontoam, ainda mais compactos do que os do hotel. Todos falam entre si em voz muito alta, alguns fazem o leva e traz de grupo em grupo, alguns se isolam a dois ou a três num banco, ou nas cadeiras de ferro do parque, antes de se reunirem aos outros. Tinha-se a impressão de estar num imenso recreio escolar, e esperava-se com impaciência a campainha que poria fim a essa agitação e a esse zumbido, que aumenta de minuto em minuto e entontece. Mas a campainha não toca.

O moreno grandão continua a apoiar com seu braço a mulher, enquanto o outro tirou o paletó. Caminham e são empurrados, na passagem, pelas pessoas que correm em todas as direções à procura de alguém, ou de um grupo do qual se separaram por um instante e que se desfez em seguida e cujos membros se misturam a outros grupos.

Os três chegam à esplanada do café de la Restauration. A esplanada está cheia, mas por milagre cinco pessoas acabam de deixar uma das mesas, e os dois homens e a mulher deixam-se desabar nas cadeiras de vime. Olham meio embotados para o cassino.

Uma cerração invadiu todo o parque, e a abóbada das folhagens a retém e faz estagnar, uma cerração de banho turco. Que enche a garganta, acaba por tornar imprecisos os grupos que permanecem diante do cassino, sufoca o ruído das conversas. Numa mesa vizinha, uma velha senhora desfaz-se em pranto e repete que a fronteira está fechada em Hendaye.

A cabeça da mulher tomba sobre o ombro do moreno grandalhão. Fechou os olhos. Dorme um sono de criança. Os dois homens trocam um sorriso. Depois, olham de novo todos esses grupos diante do cassino.

O temporal cai. Chuva de monção. Atravessa a folhagem espessa dos plátanos e das castanheiras. Além, uns se empurram para abrigar-se sob as marquises do

cassino, enquanto outros deixam correndo a esplanada do café, pisoteando-se no seu interior.

Somente os dois homens e a mulher não se movem, pois o guarda-sol da mesa os protege da chuva. A mulher continua dormindo, com o rosto sobre o ombro do moreno grandalhão, que olha para a frente, o olhar ausente, enquanto o seu companheiro assobia distraidamente “Tu me acostumbraste”.

XXXV

Da janela, via-se o vasto gramado que ladeava uma aleia de seixos. Esta subia suavemente até a construção onde me encontrava e que me fizera pensar numa dessas mansões brancas do litoral mediterrâneo. Mas, quando subira os degraus da entrada, meus olhos tinham dado com a inscrição em letras prateadas que ornava a porta da entrada: “Collège de Luiza et d’Albany”.

Ao fundo, na extremidade do gramado, uma quadra de tênis. À direita, uma fileira de bétulas e uma piscina vazia. O trampolim meio desmoronado.

Ele veio me encontrar junto à janela.

– Pois é... Sinto muito, senhor... Todos os arquivos do colégio queimaram... Sem exceção...

Um homem de uns 60 anos, usando óculos de tartaruga e um casaco de tweed.

– De qualquer maneira, Madame Jeanschmidt não daria autorização... Ela não quer mais ouvir falar nada a respeito do Colégio de Luiza, desde a morte do seu marido...

– Não haveria algumas velhas fotos de turma, perdidas por aí? – perguntei-lhe.

– Não, meu senhor. Repito que tudo foi queimado...

– O senhor trabalhou muito tempo aqui?

– Os dois últimos anos do Colégio de Luiza. Depois, nosso diretor, o senhor Jeanschmidt, morreu... Mas o colégio já não era o que tinha sido outrora...

Olhava pela janela, pensativamente.

– Como antigo aluno, gostaria muitíssimo de reencontrar algumas recordações – disse-lhe.

- Compreendo. Infelizmente...
- E o que vai acontecer com o colégio?
- Oh, vão vender tudo em leilão.

E ele varria com um gesto displicente do braço o gramado, a quadra de tênis, a piscina, diante de nós.

- Gostaria de ver pela última vez os dormitórios e as salas de aula?
- Não vale a pena.

Tirou um cachimbo do bolso do paletó e colocou-o na boca. Não saía da janela.

- O que era mesmo, aquela construção de madeira, à esquerda?
- Os vestiários, senhor. Aí mudavam as roupas para praticar esportes...
- Ah, sim...

Enchia o seu cachimbo.

- Esqueci-me de tudo... Nós usávamos uniformes?
- Não, senhor. Simplesmente para jantar e nos dias de passeio, era obrigatório o blazer azul-marinho.

Aproximei-me da janela. Quase colava minha testa à vidraça. Embaixo, diante da construção branca, havia uma esplanada recoberta de cascalho e as ervas daninhas já apareciam. Eu via Freddie e eu com nossos blazers. E tentava imaginar o aspecto que poderia ter esse homem, que veio buscar-nos um dia de passeio, que descia de um automóvel, caminhava em nossa direção e que era meu pai.

XXXVI

Madame E. Kahan
Rua de Picardie, 22
Nice

Nice, 22 de novembro de 1965

A pedido do Sr. Hutte, escrevo-lhe para dizer tudo que sei do denominado “Oleg de Wrédé”, ainda que me seja custoso evocar essa má recordação.

Entrei, um dia, num restaurante russo, à rua François I^{er}, Chez Arkady – dirigido por um cavalheiro russo cujo nome não me lembro mais. O restaurante era modesto, não havia muita gente. O gerente, um homem envelhecido antes do tempo, com ar infeliz e sofredor, ficava à mesa dos *zakouski* – isso se passava por volta de 1937.

Notei a presença de um jovem de uns 20 anos que se comportava como se estivesse em casa, nesse restaurante. Exageradamente elegante, terno, camisa etc. impecáveis.

Tinha uma aparência notável: a força de viver, os olhos azul-porcelana puxados, um sorriso luminoso e um riso contínuo. Debaixo disso, uma astúcia animal.

Era meu vizinho de mesa. Da segunda vez em que vim a esse restaurante, ele me disse, designando o gerente do restaurante:

– A senhora acredita que sou filho desse senhor? – com um ar de desprezo em relação ao pobre velho que efetivamente era seu pai.

Depois, ele me mostrou um bracelete onde estava gravado o nome: “Louis de Wrédé, conde de Montpensier” (no restaurante, chamavam-no Oleg, um prenome russo). Perguntei-lhe onde se encontrava sua mãe. Disse-me que

tinha falecido; perguntei-lhe: onde pudera ela encontrar um Montpensier (ramo mais novo dos Orléans, ao que parece). Ele respondeu: na Sibéria. Tudo aquilo não tinha nenhum fundamento. Compreendi que se tratava de um patifezinho que devia ser sustentado por pessoas de ambos os sexos. À minha pergunta sobre o que ele fazia, respondeu que tocava piano.

A seguir começou a enumeração de todas as suas relações de alta sociedade – que a duquesa d’Uzès tinha-o em grande estima, que gozava de muita intimidade com o duque de Windsor... Percebi que havia verdades e mentiras nas suas histórias. As pessoas “de sociedade” deviam se deixar cativar graças ao seu “nome”, ao seu sorriso, à sua gentileza glacial, porém real.

Durante a guerra – creio que devia ser em 1941-42 –, encontrava-me na praia de Juan-les-Pins quando vi aparecer esse tal “Oleg de Wrédé”, como sempre em plena forma e rindo às gargalhadas. Disse-me que tinha sido prisioneiro e que um alto oficial alemão ocupava-se dele. Pelo momento, passava alguns dias na casa de sua madrinha de guerra, a viúva Madame Henri Duvernois. Mas dizia ele: “Ela é tão avara, ela não me dá dinheiro.”

Anunciou-me que voltava a Paris, “para trabalhar com os alemães”. Em quê? – perguntei. “Vendendo-lhes automóveis.”

Não mais o revi e não sei o que aconteceu com ele. Eis aí, caro senhor, tudo o que lhe posso dizer a respeito desse indivíduo.

Respeitosamente,

E. Kahan.

XXXVII

Agora, basta fechar os olhos. Os acontecimentos que precederam nossa partida para Megève voltam, aos cacos, à minha memória. São as grandes janelas iluminadas do antigo Hotel de Zaharoff, na avenida Hoche, e as frases descosturadas de Wildmer, e os nomes, como aquele, púrpura e cintilante, de: “Rubirosa”, e aquele, macilento, de “Oleg de Wrédé”, e outros detalhes impalpáveis – a própria voz de Wildmer, rouca e quase inaudível –, são todas essas coisas que me servem de fio de Ariadne.

No dia anterior, no final da tarde, encontrava-me justamente na avenida Hoche, no primeiro andar do antigo Hotel de Zaharoff. Muita gente. Como de costume, não tiravam seus sobretudos. Eu estava vestido sem sobretudo. Atravessei a sala principal onde vi umas quinze pessoas, em pé, em volta dos telefones, e sentadas nos sofás de couro, tratando dos seus negócios, e deslizei para dentro do pequeno escritório cuja porta fechei atrás de mim. O homem que devia encontrar já estava lá. Puxou-me até um canto da sala, e sentamo-nos em duas poltronas separadas por uma mesa baixa. Depositei sobre esta luíses de ouro embrulhados em folhas de jornal. Ele me entregou imediatamente vários maços de notas que nem me dei o trabalho de contar e que enfiei no meu bolso. Ele não tinha nenhum interesse por joias. Deixamos juntos o escritório, depois a sala grande onde a barulheira das conversações e o vaivém de todos esses homens de sobretudo tinham alguma coisa de inquietante. No passeio, ele me deu o endereço de uma eventual compradora para as joias, nas imediações da praça Malesherbes e sugeriu-me que lhe dissesse que a procurava por indicação dele. Nevava, mas decidi ir até lá a pé. Seguíamos frequentemente esse caminho, Denise e eu, no princípio. Os tempos tinham mudado. A neve caía, e tinha

dificuldade em reconhecer esse bulevar, com suas árvores nuas, as fachadas negras dos seus prédios. Não mais perfumes de alfena ao longo das cercas do parque Monceau, mas um odor de terra molhada e de podridão.

Uma casa térrea, em uma ruela sem saída, que normalmente chamamos *square* ou *villa*. O cômodo onde ela me recebeu não estava mobiliado. Só um divã, onde nos sentamos, e o telefone sobre o divã. Uma mulher dos seus 40 anos, nervosa e ruiva. O telefone tocava sem parar e ela nem sempre atendia e, quando atendia, anotava o que lhe diziam numa agenda. Mostrei-lhe as joias. Oferecia-lhe o pregador de gravata e o bracelete de diamantes pela metade do preço, sob a condição de que me pagasse imediatamente em dinheiro líquido. Aceitou.

Fora, enquanto caminhava até a estação de metrô Courcelles, pensei no jovem que viera a nosso quarto no Hotel Castille, alguns meses antes. Ele tinha vendido rapidamente a safira e os dois broches e propunha gentilmente dividir o lucro. Um homem de bom coração. Abrira-me um pouco com ele, falando dos meus projetos de partida e até mesmo desse medo que me impedia algumas vezes de sair de casa. Ele tinha me dito que vivíamos numa estranha época.

Mais tarde, fui procurar Denise, no *square* Édouard VII, no apartamento em que Van Allen, seu amigo holandês, instalara um ateliê de costura: ficava no primeiro andar de um prédio, bem acima do Cintra. Lembro-me disso, porque frequentávamos esse bar, Denise e eu, pois ficava no subsolo por onde podíamos escapar por outra porta, diferente da entrada principal. Acho que eu conhecia todos os lugares públicos e todos os prédios de Paris que possuíam saídas duplas.

Reinava nesse minúsculo ateliê de costura uma agitação semelhante àquela da avenida Hoche, talvez ainda mais febril. Van Allen organizava sua coleção de verão, e tantos esforços, tanto otimismo chocaram-me, pois me perguntava se ainda haveria algum verão. Ele experimentava numa moça morena um vestido

de tecido leve e branco, enquanto outras modelos entravam e saíam das cabines. Muitas pessoas conversavam em torno de uma escrivaninha estilo Luís XV sobre a qual estavam espalhados croquis e cortes de tecido. Denise conversava num canto da sala com uma mulher loura dos seus 50 anos e um rapaz de cabelos castanhos e encaracolados. Envolvi-me na conversa. Eles partiam, ela e ele, para a Côte d'Azur. Não nos escutávamos mais, na algaravia generalizada. Taças de champanhe circulavam, sem que se soubesse muito bem por quê.

Abrimos caminho, Denise e eu, até o vestíbulo. Van Allen nos acompanhava. Revejo seus olhos azuis muito claros e o seu sorriso, quando pôs a cabeça pela fresta da porta entreaberta e enviou-nos com a mão um beijo, desejando-nos boa sorte.

Passamos ainda uma última vez na rua Cambacérès, Denise e eu. Tínhamos já preparado as bagagens, uma valise e duas bolsas de couro que esperavam diante da grande mesa, no fundo da sala. Denise fechou as venezianas e puxou as cortinas. Cobriu a máquina de costura e retirou o pano de algodão branco que estava alfinetado no manequim. Pensei nas tardes que vivêramos aqui. Ela trabalhava seguindo os desenhos que Van Allen lhe dava, ou ela costurava, e eu, recostado no canapé, lia algum livro de memórias ou um desses romances policiais da coleção du Masque, de que ela tanto gostava. Essas tardes eram o único momento de alívio que eu gozava, os únicos momentos em que podia ter a ilusão de que levávamos uma vida sem história num mundo pacífico.

Abri a valise e aí escondi os maços de notas que atulhavam meus bolsos, dentro dos pulôveres e das camisas e no fundo de um par de meias. Denise verificara o conteúdo de uma das bolsas para ver se não se esquecera de nada. Atravessei o corredor até o quarto. Não acendi a luz e postei-me à janela. Continuava nevando sempre. O policial de ronda, na calçada em frente, mantinha-se dentro de uma guarita que ali tinham posto, dias antes, por causa

do inverno. Um outro policial, vindo da praça de Saussaies, encaminhava-se apressadamente para a guarita. Apertava a mão do seu colega, dava-lhe uma garrafa térmica, e cada um, por sua vez, bebia na tampa.

Denise entrou. Juntou-se a mim à janela. Vestia um casaco de pele e agarrou-se a mim fortemente. Exalava um perfume apimentado. Sob o casaco de pele usava uma suave blusinha de gola. Acabamos deitados lado a lado sobre a cama da qual só restava o estrado.

Estação de Lyon: Gay Orlow e Freddie esperavam-nos à entrada da plataforma de embarque. Num carrinho, ao lado deles, estavam empilhadas muitas malas. Gay Orlow tinha uma mala-armário. Freddie conversava com o carregador e ofereceu-lhe um cigarro. Denise e Gay Orlow conversavam uma com a outra, e Denise perguntava se o chalé que Freddie alugara seria suficientemente grande para todos nós. A estação estava escura, exceto a plataforma onde estávamos, banhada por uma luz amarelada. Wildmer juntou-se a nós, como sempre com seu sobretudo de pelo de camelo, que lhe descia até os tornozelos. Um boné de feltro escondia-lhe a testa. Mandamos acomodar nossas bagagens nos respectivos carros-leitos. Aguardávamos o aviso de partida, fora, diante do trem. Gay Orlow tinha reconhecido alguém entre os passageiros que tomavam o trem, mas Freddie pediu-lhe que não falasse com ninguém para não atrair atenção sobre nós.

Permaneci algum tempo com Denise e Gay Orlow na cabine delas. O estore estava meio abaixado, e curvando-me via pelo vidro que atravessávamos o subúrbio. Continuava a nevar. Beije Denise e Gay Orlow e voltei para a minha cabine, onde Freddie estava já instalado. Logo Wildmer veio visitar-nos. Ocupava uma cabine sozinho, por enquanto, e esperava que ninguém ocupasse o outro lugar até o final da viagem. Temia, de fato, ser reconhecido, pois sua

fotografia aparecera frequentemente nos jornais hípicas alguns anos antes, na época do seu acidente no hipódromo de Auteuil. Tentávamos tranquilizá-lo dizendo-lhe que são esquecidos muito rapidamente os rostos dos jóqueis.

Freddie e eu deitamo-nos nos leitos. O trem ganhara velocidade. Deixamos acesas nossas lâmpadas de cabeceira, e Freddie fumava nervosamente. Estava um tanto ansioso com os eventuais controles. Também eu, mas tentava dissimular. Tínhamos, Freddie, Gay Orlow, Wildmer e eu, passaportes dominicanos graças a Rubirosa, mas não podíamos realmente ter garantia da eficácia deles. O próprio Rubi me prevenira disso. Estávamos à mercê de algum policial ou fiscal mais zeloso. Apenas Denise não se arriscava. Era uma francesa autêntica.

O trem fez sua primeira parada. Dijon. A voz do alto-falante saía sufocada pela neve. Escutamos alguém caminhando pelo corredor. Abria-se a porta de uma cabine. Talvez estivessem entrando na de Wildmer. Então, Freddie e eu fomos tomados por um acesso de riso nervoso.

O trem permaneceu meia hora na estação de Chalon-sur-Saône. Freddie adormecera, e apaguei a lâmpada de cabeceira. Não sei por que, mas sentia-me mais seguro na obscuridade.

Tentei pensar em outra coisa e não mais prestar atenção aos passos que ressoavam no corredor. Na plataforma, pessoas falavam, e eu pegava palavras soltas das conversas delas. Deviam estar diante da nossa janela. Uma delas tossia, encatarrada. Outra assobiava. O ruído cadenciado de um trem passando encobriu suas vozes.

A porta abriu-se bruscamente, e a silhueta de um homem trajando sobretudo recortou-se na luz do corredor. Vasculhou de alto a baixo a cabine com o facho da sua lanterna, para verificar quantos éramos. Freddie despertou sobressaltado.

– Documentos...

Entregamos-lhe nossos passaportes dominicanos. Examinou-os, com um olhar distraído, depois entregou-os a alguém ao seu lado, que não víamos, por causa do batente da porta. Fechei os olhos. Trocaram entre si palavras inaudíveis.

Deu um passo para dentro da cabine. Tinha nossos passaportes na mão.

– Os senhores são diplomatas?

– Sim – respondi maquinalmente.

Alguns segundos depois, lembrei-me de que Rubirosa nos havia dado passaportes diplomáticos.

Sem dizer mais nada, devolveu-nos os passaportes e fechou a porta.

Suspendíamos nossa respiração no escuro. Permanecemos em silêncio até que o trem de novo partisse. Ele pôs-se em marcha. Ouvi o riso de Freddie. Acendeu a luz.

– Vamos ver os outros? – disse-me.

A cabine de Denise e de Gay Orlow não tinha sido controlada. Nós as acordamos. Não compreendiam a razão da nossa agitação. Depois, Wildmer juntou-se a nós, com o rosto grave. Tremia ainda. Tinham perguntado a ele também se era “diplomata dominicano”, quando mostrara seu passaporte, e ele não ousara responder, temendo que entre os policiais à paisana e os fiscais tivesse um turfista que o reconhecesse.

O trem deslizava através de uma paisagem branca de neve. Como era suave essa paisagem, e amigável. Eu experimentava uma embriaguez e uma confiança que jamais tinha sentido até lá, vendo essas casas adormecidas.

Era ainda noite quando chegamos em Sallanches. Um ônibus e um grande automóvel negro estavam estacionados diante da estação. Freddie, Wildmer e eu carregávamos as valises, enquanto dois homens ocupavam-se da mala-armário de Gay Orlow. Éramos uma dezena de viajantes que iríamos tomar o ônibus para Megève, e o chofer e os dois carregadores empilhavam as valises na traseira,

quando um homem louro aproximou-se de Gay Orlow, o mesmo que ela tinha percebido na estação de Lyon, na véspera. Trocaram algumas palavras em francês. Mais tarde, ela explicou-nos que se tratava de um vago conhecido, um russo cujo prenome era Kyril. Este designou o grande automóvel negro, no volante do qual alguém esperava, e propôs nos levar a Megève. Mas Freddie declinou de tal convite, dizendo que preferia tomar o ônibus.

Nevava. O ônibus avançava lentamente, e o automóvel negro nos ultrapassou. Subíamos uma rota em aclive e a carcaça do ônibus tremulava em cada mudança de marcha. Perguntava-me se não enguiçaria antes de Megève. Que importância tinha isto? À medida que a noite dava lugar a um nevoeiro branco e espesso como algodão, que as copas dos pinheiros furavam com dificuldade, eu me dizia que ninguém viria nos procurar aqui. Não nos arriscávamos a nada. Tornávamo-nos aos poucos invisíveis. Até mesmo nossos trajes refinados, que poderiam ter chamado a atenção sobre nós – o sobretudo avermelhado de Wildmer e seu boné azul-marinho, o capote de pele de leopardo de Gay, o de pelo de camelo de Freddie, sua echarpe verde e seu grande sapato de golfe branco e preto –, fundiam-se no nevoeiro. Quem sabe? Talvez acabaríamos por nos volatilizar. Ou então, não seríamos nada mais do que essa umidade que recobria as vidraças, essa umidade tenaz que não conseguíamos apagar com a mão. Como poderia se orientar o chofer? Denise adormecera e sua cabeça rolara sobre meu ombro.

O ônibus parou no meio da praça, diante da prefeitura. Freddie mandou descarregar nossas bagagens sobre um trenó que esperava ali, e fomos beber alguma coisa quente numa confeitaria-salão de chá, pertinho da igreja. O estabelecimento acabara de abrir, e a senhora que nos serviu parecia espantada com a nossa presença tão matinal. Ou seria por causa do sotaque de Gay Orlow e nossos trajes de passeio? Wildmer maravilhava-se com tudo. Ainda não

conhecia a montanha nem os esportes de inverno. Com a testa colada na vidraça, a boca aberta, olhava a neve que caía sobre o monumento aos mortos e a prefeitura de Megève. Interrogava a senhora para saber como funcionavam os teleféricos e se ele podia inscrever-se numa escola de esqui.

O chalé chamava-se “Croix du Sud”. Era grande, construído de madeira escura, com janelas verdes. Acho que Freddie o havia alugado de um dos seus amigos em Paris. Dominava uma das curvas de uma estrada, e desta não dava para ser notado, pois uma cortina de pinheiros protegia-o. Da estrada, chegava-se ao chalé por um caminho sinuoso. A estrada, também, subia até algum lugar, mas não tive nunca a curiosidade de saber até onde. Nosso quarto, de Denise e meu, ficava no primeiro andar, e da janela, por cima dos pinheiros, tínhamos uma visão de toda a cidade de Megève. Dedicava-me a reconhecer, nos dias claros, a torre da igreja, a mancha ocre que um hotel fazia ao pé de Rochebrune, a estação de ônibus, a pista de patinação e o cemitério, bem ao fundo. Freddie e Gay Orlow ocupavam um quarto no térreo, ao lado da sala de estar, e, para se chegar ao quarto de Wildmer, era preciso descer ainda um andar, pois ele se achava abaixo do nível da entrada, e sua janela, uma escotilha, ficava ao nível do chão. Mas fora o próprio Wildmer que escolhera instalar-se aí – na sua toca, como dizia.

No princípio, não saíamos do chalé. Jogávamos intermináveis partidas de baralho na sala de estar. Guardo uma lembrança bastante precisa desse cômodo. Um tapete de lã. Uma banqueta de couro sobre a qual repousava uma estante de livros. Uma mesa baixa. Duas janelas dando para a sacada. Uma mulher, que morava na vizinhança, ocupava-se das compras em Megève. Denise lia romances policiais que encontrara nas estantes. Eu também. Freddie deixava a barba crescer e Gay Orlow preparava-nos todas as noites um *borscht*. Wildmer tinha

pedido que lhe trouxessem regularmente da cidade o *Paris-Sport*, que ele lia, escondido no fundo da sua “toca”. Uma tarde, enquanto jogávamos bridge, ele apareceu, com o rosto convulso, abanando esse jornal. Um cronista retrava os acontecimentos marcantes do mundo das corridas nos últimos dez anos e lembrava, entre outras coisas: “o acidente espetacular, em Auteuil, do jóquei inglês André Wildmer”. Algumas fotos ilustravam o artigo, e entre elas uma foto de Wildmer, minúscula, menor do que um selo. E era isso que o enlouquecia: que alguém na estação de Sallanches ou em Megève, na confeitaria próxima da igreja, tivesse podido reconhecê-lo. Que a senhora que nos trazia as provisões e arrumava nossa casa o tivesse identificado como “o jóquei inglês André Wildmer”. Uma semana antes da nossa partida, não tinha ele recebido um telefonema anônimo, em sua casa, no *square* des Aliscamps? Uma voz aveludada lhe tinha dito: “Alô? Continua ainda em Paris, Wildmer?” E soltara uma gargalhada e desligara.

Pouco adiantava que lhe repetíssemos que não corria nenhum risco, pois era “cidadão dominicano”, ele demonstrava um grande nervosismo.

Numa noite, por volta das três da manhã, Freddie bateu com força na porta da “toca” de Wildmer, berrando: “Sabemos que está aí, André Wildmer... Sabemos que é o jóquei inglês André Wildmer... Saia imediatamente...”

Wildmer não tinha apreciado essa brincadeira e não dirigiu a palavra a Freddie durante dois dias. Depois, reconciliaram-se.

Fora esse incidente sem importância, tudo se passava na maior das calmas, no chalé, nos primeiros dias.

Mas, pouco a pouco, Freddie e Gay Orlow enjoaram-se da monotonia das nossas atividades. Wildmer, inclusive, apesar do seu medo que reconhecessem nele o “jóquei inglês”, andava de um lado para outro. Era um esportista, não estava acostumado à inatividade.

Freddie e Gay Orlow encontraram “pessoas” durante os passeios que faziam em Megève. Muitas “pessoas”, parece, tinham vindo, como nós, refugiar-se aqui. Encontravam-se, organizavam “festas”. Ouvíamos os ecos por intermédio de Freddie, Gay Orlow e Wildmer, que não demoraram a se misturar àquela vida noturna. Eu desconfiava. Preferia permanecer no chalé, com Denise.

Entretanto, às vezes, também descíamos até o vilarejo. Deixávamos o chalé por volta das dez horas da manhã e seguíamos um caminho margeado por pequenas capelas. Entrávamos algumas vezes numa delas e Denise acendia uma vela. Algumas estavam fechadas. Caminhávamos lentamente para não escorregar na neve.

Mais abaixo um crucifixo de pedra erguia-se no meio de uma espécie de pracinha redonda donde partia um caminho muito inclinado. Tinham sido colocados, no meio deste, degraus de madeira, mas a neve os recobrira. Eu precedia Denise, de modo que pudesse segurá-la, se escorregasse. Chegando embaixo do caminho, encontrava-se o vilarejo. Seguíamos pela rua principal, até a praça da prefeitura, e passávamos diante do Hotel du Mont-Blanc. Um pouco adiante, sobre a calçada do lado direito, erguia-se o prédio de cimento acinzentado do correio. Aí, enviávamos algumas cartas aos amigos de Denise: Léon, Hélène, que nos emprestara seu apartamento na rua Cambacérès... Eu escrevera um bilhete para Rubirosa para dizer-lhe que tínhamos chegado bem, graças aos passaportes dele, e aconselhava-o a vir juntar-se a nós, porque ele me tinha dito, da última vez que nos encontráramos na legação, que ele tinha intenção de “passear no campo”. Dei-lhe nosso endereço.

Subíamos para Rochebrune. De todos os hotéis, à beira da estrada, saíam grupos de crianças, guiadas por monitoras com roupas de esporte de inverno azul-marinho. Carregavam esqui ou patins de gelo nos ombros. Há alguns meses, com efeito, haviam-se requisitado os hotéis da estação de inverno para as

crianças mais pobres das grandes cidades. Antes de fazer a meia-volta, olhávamos de longe as pessoas comprimindo-se no guichê do teleférico.

Acima do chalé “Croix du Sud”, se se seguisse o caminho inclinado através dos pinheiros, chegava-se diante de um chalé baixinho, de um único andar. Era aí que morava a senhora que fazia as compras para nós. Seu marido possuía algumas vacas, era caseiro do “Croix du Sud” na ausência dos seus proprietários e tinha arranjado no seu chalé uma grande sala, com mesas, um bar rudimentar e um bilhar. Numa tarde subimos para procurar leite na casa desse homem, Denise e eu. Ele não era muito amável conosco, mas Denise, quando viu o bilhar, pediu-lhe se poderia jogar. Ele, inicialmente, pareceu surpreso, depois ficou sossegado. Disse-lhe que podia vir jogar quando quisesse.

Íamos lá frequentemente, de noite, depois que Freddie, Gay Orlow e Wildmer tinham nos deixado para participar da vida de Megève daquele tempo. Eles propunham que os encontrássemos em “L’Equipe”, ou num chalé qualquer para uma “festa entre amigos”, mas preferíamos subir ao chalé. Georges – era o nome do homem – e sua mulher nos esperavam. Acho que gostavam de nós. Jogávamos bilhar com ele e dois ou três amigos dele. Era Denise quem melhor jogava. Revejo-a, graciosa, com o taco na mão, revejo seu suave rosto asiático, seus olhos claros, seus cabelos castanhos com reflexos de cobre, que caíam em cascata até as cadeiras... Ela usava uma velha blusa vermelha que Freddie lhe emprestara.

Conversávamos até tarde com Georges e sua mulher. Georges dizia que haveria certamente bagunça, um dia desses, e verificações de identidade, pois muita gente que estava em Megève de férias aprontava muita farra e chamava a atenção sobre ela. Quanto a nós, não nos parecíamos com os outros. Sua mulher e ele se ocupariam de nós, em caso de problemas...

Denise tinha me confiado que “Georges” lembrava-lhe seu pai. Acendíamos

frequentemente fogo na lareira. As horas passavam, doces e calorosas, e sentíamos-nos em família.

Algumas vezes, quando os outros tinham saído, ficamos sós no “Croix du Sud”. O chalé nos pertencia. Gostaria de reviver certas noites límpidas nas quais contemplávamos o vilarejo, embaixo, recortando-se com nitidez sobre a neve, e parecia um vilarejo em miniatura, um desses brinquedos expostos no Natal, nas vitrines. Naquelas noites tudo parecia simples e tranquilizante e sonhávamos com o futuro. Iríamos nos fixar aqui, nossos filhos iriam à escola do vilarejo, o verão viria no ruído das sinetas dos rebanhos que pastam... Levaríamos uma vida feliz e sem surpresas.

Noutras noites, a neve caía, e eu era invadido por uma impressão de abafamento. Não poderíamos nunca escapar, Denise e eu. Éramos prisioneiros, no fundo desse vale, e a neve nos enterraria aos poucos. Nada mais desencorajador do que essas montanhas que tampavam o horizonte. O pânico me invadia. Então, abria a porta-janela, e saíamos até a sacada. Eu respirava o ar frio, aromatizado pelos pinheiros. Não tinha mais medo. Pelo contrário, sentia um desapego, uma tristeza serena que vinha da paisagem. E nós, aí dentro? O eco de nossos gestos e de nossas vidas parecia-me estar abafado por essa estopa que caía em flocos leves à nossa volta, sobre o campanário da igreja, sobre a pista de patinação e o cemitério, sobre o traçado mais sombrio que a estrada desenhava ao longo do vale.

E depois, Gay Orlow e Freddie começaram a convidar pessoas, de noite, para virem ao chalé. Wildmer não mais temia ser reconhecido e mostrava-se como um animado garanhão. Vinham dez pessoas, às vezes mais, de imprevisito, por volta da meia-noite, e a festa começada num outro chalé continuava com toda a euforia. Evitávamos as pessoas, Denise e eu, mas Freddie pedia-nos que ficássemos, com uma tal gentileza, que lhe obedecíamos às vezes.

Revejo ainda, de um modo desfocado, certas pessoas. Um moreno escuro que nos propunha sem parar uma partida de pôquer e circulava num carro com chapa de Luxemburgo; um certo “André-Karl”, louro com blusa vermelha, o rosto bronzeado na prática do esqui de fundo; um outro indivíduo, muito robusto, encouraçado de veludo negro, e na minha memória ele não cessa de girar como um grande zangão... Belezas esportivas entre as quais uma “Jacqueline” e uma “Madame Campan”.

Podia acontecer, no meio da noite, que alguém apagasse as luzes da sala de estar, ou que um casal se isolasse num quarto.

Esse “Kyril”, enfim, que Gay Orlow tinha encontrado na estação de Sallanches, e que nos propusera usar seu automóvel. Um russo, casado com uma francesa, mulher muito bela. Acho que traficava no ramo da pintura e do alumínio. Do chalé, ele telefonava frequentemente para Paris, e eu repetia para Freddie que essas chamadas chamariam a atenção sobre nós, mas Freddie, assim como Wildmer, tinha abandonado toda prudência.

Foram “Kyril” e sua mulher que trouxeram uma noite, ao chalé, Bob Besson e um certo “Oleg de Wrédé”. Besson era monitor de esqui e tinha tido, como clientes, celebridades. Praticava o salto de trampolim e quedas de mau jeito tinham marcado seu rosto com cicatrizes. Mancava ligeiramente. Um homenzinho moreno, originário de Megève. Bebia, o que não o impedia de esquiar a partir das oito horas da manhã. Além do seu ofício de monitor, ocupava um posto nos serviços de abastecimento, e por isso dispunha de um automóvel, o automóvel negro que eu reparara na nossa chegada a Sallanches. Wrédé, um jovem russo que Gay Orlow já encontrara em Paris, visitava frequentemente Megève. Parecia que ele vivia de expedientes, de compras e vendas de pneus e de peças avulsas, pois também ele telefonava para Paris do chalé, e eu ouvia-o sempre chamar uma misteriosa “Garagem de la Comète”.

Por que, naquela noite, entabulei conversa com Wrédé? Talvez porque tinha um jeito de ser agradável. Tinha um olhar franco e um ar de alegre ingenuidade. Ria à toa. Atencioso, não parava de perguntar se “você se sente bem”, se “você não quer beber alguma coisa”, se “não prefere sentar-se no canapé, ao invés de estar nessa cadeira”, se “dormiu bem na noite passada”... Uma maneira de beber suas palavras, com o olho redondo, a testa franzida, como se você pronunciasse oráculos.

Ele compreendera qual era nossa situação e, rapidamente, perguntou-me se queríamos permanecer muito tempo “nestas montanhas”. Como lhe respondi que não tínhamos escolha, declarou-me em voz baixa que conhecia um meio de atravessar clandestinamente a fronteira suíça. Isso me interessaria?

Hesitei um instante e disse-lhe que sim.

Disse-me que era preciso calcular 50 mil francos por pessoa e que Besson estava também no negócio. Besson e ele se encarregariam de nos conduzir a um ponto próximo da fronteira onde um amigo deles, experiente nas travessias de fronteira, viria substituí-los. Tinham feito atravessar para a Suíça desse modo uma dezena de pessoas, das quais citava os nomes. Eu tinha tempo de refletir. Ele partia para Paris, mas voltaria na semana seguinte. Dava-me um número em Paris: AUteil 54-73, onde poderia contatá-lo se tomasse uma decisão rapidamente.

Falei disso a Gay Orlow, Freddie e Wildmer. Gay Orlow ficou espantada que “Wrédé” se ocupasse de travessia de fronteira, pois só via nele um jovem frívolo, sobrevivendo de traficâncias. Freddie achava que era inútil deixar a França, pois nossos passaportes dominicanos nos protegeriam. Quanto a Wildmer, achava que “Wrédé” tinha a “cara de gigolô”, mas era principalmente de Besson que ele não gostava. Afirmava que as cicatrizes do rosto de Besson eram falsas e que ele próprio as desenhava todas as manhãs com um estojo de maquiagem. Rivalidade

entre esportistas? Não, realmente, ele não podia suportar Besson, que chamava de “Papelão”. Denise, por seu lado, achava Wrédé “simpático”.

Tudo foi decidido muito rapidamente. Por causa da neve. Há uma semana, não parava de nevar. Eu sentia de novo essa impressão de abafamento que já tinha conhecido em Paris. Disse a mim mesmo que se permanecesse aqui por mais tempo seríamos apanhados na armadilha. Expliquei isso a Denise.

Wrédé voltou na semana seguinte. Entramos em acordo e falamos da travessia da fronteira, com ele e com Besson. Jamais Wrédé me parecera tão caloroso, tão digno de confiança. Sua maneira amistosa de bater em nosso ombro, seus olhos claros, seus dentes brancos, sua solicitude, tudo isso me agradava, se bem que Gay Orlow tenha me dito muitas vezes, rindo, que com os russos e com os poloneses era preciso desconfiar.

Muito cedo, naquela manhã, fechamos nossas bagagens, Denise e eu. Os outros ainda dormiam, e não quisemos despertá-los. Deixei um bilhete para Freddie.

Eles nos esperavam na beira da estrada, no automóvel negro de Besson, aquele que já vira, em Sallanches. Wrédé estava ao volante, Besson sentado a seu lado. Eu mesmo abri o porta-malas para colocar a bagagem e nos instalamos, Denise e eu, no banco traseiro.

Durante todo o trajeto, não falamos. Wrédé parecia nervoso.

Nevava. Wrédé dirigia lentamente. Seguíamos pelas pequenas estradas de montanha. A viagem durou bem umas duas horas.

Foi quando Wrédé parou o carro e me pediu o dinheiro que tive um vago pressentimento. Estendi-lhe os maços de notas. Ele as contou. Depois, virou-se para nós e me sorriu. Disse que agora iríamos nos separar por medida de precaução, para atravessar a fronteira. Eu partiria com Besson, ele com Denise e as bagagens. Reencontrar-nos-íamos dentro de uma hora, na casa dos seus

amigos, do outro lado... Ele sorria sempre. Estranho sorriso que revejo ainda nos meus sonhos.

Desci do carro com Besson. Denise sentou-se à frente, ao lado de Wrédé. Eu olhava para ela, e de novo um pressentimento me agulhou o peito. Quis abrir a porta do carro e dizer-lhe que descesse. Teríamos partido os dois juntos. Mas disse-me a mim mesmo que era muito desconfiado e que estava tendo ideias falsas. Denise, por seu lado, parecia confiante e com bom humor. Com a mão, enviou-me um beijo.

Ela estava vestida, naquela manhã, com um capote de *sconse*, um pulôver Jacquard e uma calça de esqui que Freddie lhe emprestara. Ela tinha 26 anos, os cabelos castanhos, os olhos verdes, e media 1,65 m. Não tínhamos muita bagagem: duas bolsas de couro e uma pequena valise marrom-escura.

Wrédé, sempre sorridente, colocou o motor em marcha. Fiz um sinal com o braço para Denise, que inclinava a cabeça na vidraça abaixada. Segui com o olhar o carro que se distanciava. Não era mais, lá longe, do que um pequenino ponto negro.

Comecei a caminhar atrás de Besson. Observava suas costas e as pegadas que deixava na neve. Bruscamente, ele me disse que partia para dar uma batida, pois aproximávamo-nos da fronteira. Pedia-me que o aguardasse.

No final de dez minutos, compreendi que ele não retornaria mais. Por que carregara Denise nesta armadilha? Com todas as minhas forças, tentava afastar o pensamento de que Wrédé iria abandoná-la também, e que nada restaria de nós dois.

Nevava sempre. Continuava a caminhar, buscando inutilmente um ponto de orientação. Caminhei durante horas e horas. Depois, acabei deitando-me na neve. Ao meu redor, só havia branco.

XXXVIII

Desci do trem em Sallanches. Fazia sol. Na praça da estação, um ônibus aguardava, com o motor funcionando. Um só táxi, um DS 19, estava estacionado na beira da calçada. Entrei nele.

– Para Megève – disse ao chofer.

Ele partiu. Um homem dos seus 60 anos, cabelos grisalhos, que usava um velho impermeável com gola de pele. Chupava uma bala ou uma pastilha.

– Belo tempo, hein? – disse-me.

– É mesmo...

Olhava pela vidraça e tentava reconhecer a estrada que seguíamos, mas sem a neve ela não parecia nada com aquela de antigamente. O sol sobre os pinheiros e sobre as pradarias, a abóbada, que as árvores formavam, sobre a estrada, todos esses verdes diferentes surpreendiam-me.

– Já não reconheço a paisagem – disse ao chofer.

– O senhor já veio aqui?

– Sim, muito tempo atrás... e sob a neve...

– Não é a mesma coisa, sob a neve.

Tirou do bolso uma latinha redonda e metálica que me ofereceu.

– Quer uma pastilha Valda?

– Obrigado.

Pegou uma também.

– Parei de fumar há uma semana... Foi meu médico quem me recomendou que chupasse essas pastilhas... O senhor fuma?

– Também parei... Diga-me... O senhor é de Megève?

– Sim, senhor.

– Conheci pessoas de Megève... Gostaria muito de saber o que é feito deles...

Por exemplo, conheci um cara que se chamava Bob Besson...

Diminuiu a marcha e virou-se para mim.

– Robert? O monitor?

– Sim.

Balançou a cabeça.

– Estive na escola com ele.

– O que aconteceu com ele?

– Morreu. Matou-se pulando de um trampolim, há alguns anos.

– Ah, é...

– Ele poderia ter feito alguma coisa boa... Mas... O senhor o conheceu?

– Não muito bem.

– Robert virou a cabeça muito cedo, por causa dos seus clientes...

Abriu a latinha e engoliu uma pastilha.

– Morreu na hora... saltando...

O ônibus nos seguia, a uns vinte metros. Um ônibus azul-celeste.

– Ele era muito amigo de um russo, não é?

– Um russo? Besson, amigo de um russo?

Ele não compreendia o que eu queria dizer.

– O senhor sabe, Besson não era realmente uma pessoa muito interessante...

Tinha uma mentalidade perversa...

Compreendi que não diria mais nada a respeito de Besson.

– O senhor conhece um chalé de Megève que se chama “Croix du Sud”?

– “Croix du Sud”?... Houve muitos chalés que se chamaram assim...

Oferecia-me de novo a latinha de pastilhas. Apanhei uma.

– O chalé ficava acima de uma estrada – disse-lhe.

– Qual estrada?

Sim: qual estrada? Aquela que eu via na minha lembrança parecia-se com

qualquer estrada de montanha. Como reencontrá-la? E talvez o chalé já não mais existisse. E mesmo que ainda existisse...

Inclinei-me para o chofer. Meu queixo chegou a tocar a gola de pele de seu impermeável.

– Leve-me de volta à estação de Sallanches – disse-lhe.

Virou-se para mim. Parecia surpreso.

– Como o senhor quiser...

XXXIX

Objeto: HOWARD DE LUZ, Alfred Jean.

Nascido em: Port-Louis (ilhas Maurícias), em 30 de junho de 1912, de
HOWARD DE LUZ, Joseph Simety e de Louise, nascida Fouquereaux.

Nacionalidade: inglesa (e americana).

O Sr. Howard de Luz residiu sucessivamente:

Castelo Saint-Lazare, em Valbreuse (Orne)

Rua Raynouard, 23, Paris (XVI^e)

Hotel Chateaubriand, rua du Cirque, 19, Paris (VIII^e)

Avenida Montaigne, 53, Paris (VIII^e)

Avenida du Maréchal-Lyautey, Paris (XVI^e)

O Sr. Howard de Luz, Alfred Jean, não tinha profissão bem definida, em Paris.

Teria se consagrado de 1934 a 1939 à prospecção e compra de móveis antigos, a serviço de um grego residente na França, chamado Jimmy Stern, e teria feito, nessa ocasião, uma longa viagem aos Estados Unidos, de onde sua avó era originária.

Parece que o Sr. Howard de Luz, se bem que pertencesse a uma família francesa das Maurícias, tenha gozado da dupla nacionalidade inglesa e americana.

Em 1950, o Sr. Howard de Luz deixou a França para se fixar na Polinésia, na ilha de Padipi, próxima do Bora Bora (Iles de la Société).

A esta ficha estava anexo o bilhete seguinte:

“Caro senhor, queira desculpar-me o atraso com o qual comunico as informações que possuímos concernentes ao Sr. Howard de Luz. Foi muito difícil encontrá-las: sendo o Sr. Howard de Luz emigrante britânico (ou

americano), não deixou nenhum traço nos nossos serviços.

Cordiais lembranças ao senhor e a Hutte,

J. P. Bernardy.”

XL

“Caro Hutte,

Vou deixar Paris na próxima semana, partindo para uma ilha do Pacífico onde tenho alguma oportunidade de reencontrar um homem que me dará informações sobre o que foi minha vida. Tratar-se-ia de um amigo de juventude.

Até aqui tudo me pareceu tão caótico, tão fragmentado... Farrapos, estilhaços de alguma coisa voltavam a mim bruscamente ao longo das minhas investigações... Mas afinal, talvez seja isso, uma vida...

Será que se trata realmente da minha? Ou da de um outro dentro da qual escorreguei?

Vou lhe escrever de lá.

Espero que tudo vá bem para você em Nice e que tenha obtido o lugar de bibliotecário que tanto ambicionava, naquele lugar que lhe recorda sua infância.”

XLI

AUTeuil 54-73: Garagem de la Comète – Rua Foucault, 5, Paris, XVI^e.

XLII

Uma rua que dá no cais, antes dos jardins do Trocadéro, e pareceu-me que nela morava Waldo Blunt, o pianista americano que eu tinha acompanhado até a sua casa e que foi o primeiro marido de Gay Orlow.

A garagem estava fechada desde há muito tempo, se considerada a grande porta de aço enferrujada. Sobre ela, no muro cinza, podia-se ainda ler, ainda que as letras azuis estivessem meio apagadas: GARAGEM DE LA COMÈTE.

No primeiro andar, à direita, uma janela cujo estore alaranjado pendia. A janela de um quarto? De um escritório? O russo encontrava-se nesse cômodo, quando eu lhe telefonara de Megève a AU Teuil 54-73. Quais seriam suas atividades na Garagem de la Comète? Como sabê-lo? Tudo parecia tão distante em frente desse prédio abandonado...

Dei meia-volta e permaneci um momento no cais. Olhava os carros que passavam, e as luzes, do outro lado do Sena, perto do Champ-de-Mars. Alguma coisa da minha vida subsistia talvez, lá longe, num pequeno apartamento à beira dos jardins, uma pessoa que me tinha conhecido e que se lembrava ainda de mim.

XLIII

Uma mulher permanece numa das janelas de um térreo, na esquina da rua Rude e da rua de Saïgon. Faz sol e crianças jogam bola na calçada, um pouco adiante. Sem parar, ouvem-se os gritos das crianças: “Pedro”, pois um deles tem esse prenome e os outros interpelam-no enquanto continuam jogando. E esse “Pedro” lançado por vozes de timbre claro ressoa de uma maneira esquisita pela rua.

De sua janela, ela não vê as crianças. Pedro. Ela conheceu alguém que se chamava assim, muito tempo atrás. Ela tenta se lembrar em que época, enquanto até ela chegam os gritos, os risos e o ruído indistinto da bola que bate na parede. Mas sim. Era no tempo em que trabalhava como manequim, com Alex Maguy. Ela tinha conhecido uma certa Denise, uma loura com o rosto um pouco asiático, que trabalhava também em moda. Tinham simpatizado uma com a outra imediatamente.

Essa Denise vivia com um homem que se chamava Pedro. Sem dúvida, um sul-americano. Ela se recordava, com efeito, que esse Pedro trabalhava numa legação. Um moreno grande cujo rosto revia bastante nitidamente. Ela poderia tê-lo reconhecido ainda hoje, mas ele deveria ter envelhecido.

Numa noite, tinham vindo os dois aqui, na casa dela, na rua de Saïgon. Ela convidara alguns amigos para jantar. O ator japonês e sua mulher com os cabelos de um louro-avermelhado que moravam pertinho, na rua Chalgrin, Evelyne, uma morena que conhecera na loja de Alex Maguy, acompanhada de um rapaz pálido, uma outra pessoa, mas ela se esquecera quem, e Jean-Claude, o belga que a cortejava... O jantar tinha sido muito alegre. Ela tinha pensado que Denise e Pedro formavam um belo casal.

Um garoto pegou a bola no alto, apertou-a contra si e se afastou dos outros, com grandes passadas. Ela os vê passar correndo diante da sua janela. O que carrega a bola desemboca, sem fôlego, na avenida de la Grande-Armée. Atravessa a avenida, a bola sempre apertada contra si. Os outros não ousam segui-lo e permanecem imóveis, a olhá-lo correr, na calçada da frente. Ele chuta a bola. O sol faz brilhar os cromos das bicicletas na frente das lojas de bicicletas que se sucedem ao longo da avenida.

Ele esqueceu os outros. Corre sozinho com a bola e toma à direita, driblando, a rua Anatole-de-la-Forge.

XLIV

Encostei minha testa no vidro da escotilha. Dois homens caminhavam de um lado para outro no convés, tagarelando, e o luar coloria a pele do rosto deles de acinzentado. Acabaram se recostando na balaustrada.

Não podia dormir, embora não houvesse mais balanço das ondas. Olhava uma por uma as fotos de todos nós, de Denise, de Freddie, de Gay Orlow, e elas perdiam pouco a pouco a realidade à medida que o barco prosseguia seu périplo. Teriam existido um dia? Voltava-me à memória o que me tinham dito das atividades de Freddie na América. Ele tinha sido “o confidente de John Gilbert”. E essas palavras evocavam para mim uma imagem: dois homens andando, lado a lado, no jardim abandonado de uma mansão, ao longo de uma quadra de tênis recoberta de folhas mortas e galhos quebrados, o mais alto dos dois homens, Freddie, inclinado para o outro, que devia falar em voz baixa, e certamente era John Gilbert.

Mais tarde, ouvi uma correria, gritos e gargalhadas nas coxias. Brigavam por um trompete, para tocar os primeiros acordes de “Auprès de ma blonde”. A porta da cabine vizinha à minha bateu. Eram muitos lá dentro. Houve, de novo, gargalhadas, tilintar de copos que se entrechocavam, respirações apressadas, um gemido suave e prolongado...

Alguém rondava ao longo das coxias, agitando uma sineta e repetindo, com uma voz frágil de coroinha, que tínhamos atravessado o outro lado da Linha.

XLV

Ao longe, faróis vermelhos desfilavam, e tinha-se a impressão, inicialmente, de que flutuavam no ar, antes de compreender que seguiam a linha de uma costa marítima. Adivinhava-se uma montanha de seda azul-escura. As águas calmas, depois da travessia dos recifes.

Estávamos na enseada de Papeete.

XLVI

Tinham-me encaminhado a um certo Fribourg. Ele morava há trinta anos em Bora Bora e filmava documentários sobre as ilhas do Pacífico, que costumava apresentar em Paris, na sala Pleyel. Era um dos homens que melhor conhecia a Oceania.

Não tinha nem precisado lhe mostrar a foto de Freddie. Ele já o encontrara várias vezes, quando acostava na ilha de Padipi. Descreveu-me Freddie como um homem medindo quase três metros, que jamais saía de sua ilha, ou então, sozinho no seu barco, uma escuna, efetuava longos périplos ao longo do atol dos Touamotou, e até mesmo às Marquesas.

Fribourg propôs-se a levar-me à ilha de Padipi. Embarcamos numa espécie de barco de pesca. Estávamos acompanhados por um maori obeso, que não se desgrudava de Fribourg. Creio que viviam juntos. Era um estranho casal, o que formavam esse homenzinho, com ar de antigo escoteiro, vestido com uma calça de golfe gasta e uma camiseta e usando óculos com armação metálica, e o gordo maori de pele cor de cobre. Este estava vestido com um pareô e um colete de algodão azul-celeste. Durante a travessia, contou-me Fribourg, com voz suave, que, adolescente, jogou futebol com Alain Gerbault.

XLVII

Na ilha, seguimos por uma aleia coberta de grama e margeada por coqueiros e árvores de fruta-pão. De vez em quando, um muro branco baixo marcava o limite de um jardim, no meio do qual se erguia uma casa – sempre a mesma – com uma varanda e um teto de zinco pintado de verde.

Desembocamos numa grande pradaria cercada de arame farpado. Do lado esquerdo, era limitada por um grupo de galpões, entre os quais uma construção de dois andares, de cor bege-rosado. Fribourg explicou-me que se tratava de um antigo aeródromo, construído pelos americanos durante a guerra do Pacífico, e que era lá que vivia Freddie.

Entramos na construção de dois andares. No térreo, um quarto mobiliado com uma cama, um mosquiteiro, uma escrivaninha e uma poltrona de vime. Uma porta dava acesso a um banheiro rudimentar.

Tanto no primeiro quanto no segundo andar, os cômodos estavam vazios e faltavam vidros nas janelas. Alguns gravetos no chão dos corredores. Fora deixado dependurado, numa parede, um mapa militar do Pacífico Sul.

Voltamos ao quarto que devia ser o de Freddie. Pássaros de plumagem marrom passavam pela janela entreaberta e pousavam, em grupos compactos, sobre o leito, sobre a escrivaninha, e sobre a estante de livros perto da porta. Chegavam em número cada vez maior. Fribourg disse-me que eram melros das Molucas e que roíam tudo, papel, madeira, até mesmo as paredes das casas.

Um homem entrou no quarto. Usava um pareô e uma barba branca. Falou ao gordo maori que seguia Fribourg como sua sombra, e o gordo traduzia, rebolando ligeiramente. Há uns quinze dias, a escuna na qual Freddie queria viajar até as Marquesas tinha vindo se arrebentar contra os recifes de coral, e

Freddie não se encontrava mais a bordo.

Perguntou se queríamos ver o barco e nos levou à margem da laguna marítima. O barco estava lá, com o mastro partido, e nos seus flancos, para protegê-lo, velhos pneus de caminhão tinham sido amarrados.

Fribourg declarou que, assim que voltássemos, pediríamos que fossem feitas investigações. O gordo maori com colete azul-claro falava com o outro, com uma voz muito aguda. Podia-se acreditar que soltava gritinhos. Logo após, eu já não lhes dava nenhuma atenção.

Não sei quanto tempo permaneci às margens da laguna. Pensava em Freddie. Não, certamente ele não desaparecera no mar. Decidira, certamente, cortar as últimas amarras e devia estar escondido num atol. Eu acabaria encontrando-o ainda. E, além disso, era preciso tentar uma última procura: retornar ao meu antigo endereço em Roma, naquela rua em Roma, rua das Lojinhas Obscuras, 2.

A noite caiu. A laguna apagava-se aos poucos, à medida que sua cor verde se dissolvia. Sobre a água corriam ainda sombras cinza-violeta, com uma vaga fosforescência.

Tirara de meu bolso, maquinalmente, nossas fotos, que queria mostrar a Freddie, e entre elas a foto de Gay Orlow quando menina. Não percebera até então que ela chorava. Podia-se adivinhar isso pelo franzir das suas sobrancelhas. Por um instante, meus pensamentos me carregaram para longe dessa laguna, no outro extremo do mundo, numa estação balneária da Rússia do Sul, onde fora tirada a foto, muito tempo atrás. Acompanhada da mãe, uma menina volta da praia, no crepúsculo. Ela chora à toa, só porque gostaria de continuar brincando. Ela se afasta. Ela já virou na esquina, e nossas vidas não são também tão rápidas para se dissiparem na noite quanto essa mágoa de criança?

A poção mágica de Modiano por Bernardo Ajzenberg

Ocorre normalmente de um autor ter prestígio crítico mas não ser reconhecido com premiações; ou ter uma coleção de troféus mas pouca receptividade acadêmica; ser bem-visto por resenhistas mas não ter público; ser laureado mas carecer de popularidade ou vice-versa. Patrick Modiano é dos poucos escritores contemporâneos cuja trajetória reúne isso tudo: público, prestígio e, podemos dizer, glória. E *Uma rua de Roma* certamente faz parte dos livros que mais explicam essa rara confluência.

O êxito de Modiano reside na preparação de uma espécie de poção mágica cujos ingredientes não são difíceis de identificar – seu segredo parece estar, sim, na dosagem e no tempero estilístico que consegue aplicar no processo de finalização do “caldo”.

Estamos diante de um texto fluido, breve, de capítulos curtos, sem fraseados rebuscados ou digressões pretensamente eruditas; sem nenhum exibicionismo formal. As referências geográficas são precisas: ruas e bairros parisienses facilmente encontrados em qualquer mapa; estabelecimentos realmente existentes (hotéis, prédios, parques, lojas). O momento “presente” explicitado: 1965. No entanto, por trás dessa simplicidade (que desde já pode ser considerada o primeiro dos ingredientes de sua poção), esconde-se um jogo estranho.

Se a busca do amnésico Guy Roland (ou seria Pedro McEnvoy, ou Jimmy Stern?) por seu passado e especialmente pela sua identidade ocorre, em termos narrativos, de modo linear, na sucessão de encontros com uma série de

personagens supostamente ligados à sua história, esta mesma história, ao longo do romance, vai-se compondo também de outras formas. Em especial, com a intrusão de capítulos rememorativos narrados pelo próprio protagonista – e não mais a partir, apenas, da memória pouco confiável de gente como um fotógrafo de moda aposentado, um caseiro, um pianista decadente ou um conhecido jóquei inabilitado por invalidez. O tempo, assim, flutua, volátil, cambiante. A memória surge como parte integrante do presente, não como uma peça congelada e circunscrita ao passado.

Mas não apenas isso. Modiano lança mão de catálogos telefônicos, fotografias antigas, cartões-postais, cartas, recortes de jornal, bilhetes – nada lhe escapa como instrumento narrativo. “Não acha que ele se parece comigo?”, pergunta Guy insistentemente a seus interlocutores depois de exibir uma foto em que consta um jovem que poderia ser ele. Como se a história de sua investigação quase policial fosse contada por diversos elementos superpostos ou mesclados, num quebra-cabeça que será montado, ao final, em um clima de suspense, pelo leitor.

Desse jogo oblíquo do autor faz parte, também, o uso muito particular de certas fixações. Por exemplo, a cor verde, que aparece tantas vezes neste romance, seja no sobretudo da mulher amada (Denise), seja em um muro ou na parede de uma casa; o jeito de um bigode; canções assobiadas. Temos a impressão de que o narrador tenta encontrar também a sua “madeleine”. Ou, ainda, numa das formas típicas de descrição que só muito refinamento autoral pode produzir. Ao final do capítulo XV, por exemplo, saindo de um de seus encontros/interrogatórios cheio de desencanto e mergulhado na confusão, o protagonista conclui: “... eu não era nada, mas ondas me atravessavam, ora longínquas, ora mais fortes, e todos esses ecos espalhados que flutuam no ar se cristalizavam e eram eu.”

Como em quase toda a obra de Modiano, também este *Uma rua de Roma*

tem como pano de fundo a Ocupação alemã da França, entre 1940 e 1944 – um dos períodos mais traumáticos e mais estudados, até hoje, da história europeia. A amnésia de Guy tem origem em um trauma ocorrido durante uma tentativa de fuga. O clima sombrio da Paris daquele período aparece com nitidez, assim como a profunda cisão operada na sociedade francesa pela presença nazista. O labirinto (elemento mencionado, aliás, no capítulo XI) percorrido pelo protagonista na procura de sua identidade é, certamente, aquele em que seu próprio país está perdido, mesmo vinte anos depois do final da Guerra. Quase ao final do livro (capítulo XL), numa carta ao seu ex-patrão da agência de detetives em que trabalhava, ele reconhece: “Até aqui tudo me pareceu tão caótico, tão fragmentado... Farrapos, estilhaços de alguma coisa voltavam a mim bruscamente ao longo das minhas investigações... Mas afinal, talvez seja isso, uma vida... Será que se trata realmente da minha? Ou da de um outro para dentro da qual escorreguei?”

Desnortado, girando vertiginosa e erraticamente em torno de si mesmo, sem referências claras, vulnerável, deslocado – esse é o personagem que Modiano constrói. A verdade, assim como nossa própria identidade, parece inatingível; não há, necessariamente, solução para os nossos enigmas. Não por acaso, porém, o autor molda esse personagem às meias, sem revelar sua integralidade. A investigação, ao contrário do que provavelmente ocorreria se estivéssemos diante de um ficcionista banal, não se encerra com o final da obra. Guy Rolland não pode parar, não sabe como parar. Ele ainda insistirá, anunciando ir atrás de uma rua de Roma (na Itália), a qual dá o título ao livro mas que, pela magia da arte de Modiano, nos é dado visitar apenas na imaginação. E não podem compor, essa busca infundável, essa indefinição, o retrato de nossa época, meio século depois?

PATRICK MODIANO teve estreia precoce na literatura, lançando o primeiro livro, *Place de l'Étoile*, aos 23 anos, em 1968. Com apenas dez anos de carreira foi consagrado com o prêmio máximo francês, o Goncourt, recebendo na mesma ocasião o Grande Prêmio de Romance da Academia Francesa, ambos pelo livro *Uma rua de Roma (Rue des Boutiques Obscures)*. No ano 2000 foi agraciado com o Grande Prêmio de Literatura Paul Morand pelo conjunto da obra, reconhecimento de um talento invulgar que a atribuição do Nobel de 2014 veio ratificar em escala mundial.

Autor de 30 romances e de um total de 40 livros, que incluem obras infantis e de não ficção, Modiano se dedicou também à redação de roteiros cinematográficos, entre os quais o do célebre filme *Lacombe Lucien*, escrito em parceria com o diretor Louis Malle, em 1974.

Admirado e festejado pela irretocável beleza de seu estilo claro e fluente, Modiano curiosamente afirmou: “O que amo na escrita é, sobretudo, o devaneio que a precede. A escrita em si mesma, não, pois não chega a ser tão agradável. É preciso materializar o sonho na página, e, portanto, sair do mundo dos sonhos.”

Título Original

RUE DES BOUTIQUES OBSCURES

© Éditions Gallimard, 1969

Direitos desta edição reservados à

EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar

20030-021 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br

www.rocco.com.br

Coordenação Digital

LÚCIA REIS

Assistente de Produção Digital

JOANA DE CONTI

Revisão de arquivo ePub

CECILIA C. B. CAVALCANTI

Edição Digital: dezembro, 2014

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

P341r

Modiano, Patrick

Uma rua de roma [recurso eletrônico] / Modiano Patrick ; tradução Herbert Daniel,
Cláudio Mesquita. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2014.

recurso digital

Tradução de: Rue des boutiques obscures.

ISBN 978-85-8122-502-9 (recurso eletrônico)

1. Romance francês. 2. Livros eletrônicos. I. Daniel, Herbert. II. Mesquita,
Cláudio. III. Título.

14-18089

CDD: 843

CDU: 821.133.1-3